

# ILUSTRAÇÃO

N.º 215 — 9.º ano







# O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**ACABA DE SAÍR**

a 2.<sup>a</sup> edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

**É um livro de tudo e para todos**

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



SAMUEL MAIA  
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

# O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 LISBOA

USE O CREME

## Rainha da Sungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE



M.<sup>o</sup> CAMPOS  
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELLEZA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso Caixa Postal 212 Lourenço Marques

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

## CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

**ESC. 20\$00**

## MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

**ESC. 20\$00**

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

**ESC. 25\$00**

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O «ROUGE» FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

# RITZ

AGENTES: STETTEN & C.º lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)  
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada)	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada)	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colónias (Registada)	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Brasil (Registada)	—	67\$00 91\$00	134\$00 182\$00
Outros países (Registada)	—	75\$00 99\$00	150\$00 198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

## VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



Depressões e tódo o mal-estar físico teem uma cura simples. Dois comprimidos de Cafiaspirina restituem o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

# Cafiaspirina

O PRODUTO BAYER DE CONFIANÇA





# Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA  
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante  
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as  
principais casas editoras de **ESPAÑA,  
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,  
ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**  
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros  
para o ensino primário e secundário

**LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS**



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques  
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

## PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório  
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO  
E FABRICO  
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. **MINERVA**

**LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

## O JÓGO DA MODA

# MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

**Esc. 3\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

<b>ANATOLE FRANCE</b> (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
<b>ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES</b> — 356 págs. brochado..	12\$00
<b>ESTRADA DE SANTIAGO</b> (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica. — 408 págs., brochado.....	12\$00
<b>FILHAS DE BABILÓNIA</b> Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado .....	12\$00
<b>O HOMEM QUE MATOU O DIABO</b> (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
<b>JARDIM DAS TORMENTAS</b> (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado .....	12\$00
<b>TERRAS DO DEMO</b> (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
<b>VIA SINUOSA</b> (Romance) — 360 págs., brochado .....	12\$00
<b>A BATALHA SEM FIM</b> (Romance — 308 págs., brochado...)	12\$00
<b>AS TRES MULHERES DE SANSÃO</b> (Novelas) — 268 págs., brochado .....	10\$00
<b>MARIA BENIGNA</b> (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
<b>É A GUERRA</b> — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado .....	12\$00



**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações  
francesas, inglesas, alemãs: semanais,  
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças  
— Sports — Humorismo  
— Música — Política — T. S. F. —  
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,  
mensais e de estação, tais como :

*Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les En-  
fants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots  
— Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's  
Ladies Journal — The Lady Fashion Book —  
Die Dame, etc.*

**JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS**

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



# ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em todas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se à venda em todas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado ..... **10\$00**

Encadernado luxuosamente ..... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**Grande sucesso literário:**

**À VENDA O 5.º MILHAR**

**JÚLIO DANTAS**

## AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génèbra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... **12\$00**

encadernado... **17\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

**Sexo Forte** — (2.ª edição), 1 vol enc 13\$00. br. . . . . **8\$00**

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tazij) de cujo corpo parece exalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

**Braz Cadunha** — 1 vol. br. .... **6\$00**

**Entre a vida e a morte** — 1 vol enc. 12\$00; br.. **7\$00**

**Luz perpetua** — 1 vol. enc 12\$00; br..... **7\$00**

*Luz Perpetua* ficará entre: os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós: romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

*Luz Perpetua* é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

**Lingua de Prata** — 1 vol. enc 13\$00; br..... **8\$00**

**Meu (O) menino** — 1 vol enc. 17\$00; br..... **12\$00**

**Mudança d'Ares** — 1 vol. br. .... **10\$00**

*Mudança d'Ares* é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

*Mudança d'Ares*, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugecitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

*Mudança d'Ares* é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

*Mudança d'Ares* é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino / Forjaz de Sampaio*.

**Por terras estranhas** — 1 vol br. .... **4\$00**

**Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. .... **35\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

**Rua da Condessa, 80 — LISBOA**





**Refeições saudáveis sem maçada**

Não há tempo para preparar um pequeno almoço a correr?  
 Não ha paciência para preparar um lunch na cozinha?  
 Que convirá dar às crianças ao deitar?

A resposta está num pacote de Corn Flakes KELLOGG'S.  
 Ricos em energia e cheios de valor nutritivo.

Sirva KELLOGG'S directamente do pacote para o prato. Junte-lhes apenas um pouco de leite.

**Kellogg's  
 CORN FLAKES**



A' venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

**DISTRIBUIDORES:**  
**FIGUEIRA & ALMEIDA**  
 Rua da Madalena, 88  
 LISBOA

740

*Grande sucesso literário*

**A VENDA  
 O 3.º MILHAR**

**E A GUERRA**

**Diário da grande conflagração europeia**

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 304 págs., broc.  
 12\$00  
 encad. .... 17\$00

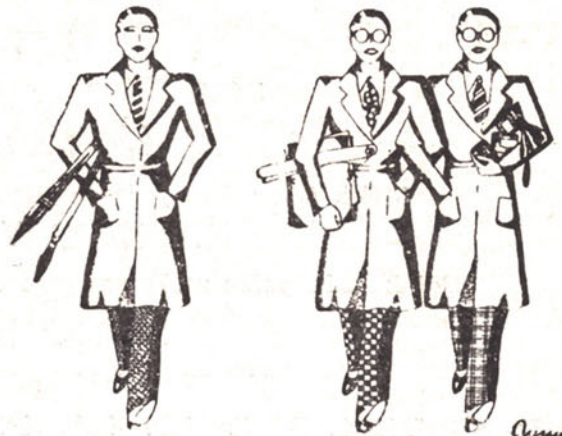
Pedidos à.

**Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75  
 LISBOA

**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE  
 2 1368

**BERTRAND  
 IRMÃOS, L.ª**

**TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA**

**Estoril-Termas**

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
 E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua fermal,  
 Banhos de agua do mar  
 quentes, BANHOS CARBO-  
 GASOSOS, Duches,  
 Irrigações, Pulverisações,  
 etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
 Calor, Electricidade  
 médica, Raios Ultra-  
 violetas, DIATERMIA  
 e Maçagens. — — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



**Consulta médica: 9 às 12**

**Telefone E 72**

**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA**

**Telefone 2 2074**

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

**LEONOR TELLES**

de **MARCELINO MESQUITA**

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindissimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

**Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O sr. Conde de Penha Garcia realizou em Roma uma conferência subordinada ao título de Colónias Portuguesas em Africa.

Não fôra o tema escolhido, o facto constituiria um caso de intercâmbio cultural a todo o momento repetido e entrado nos costumes, a que se daria o valôr académico que merecesse, sem dúvida elevado, atendendo ao saber, inteligência e bom gosto do auctor.

Versasse apenas um ponto de direito, economia, ou finanças resultaria uma lição muito apreciavel no conceito e forma, coberta de aplausos pelos entendidos, registada na crónica das relações científicas, e nada mais.

Ora o caso tomou feição diversa do corrente nesse meio, justamente aquela que o transforma em acontecimento público, de interesse geral, portanto digno de mencionar entre os sucessos notaveis da quinzena.

A circunstância peculiar que distinguiu a conferência, foi a de apresentar ao auditório estranho a obra colonial portuguesa, tal como deve tornar-se conhecida dos que tendenciosamente fôram induzidos em erro e desorientados de todo o seu sentido real. É bem sabido que uma propaganda falaciosa, de procedência vária, se interessava em apoucar o nosso esforço, apresentando-o como impotente, daí propôr-se que nos exonerassem de gerir a extensa área do glôbo que o destino nos entregou. Afirmavam os empenhados na divulgação da mentira que não dispunhamos de capacidade demográfica, nem financeira, técnica, administrativa e política para levar a aproveitamento condigno o vasto território coberto pela nossa bandeira. E porque nunca soubemos opôr-lhe o testemunho de factos em abono do contrário, permitimos que, mercê de tamanho desleixo, a fábula corresse mundo e se infiltrasse no ânimo de povos colonialistas e mesmo no dos simples aspirantes a título dessa gravidade.

O sr. Conde de Penha Garcia em Roma que é tribuna em condições de imprimir ás vezes dilatado alcance, demonstrou com documentação apropriada que o mais antigo povo colonial, entre os actuais, soube pautar como convinha o seu procedimento; e que dentro de boa regra, deduzida de experiência, conduzida com tino promovera o que podia e devia ser executado. Provou que ninguém adiantaria mais nem melhor, uma vez que quizesse proceder com prudência e método aprendido em longa prática.

Não se improvisa a qualidade e o sentido de povo independente, e muito menos a de colonial, traduzida em 4.000 qui-

## CRÓNICA DA QUINZENA

lómetros de caminhos de ferro e em 64.000 de estradas transitáveis. É de supôr que por semelhantes ou próximas palavras este teorema ficasse posto com toda a claresa.

E agora só ha a desejar que a lição se repita em outras línguas, que se lhe dê a amplitude necessária para ficar patente que na difícil matéria o português é mestre velho e não precisa instruções, conselhos, nem auxílios de ninguém.

Correm pouco propícios os fados aos reis sem trono, particularmente aos da península ibérica.

Um vive de esmolas, outro de bens adquiridos não se sabe como, um terceiro pretende viver de expedientes a começar pelo applicavel á justificação da sua pretensa realza. Dos três é mais estimavel o último pelo bem que faz ao baço com a acção desenvolvida através do mundo.

Um rei de Andorra não teria ocorrido ao mais engenhoso comediógrafo.

O facto nos prova que não há necessidade de sair de casa quando se queira tomar um desenfado. Basta ler o jornal para satisfazer a necessidade de cómico própria do homem e saziar a vontade de rir.

Em Braga assentou noutras eras a monarquia dos suevos. Foi ali a capital e residência da côrte. A dinastia desapareceu pela maneira singular e obscura que nas horas revoltas envolve as congéneres. Nada pois mais aceitavel do que existir um representante dessa velha estirpe real. Oferece-se esta mina aos dotados de temperamento imaginativo.

Não haverá quem queira habilitar-se a rei de Braga?

O fascismo acabou com os paúis pontinos que desde o tempo dos cesares empestavam a população e demonstravam o desmazelo dos governos de Roma. O salazarismo pretende acabar as obras de Santa Engrácia que há séculos se

apresentam como símbolo do desleixo nacional.

A diferença entre os dois consiste em que o italiano continha uma parte trágica que no nosso se consubstancia em cómico. O caso português é alegre. Esta síntese ou espelho do carácter ocidental diverte, não prejudica; pode mesmo faser uma certa falta, pelo menos á composição literária que nem sempre dispõe de abundância de imagens.

Se as famosas obras acabassem aonde arranjariamos depois um modo conciso de exprimir o feito «amanhã se Deus quiser» que o destino nos deu? Não parece de bom aviso, ou pelo menos não é simpático à natureza do lisboeta separar-se de coisa a que tanto se afeiçoou e parece faser parte da sua fisionomia, andar-lhe metida na alma, ou no coração. Lisboa sem Santa Engrácia, sem as ruínas do Carmo, ou sem a travessa do Cotovelo não se entende, fica desconhecida, perde o sabor que estamos habituados a encontrar-lhe.

A não ser que esteja já fabricado um homem diferente do usado até 1930, com geitos e gostos, vista e ouvido adaptado a outra paisagem, parece preferível deixar estar o que está. O Estado Novo por muito boa vontade que lhe assista, ainda não conseguiu preparar esse «homo salazarianus» activo, ralado com a obrigação, desejoso de cumprir o seu dever.

Emquanto persistir o bôca-aberta, com o cós das calças a escorregar pelas trazeiras abaixo, sem telefone, acesso, ou comunicação para o interior, melhor será mão bulir com os préstimos a que o acustumaram.

Ora pode ser também que o acabamento do famoso templo com destino a panteão nacional venha a entrar no grupo das incontaveis obras de Santa Engrácia, tais como a ponte sôbre o Tejo, o Palácio da Justiça, o dos Correios, o Parque da Cidade, o Diabo a Quatro.

Prosegue a montagem do novo sistema político, modelo século xx que entra na linguagem comum com o título de corporativo. O que será ou não será em virtudes e defeitos há-de diê-lo a experiência depois de largo tempo de applicação. Por enquanto constitue projecto, ou programa de vida que ninguém pode prever como satisfará às exigências da prática social.

Que o seu uso se apresenta de difícil manobra mostra-o o exemplo italiano que em oito anos de ensaios ainda não achou a técnica apropriada.





Retrato de D. Maria I existente no Ministério dos Negócios Estrangeiros

de elaborar a traça de um palácio que, em tudo, fôsse digno daquela soberbíssimo local e da sua muito amada Lisboa.

Assim foi e fôlmente cumprida essa vontade régia, pois que, pouco tempo depois, era presente à Rainha o bem elaborado projecto onde se debuxava um grandioso edificio de estilo neo-clássico, com quatro extensas fachadas dispostas em forma quadrangular, voltadas, cada uma, a um dos quatro ventos cardeais, formand-

QUANDO o terramoto de 1755 derrubou o magnífico Paço Real da Ribeira, mandou El-Rei D. José I, aconselhado pelos físicos da corte e pelo Brigadeiro-Mór, Manuel da Maia, construir sobre o eminente planalto da Ajuda, lugar extremamente salubre que esse cataclismo poupára, uma mui sumptuosa barraca ou casa de campo régia, em madeira, para onde, depois de concluída, e abandonando as belíssimas tendas que, para segurança das reais pessoas, tinham sido armadas nos deliciosos jardins do Palácio de Belem — em que então se achava veraneando ainda —, se transferiu com toda a sua família.

Tanto se afeição esse monarca, a estes amenos e alegres sítios, que mandou tornar mais habitável o improvisado palácio em pau e estuque que, tal como o seu Paço de Salvaterra, foi, até à sua morte, sua residência preferida, tendo o sido também, de sua filha, a Princesa do Brasil, D. Maria Francisca, a qual, depois de proclamada Rainha, ainda aí viveu até que um pavoroso incêndio que completamente o destruiu, a obrigou a domiciliar-se na Casa do Infante de Queluz que, seu tio e marido, já tinha transferido na mais linda e galante vivenda de Portugal.

Enviuada de D. Pedro III, não podia resignar-se essa piedosa soberana a viver afastada daqueles desafogados sítios onde passára, feliz, a sua despreocupada mocidade, razão por que incumbiu o reputado architecto José da Costa e Silva, hábil delineador do Real Teatro de S. Carlos,

do-se, entre elas, no espaço central, dois vastos terreiros, com serventia por aparatosos vestíbulos colocados nos dois corpos principais opostos, e rematado, nos ângulos ou gavetos, por majestosos torreões decorados de harmoniosas balaustradas suportando marciais trofeus, e que eram sobrejogados por imponentíssimas cúpulas encimadas por elegantes lanternins.

Várias eventualidades concorreram para que, só passados alguns anos, e sendo D. João VI Regente do Reino, em nome de sua mãe, a Rainha D. Maria I — então desvariada de juízo, segundo diziam, por haverem sido decapitados em França, os seus infortunados parentes, Luiz XVI e Maria Antonieta — se lançasse, solenemente, a primeira pedra do Real Paço da Ajuda.

Apesar de a sua construção ter sido, successivamente, dirigida pelos architectos José da Costa, Francisco Fabri, Manuel Caetano e Francisco Rosa, nem a metade, sequer do assombroso edificio projectado, foi concluído; e, depois de D. Miguel I, à sua custa, ter dado grande impulso à execução dos trabalhos, mandando até colocar a maioria das estatuas nos nichos do seu vestíbulo da entrada principal, que passa por ser um dos mais belos átrios da Europa, e onde, então, já existiam as admiráveis estatuas esculpidas pelo grande Machado de Castro, simbolizando a Gratidão, o Conselho e a Generosidade — as quais, para nossa vergonha, se encontram mutiladas — depois dessa distanciada época, iam dizendo, ninguém mais houve, que prosseguisse essa recomendável obra.

O AFORMOSEAMENTO NOSSA CAPITAL

A reconstrução do Palácio da Ajuda

Até mesmo depois, os seus brigantinos successores, nas próprias bochechas régias, se permitiram ofuscar-las com mactios vegetais e toda a casta de casebres e casarões, chegando-se até, ao cumulo de, junto a ela, deixarem derrocar a mais elegante torre sineira de todo o Patriarcado; e a paralisação total d'esses trabalhos, no momento histórico em que, D. Miguel, Rei de Portugal foi destronado por seu irmão D. Pedro, Imperador do Brasil, veio por assim dizer, fechar o ciclo notável em que tanto se estava enobrecendo a construção civil nacional, a qual, depois dessa data, abstractamente, se entretive, sem rei nem roque, a transformar extintos Conventos, em toda a casta de instalações do Estado.

Portanto, bem se andou agora, após uns cem anos de constitucionalismo, em fazer publicar uma portaria que, além de outras coisas, diz o seguinte: — «São bastante escassos os palácios nacionais que existem no País, e até mesmo Lisboa se não pode orgulhar de os possuir com o valor histórico ou architectónico que a capital merecia. É bem conhecido de todos o Palácio da Ajuda, vasta edificação, embora inacabada, que, iniciada no principio do século passado no sítio chamado Palácio Velho, domina pela sua posição magnífica toda a beira do Tejo e a vertente sul da cidade até Santos. A sua grandeza architectónica estão ligados factos do maior realce da História do Constitucionalismo. Conservá-lo como está seria prolongar o aspecto desagradável que oferece aos visitantes toda a ala voltada ao nascente que está em grande parte por construir. Por isso, manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério das Obras Públicas, nomear o architecto Raúl Lino para elaborar o projecto de reconstrução do referido palácio, sem perder de vista as suas exigências construtivas, mas adentro do principio de rigorosa economia que domina toda a actividade do Estado».

Com o mesmíssimo propósito já dissemos há alguns anos: Propor-se o Paço da Ajuda, o primeiro edificio a divisar-se do alto mar, ao demandar o famoso Porto de Lisboa, e também aquele que, como o da Basílica da Estrêla, melhor corôa as eminências da cidade, para decora da Nação, deveria êle ser todo fielmente concluído, o que aliás, bem poderia fazer-se, no caso de haver o bom critério de, a isso se aplicar a verba que se destina, inglôriamente, à adaptação de velhos edificios em instalações do Estado; e, depois de isto alcançado, com o aprumo requerido, instale-se aí um grande Museu do Património Nacional, e a Biblioteca Pública e o Arquivo da Torre do Tombo — tão mal acomodados em escânos conventuais — deixando-se, bem entendido, intacta a parte existente do antigo Palácio Real que, com as suas decorações e preciosidades distribuídas pelas Salas do

Trono, da Aclamação, da Regência, e outras, constitui um dos mais apreciáveis repositórios de Arte do País.

Nada perderiam os artistas, os estudiosos e os investigadores com um tal afastamento! Nos tempos progressivos que atravessamos, não há longe nem perto nas grandes urbes. Os modernos processos de locomoção acelerada, permitem alcançar tôdas as distâncias rapidamente.

Pelo visto é chegado também o momento de, no alegrete central do jardim que venham a traçar no vasto largo fronteiro à fachada principal do palácio, se erguer o monumento a D. Maria I, que o sagaz intendente Pina Manique mandára executar em Roma, ao architecto italiano Gerardo Róssi e ao escultor português José de Aguiar, e, que, delapidado das quatro interessantes estatuas actualmente existentes na Avenida da Liberdade, se guarda no solitário Museu Arqueológico do Carmo.

Há sete anos, quando também sugerimos a sua colocação na via pública, disse um dos nossos mais distintos artistas, referido radiante por haver achado uma pessoa que vindo ao encontro de uma aspiração sua, caso secundário, poderia tornar-se uma realidade a erecção do referido monumento, desejando, porém, frisar bem, que só o preocupavam intuitos de ordem artística, pois, como todos sabiam, a História apontava essa rainha como um simbolo de reaccionarismo jesuítico.

Foi então que, para desfazer êrros e esclarecer verdades, escrevemos aproximadamente o que se segue.

Estando o país a ser invadido por uma forte corrente nacionalista que, por sua vez, veio revigorar os organismos municipais, patriótico seria que o mau-senso e o absurdo, não encontrassem publicidade, a qual, neste caso, vindo envenenar espíritos suggestionáveis de gente nossa, tanto mal tem feito e poderá fazer, à Terra



Portuguesa. O vendaval devastador, que o rubro triunviro de Danton, Robespierre e Marat soprou de França, fez embriagar o cérebro de quasi todos os historiadores do século passado, não os deixando ver, através o espesso véu das paixões sectárias, as virtudes de muitas fronteiras coroadas da Europa, e é essa, a verdadeira razão que justifica vermos injustamente apoucada, nas páginas da nossa história, a figura da benemérita Senhora D. Maria I.

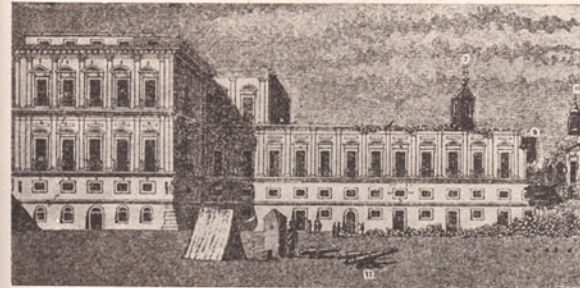
Beckford, illustre e opulento inglês que tanto frequentou a sua corte, por esta maneira a retratou e encareceu, nas suas célebres cartas sobre a viagem a Portugal: — «Ao ver a Rainha, as suas maneiras me fizeram impressão por serem características de majestade e agrado; parece nascida para governar, mas, ao mesmo tempo, para fazer aquela suma autoridade mais querida que temida. A justiça e a clemência, mote ou divisa tão enormemente mal aplicada na bandeira da detestável inquisição, pode ser transferida, com a mais restricta verdade, para esta boa Princesa. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as suas colónias, a prudente neutralidade em que ela perseverou, foi do mais vital benefício para os seus domínios, e, até agora, o comércio nacional português, tem-se elevado sob os benignos auspícios da Rainha, a um grau de

prosperidade que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortesia que a sua presença inspira». Fabulam lendas mitológicas, que Semiramis, rainha dos impérios caldaicos, fôra glorificada pelo seu povo, por haver levantado, na assírica cidade de Babilonia, o templo de Belo, os cais do Eufrates, os palácios publicanos e os jardins suspensos, com os quais os babilônios deram ao mundo, a sétima maravilha.

Por idêntico motivo, é também aquela piedosa rainha portuguesa, crêdora da estima pública, por ser a soberana que ergueu as sacras joias da Estrela e da Bemposta; que ordenou a reconstrução dos templos, que seu pai, o Rei, D. José I, iniciára após o terremoto; que construiu muitas das mais lindas fontes da capital; que cedeu o terreno do picadeiro da Casa de Bragança, para nêle se edificar o Real Teatro de S. Carlos, e que, ao mesmo tempo de um magnífico jardim botânico, mandou delinear o acima referido Paço da Ajuda que, caso agora seja concluído integralmente, passará a ser um dos mais grandiosos da Europa. Não ficarem por aqui as benemerências feitas à cidade por esta grande amiga de Lisboa, pois que, com a sua boa vontade e a orientação de hábeis ministros da escola de Pombal, fundou a Academia das Ciências, a Casa Pia, a Escola de Marinha e a Biblioteca Nacional, dotando-a, também com os primeiros serviços de policiamento e de iluminação pública que, até ao seu reinado, ainda não estavam regulados.

Assim, bem andaria a Mui Nobre e sempre Leal Cidade, «Empório do Mundo e Princesa do Mar Oceano», em mandar levantar o referido monumento — de clássico sabor grego —, como tributo de gratidão a tão Augusta Soberana, de quem esta capital tantos benefícios recebeu, e que, para orgulho nacional, repouso, em severo túmulo, na pomposa Basílica da Estrêla, que a sua devoção fez erigir na dominante colina de Buenos Aires, onde, lá no alto, com as suas tôrres e o seu simbório deslumbrantes, sob a égide do Sagrado Coração de Jesus, ficou, por Ela, a velar Lisboa.

O palácio da Ajuda



Paço da Ribeira (cópia duma gravura da época): 1 — Grande sala que servia para os enbaixadores; 2 — Biblioteca; 3 — Quarto do marquês de Abrantes; 4 — Janela por onde lançaram Miguel de Vas. oco; 5 — Janela onde se armava a tribuna régia para as funções publicas; 6 — Porta da Índia; 7 — Torre do Relógio; 8 — arco que conduzia ao Terreiro do Paço; 9 — Palácio do Conde da Ribeira; 10 — Torre da Jfreguesia de N. S.ª dos Martires; 11 — Peças de artilharia com que se tentou deitar abaixo as ruínas



D. Alice Ogando



D. Alice Ogando, a poetisa querida da «Chama Eterna» acaba de publicar mais um livro de versos deliciosos — «Marias da minha terra» — que nos prendem e nos encantam. Uma das poesias desta nova obra, sendo publicada na «Ilustração» arrancou lágrimas de saudade aos portugueses que se encontram nos confins do Novo Mundo e que nos escreveram salientando o seu carinho e a sua gratidão á inspirada escritora que tão bem soube auscultar a alma da nossa pátria. «Marias da minha terra» é o mais belo livro de D. Alice Ogando — a poetisa excelsa do Amor ardente e da Tristeza orgulhosa.

Alberto de Serpa



O poeta Alberto de Serpa publicou mais um livro de versos «Varanda» que «simples, sem o enfeite de rosas a abrir e a agradar aos olhos» é nêle que o sonhador interroga o destino e acalenta a esperança e do qual, segundo nos diz «avista tudo o que se não vê. Os poetas lembram lirios inocentes. Santa ingenuidade a sua... Ainda há lirios brancos pelo mundo...

O embelezamento do Parque Eduardo VII



Na escada principal do pavilhão das festas do Parque Eduardo VII vão ser colocadas duas estatuas representando a Ciência e a Arte, do ilustre escultor Raul Xavier. Cada uma tem 3,30 de altura.

## FIGURAS E FACTOS

Homenagem a Plácido de Abreu



COMEMORANDO a data do aniversário do malgrado aviador Plácido de Abreu, os seus antigos condiscipulos do Colégio Militar, realizaram no dia 21 do mês findo diversas homenagens à sua memória. No claustro do Colégio foram descerradas pelo filhinho do saudoso aviador duas lápidas de homenagem a seu pai.

A cerimónia, que revestiu uma tocante simplicidade, terminou com o desfile em continência do batalhão de alunos pelo claustro em frente das lápidas ali colocadas.

Dr. Nuno Simões



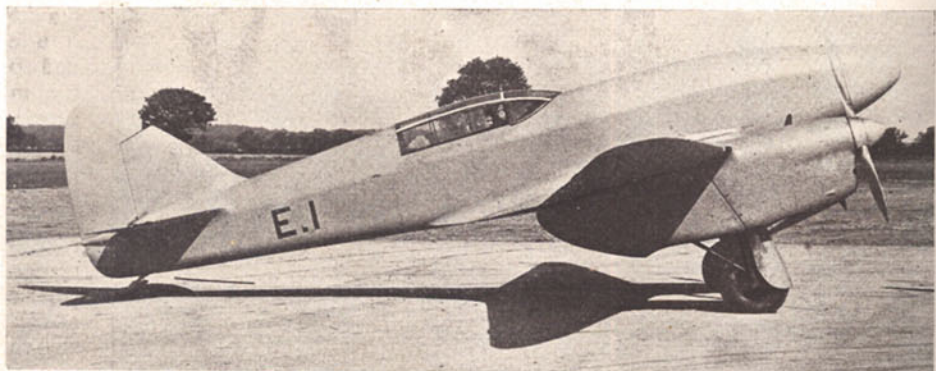
O dr. Nuno Simões, figura marcante da nossa Pátria, publicou mais um notável trabalho «O Brasil e a emigração portuguesa» que constituiu um magnífico estudo do qual todos temos a aprender. Convidado pela Casa do Minho, do Rio de Janeiro, o dr. Nuno Simões visitou o Brasil, e, neste livro, que trata da emigração portuguesa e do problema da sua navegação para as terras de Santa Cruz, salienta o ensejo que teve para admirar a grande Nação de além-mar e o labor infatigável dos portugueses que nela vivem.

Augusto Ricardo



AUGUSTO RICARDO, poeta e jornalista brilhante acaba de fazer gemer os préios com um novo livro que intitulou «Motivos de teatro» e que despretenciosamente apresentou como apontamentos simples, rascunhados á pressa, entre uma notícia da rua e um artigo a concluir. Jornalista — e dos que valem — Augusto Ricardo publicou um livro, não só interessante e atraente, mas proveitoso e útil. Se o seu valor como poeta estava já sobejamente demonstrado, a sua competência de crítico ficou provada neste novo livro.

Um «record» português de aviação



Os distintos pilotos portugueses, tenente Costa Macedo e Carlos Bleck projectam um audacioso vôo transoceânico que baterá todos os «records» existentes de ligações rápidas entre a Europa e a América do Sul. Tencionam ir de Lisboa ao Rio de Janeiro em menos de dois dias, utilizando o «Comet» que a nossa gravura apresenta.

Não nos assombramos com tão ousada iniciativa, atendendo à coragem e à competência dos dois pilotos que a projectam. Além disso, são portugueses e como se sabe, um português vai sempre onde quere.

Dr. Carlos M. Cespedes



O dr. Carlos M. Cespedes, novo ministro de Cuba em Lisboa, que, pelo seu prestigio, foi encarregado pelo governo de Atenas de representar o seu país na Assembleia da Sociedade das Nações que vai realizar-se sobre o conflito do Chaco. É possível que, finalmente, termine essa horrorosa chacina que já dura há tantos meses, espalhando a morte e a destruição num encarniçamento sem proveito para qualquer dos contendores

Rodrigo de Melo



MAIS um poeta e mais um livro. «Seiva» é o título do elegante volume de versos que nos veio parar às mãos e no qual o seu autor, Rodrigo de Melo diz que sendo «um simples colorido a nossa existência», propõe-se a «cantá-la no papel e a pôr em tinta o seu purido». Numa rápida leitura que fizemos, convencemo-nos de que o conseguiu inteiramente.



# O FUTURO REI DA GRÉCIA

pode surgir do casamento da princesa Marina  
com o príncipe Jorge de Inglaterra

O casamento da princesa Marina da Grécia com príncipe Jorge de Inglaterra tem um alto significado político de que poderá surgir a restauração da monarquia helénica.

Se dêste casamento nascer um filho, este será o futuro rei da Grécia.

Em boa verdade, o povo grego é estruturalmente monárquico, e só uma convulsão como a de 1914 conseguiria arrebatar-lhe o seu rei que continuava a ser um dos seus ídolos. Devemos ter em conta que o presidente do ministério da República da Grécia é o chefe do partido monárquico e que este partido é o maior de todos. Num momento de ansiedade, em que as paixões venizelistas se chocavam com outras paixões partidárias, Tsaldaris comprometeu-se a dirigir os destinos da República, embora não abdicasse das suas convicções monarquistas.

Aconselhou a todos o acatamento das leis básicas da Nação, pediu a todos os agrupamentos que sofressem as suas paixões em prol da Pátria, e, como incentivo, deu-lhes o seu próprio exemplo: servir a Terra Mãe, sacrificando-lhe as suas mais queridas ambições que eram, de resto, as da maioria da população helénica.

A monarquia grega há de ser restaurada. Disso não nos resta a menor dúvida.

Quem observar imparcialmente a retumbância do casamento da princesa Marina da Grécia com o quinto filho do rei de Inglaterra verificará que esta simpática cerimónia envolve alguma coisa mais do que a simples união legítima de dois príncipes que se amam na idade própria dos sonhos amorosos.

A chegada da princesa Marina a Londres, cinqüenta nações correram a prestar-lhe homenagem. E, no entanto, aqui há meses ninguém tinha dado pela princesinha exilada e ignorada na sua casinha modesta de Paris.

A princesa Marina chegou a Londres. Desde a estação de Vitória ao palácio de Buckingham, alinharam-se milhares de pessoas que a aclamaram entusiasticamente, apesar da chuva impertinente que caía.

O casamento foi efectuado duas vezes, segundo os ritos da Igreja britânica e da Igreja ortodoxa grega. A princesa Marina prometeu, como tôdas as noivas reais britânicas, «amor, honra e obediência ao seu esposo».

Da Abadia de Westminster seguiram para a capela particular do palácio de Buckingham, onde a cerimónia grega foi celebrada pelo chefe da Igreja Ortodoxa Grega de Londres. A cerimónia compreendeu duas funções: a promessa ou troca de anéis, e a coroação com

as corôas míticas. Para a promessa, foram colocados dois anéis, um de ouro e outro de prata, sobre a Mesa Santa. Os noivos ajoelharam à entrada do santuário. O sacerdote foi, em seguida, ao seu encontro, entregando-lhes os círios acêsos. Depois benzeu os anéis, e, ditas as palavras do ritual, colocou-se o anel de ouro na mão do noivo, disse-lhe três vezes:

— «Os servos do Senhor casaram-se».

Para a coroação, levou os noivos com os círios acêsos até meio do santuário, onde se levantava o ambo ou altar.

Sobre o ambo estavam as corôas, de forma esférica, cobertas de pedras preciosas. Depois das orações do ritual, o sacerdote coroou os noivos dizendo:

— «Os servos do Senhor são coroados».

Seguidamente leu-lhes a Epistola do Evangelho. Foi então que os acólitos trouxeram a taça nupcial que o sacerdote benzeu e passou aos noivos para que bebessem, como símbolo da taça comum de que têm de participar durante toda a vida.

Terminada esta cerimónia, foi organizada a procissão nupcial em volta do altar. O sacerdote, precedendo os noivos, andando, porém, para trás, voltado para eles, ia-os envolvendo em nuvens de incenso.

Foi esta a cerimónia do casamento da princesa Marina de quem se espera o futuro rei da Grécia.

Que o califa Harun-al-Raschid se admirasse ao ver um octogenário plantar uma nogueirinha que só dali a largos anos daria fruto, bem estaria. Mas os tempos mudaram, e, hoje em dia, não

causará assombro que os sentença anos de Sua Magestade Britânica sintam o desejo de plantar uma nogueirinha no próprio local onde Minerva fez brotar uma oliveira.

Após a Grande Guerra, o mundo foi retalhado duma maneira cruel. A monarquia dualista de Francisco José de Habsburgo desfez-se como uma manta de trapos mal cerzidos. As ambições do tsar Fernando da Bulgária foram esmagadas por uma abdição dolorosa, e o sonho de Constantino da Grécia teve o mais cruel despertar.

Porque teria sido arrancada a corôa ao intrépido Nicolau do Montenegro que tanto se empenhou pela vitória dos Aliados?

O que será o futuro? Que novas surpresas nos reserva?

Não iremos consultar o oráculo de Delfos, mas ficamos com a convicção de que a divina Hellada há de voltar a ocupar o lugar glorioso a que tem direito como Mãe das Artes, das Letras e das Ciências, e como detentora da mais bela civilização que ainda houve no mundo.

Há muitos anos que a Penélope aguarda a chegada de Ulisses que muitos reputam morto e por isso desejam cubiçosos a formosa viuva. Mais uma vez o engenho feminino urdirá a famosa teia, desfazendo durante a noite o trabalho feito durante o dia, para ganhar tempo. Não importa que os liços venham da britânica Manchester, o que é necessário é tecer uma túnica tão esplendorosa e magnífica que nem Pericles desdenharia de a envolver.

Um dia, quando Israel se debatia numa grande incerteza sob o jugo filisteu, apareceu um anjo à mulher de Manué que lhe anunciou: «Conceberás e darás à luz um filho que livrará Israel da mão dos seus inimigos».

A profecia cumpriu-se com o nascimento de Sansão que durante vinte anos foi o paladino excelso da independência da sua Pátria.



O príncipe Jorge e sua esposa, a princesa Marina





O mês de Dezembro é o mês das Amazonas. Dedicamos esta revelação à digna Sociedade Hípica Portuguesa e a todas as ilustres damas da nossa terra que se dedicam à «arte de bem cavalgar em tôda a sela»

Pois, é mesmo assim. Sendo Dezembro o décimo mês — o nome o indica — pois começava em Março, o imperador Cómodo crismou o em homenagem duma dama romana a quem muito queria, e cujo retrato, com os trajos de amazona, mandou gravar no seu anel imperial. Tomou este mês o nome de Amazonio, e daí o culto que desenvolveu, me mo após ter caído no abandono este capricho cesariano.

Mas teriam existido as Amazonas?

Muitos e abalissados escritores falaram formalmente das Amazonas da Líbia, das que povoaram as margens do Thermódonte, na Capadócia e ainda das que os nossos navegadores encontraram quando da conquista do Novo Mundo, nas ribeiras do Maranhão.

Herodoto é um dos historiadores mais antigos que nos falam das Amazonas. No Dicionário de Moreri vem a notícia das Amazonas, apoiada nos testemunhos de Diodoro, Justino, Herodoto, Adriano e Petit. A pesar-das razões pouco concludentes de Strabão, que negou a existência destas mulheres belicosas, Moreri crê absolutamente na sua passagem pelo mundo.

O próprio padre mestre Feijó, no seu *Teatro crítico*, menciona no capítulo «Defesa das mulheres» as forças e o valor que algumas manifestaram, referindo-se especialmente a Aretafila, Dripetina, Delia, Aúria, Eponina, Joana d'Arc, Margarida de Dinamarca, Bianca de Rossi, Bona, a Valentiana, a galega Maria Pita, Maria Estrada que serviu como soldado nas hostes de Hernan Cortez, e tantas outras dignas de figurar ao lado de Semiramis, Artemisa, Tomiris e Zenobia. Tratando, finalmente, das Amazonas de África, Ásia

e América, embora reconheça que a fábula e a invenção misturaram com a história dessas mulheres factos inverosímeis, crê que a sua existência foi verdadeiramente histórica.

A fábula conta-nos a história da famosa Myrina, a rainha das Amazonas que, com sua irmã Mytilena, realizou prodígios de bravura.



Uma amazona do século XVII

África. Tôda a descrição desta dama há de ser imperfeita, não podendo trasladar a pena ao papel êsse efeito imaterial que produz a contemplação duma beleza animada e circundada com a auréola da glória.

«Negros e lustrosos cabelos caíam anelados e naturais, pelas vertentes do seu crâneo devidamente contornado. Sua nobre fronte, não mui espaçosa nem elevada, inclinava-se logo, ainda que pouco, para traz, escondida no cabelo a três polegadas das sobrancelhas, cingida por um capacete de bronze adornado por uma corôa de ouro. Dois arcos de ébano, que se franziam e dilatavam com fácil e enérgica mobilidade, delineavam as sobrancelhas, e ágeis pálpebras providas de largas e densas pestanas, tascavam-se, ao abrir, em forma de amêndoa, brotando das órbitas, algum tanto fundas, duas reluzentes pupilas de azeviche, tão gran-

## A GALHARDIADAS AMAZONAS

### Do culto da arte de bem cavalgar em tôda a sela quasi só as mulheres se lembram hoje em dia

des, que permitiam reflectir a luz ao ópalo dulcíssimo que as rodeava.

«O olhar, ora tranqüilo, suave, carinhoso, ora penetrante, agudo, ameaçador, possuía sempre uma tal eloquência, que quasi tornava inútil a palavra para expressar as ideias e os sentimentos daquele espírito de fogo. A alma e o coração de Myrina tinham em seus olhos uma forma exterior tão completa como expressiva: cada paixão brotava por suas pupilas com todos os seus caracteres fisiológicos, sem necessitar mais mímica nem mais palavra que o movimento das sobrancelhas, das pálpebras e do olhar.

«Baixava o nariz em linha recta, desde o intervalo das sobrancelhas, como no tipo grego; porém, em lugar de curvar-se na ponta como o bico das águias, arredondava-se com linhas suaves, levantando-se duma maneira imperceptível e irresistivelmente voluptuosa. Não era pequena a bôca, mas o lábio superior, delineado com tanta perfeição como energia, semelhava-se ao arco de Cupido, e, na verdade, bem podia tomar-se por tal, atendida a expressão e os efeitos do seu riso e da sua palavra. Guarnecia êste divino lábio um ligeiro buço parecido ao que se divisa no adolescente quando a natureza lhe adverte que vai a ser homem. O seu lábio inferior, ainda que com menos caracterizado relevo, completava os contornos e perfis daquella mágica abertura. Ambos poderiam ser tomados por dois torcidos ramos de coral ou duas pétalas de cravo vermelho, e quando o sorriso ou a palavra os abria, brilhavam entre êles duas arcadas de marfim ou madreperôla, imitando a abertura duma romã que ainda não tivesse chegado à sua razão, e que por entre os encarnados rebordos da casca deixasse ver colocados por ordem as linhas dos seus opalinos grãos.

Era a totalidade do rosto oval, e a tez, que guardada nos ambientes debilitadores do palácio, houvera sido levemente morena, pálida, como a verdadeira filha dos areais da Líbia, curtida ao sol e ao relevo da noite, oferecia essa cor sombria que tanto agrada contemplar num semblante guerreiro.

«Suave e robusto, o pescoço descansava sobre os ombros mais dilatados do que costumam tê-los as mulhe-



Uma amazona do século XV

res. O exercício das armas haviam-lhe dado mais extensão; contudo, não apagara as dimensões próprias do sexo. Uma elíptica traçada desde os ombros aos quadris teria passado por fóra dos primeiros e por dentro dos segundos, que é esta a verdadeira construção da mulher.

«Myrina estava quasi nua, ao uso do seu país. Trazia uma pele de tigre abotoada de diamantes negros à raiz da garganta.

«Êste abrigo selvagem encobria-lhe os ombros, estando quieta, e flutuava como umas azas quando lançava o seu cavalo à carreira. Um collar de pérolas preciosísimas, apanhadas nas montanhas do Atlas, e um bracelête de ouro puríssimo da Arábia, acolchetado em cima do cotovêlo, enviavam-se reciprocamente os seus reflexos. Um talim ou cinto de curtida pele de búfalo, guardado com uma espécie de franja de pele de serpente, onde brilhavam alguns carbúnculos e esmeraldas, coberto com uma simples faxa branca à maneira de fôlho, em cujo tecido brilhavam fios de prata, servia-lhes não só para sustêr a cortante espada, que cingia, mas para trajarem com mais honestidade e ocultar os incentivos da luxúria. Mas muito bem se concebe que êsse simplicíssimo traje não alcançava cobrir as sedutoras formas da régia amazona, e o olhar do espectador deleitava-se a contemplando a suavidade do seu corpo, braços e músculos com graça combinada com os relevos da musculatura hercúlea que lhes dava, tornando-se impossível a gordura pelo activo exercício da caça e da guerra.

«Myrina tinha inteiros ambos os seios.

«O bárbaro costume de os queimar

às recém-nascidas tinha sido extinto havia mais de meio século.

Com tais cativadoras quem não gostaria de deixar-se prender nos extensos planos da Líbia ardente?

Temos, em seguida, as amazonas da Idade Média que apenas modificaram o traje, visto o garbo e a intrepidez serem os mesmos dos tempos remotos.

Finalmente, surgiu o automóvel e assim como a fotografia matou a pintura, a pólvora matou o feudalismo, o automobilismo matou a nobre arte hípica. O cavalo, que até ali havia sido «a mais bela conquista humana», no dizer de Buffon, foi substituído ingratamente pelo resfolegar dum motor de muitos H P.

Quem, hoje em



Myrina, a rainha das amazonas acompanhada de sua irmã Mytilena

dia, está mantendo a tradição são as senhoras que se sentem ainda com alma de amazona.

Devemos-lhe homenagem e aqui lhe prestamos no mês próprio, segundo a escolha do imperador Cómodo que Deus tenha em bom lugar.

Amazonas do nosso tempo! Não gostaríamos de as ver em combates encarniçados com os centauros que, cada vez em maior número, fervilham por esta cidade tão dada às lides tauromáquicas.

Para êsses ainda temos um resto de toureiros que, fiéis às tradições de Botas e do Calabaça, os lidarão na devida altura.

O Ribatejo continuará a dar-nos moços de forçado para as rijas pegas de cara, não sendo, portanto, necessário que as nobres damas desçam ao redondel.

Amazonas do nosso tempo! Gostamos de as ver, esbeltas, airoas e atraentes, bem firmes no selim, bem apuradas e bem mulheres, como que a dar um salutar exemplo aos dessorados filhos dum país que se orgulhou de possuir os melhores cavaleiros de todo o mundo.



Combate entre Myrina e um centauro



Ao lermos a "Marília de Dirceu," do melodioso poeta Tomaz António Gonzaga, idealizamos uma beleza encantadora, esplêndida, celestial. O apaixonado cantor, enlevado na formosura da sua amada, quer mostrar-nos o retrato que tenta fazer, apelando para toda a sua inspiração. O vate arvora-se em Rafael de Urbino e começa a esboçar na tela da sua imaginação as feições desta nova Fornarina. Eis as primeiras pincladas:

*«Os teus compridas cabelos,  
que sôbre as costas ondeiam,  
são que os de Apolo mais belos;  
mas da negra côr não são.  
Têm a côr da negra noite;  
e com o branco do rosto  
formam, Marília, um composto  
da mais formosa união.»*

Não é bem aquilo que o poeta sente. Compõe novas côres na sua frágil paleta e invoca o caprichoso Eros:

*«Ai! socorre, Amor, socorre  
ao mais grato empenho meu;  
vôa sôbre os astros, vôa,  
traze-me tintas do céu...»*

Mas o retrato feito não satisfaz o artista que, num grande desalento, geme:

*«Ai, Amor, que em vão socorres  
ao mais grato empenho meu!...  
.....  
para pintar-lhe o retrato  
nao bastam tintas do céu!»*

Marília de Dirceu, ou antes a sr.<sup>a</sup> D. Maria Doroteia Joaquina de Seixas, não parecia tomar a sério a paixão do poeta que, apesar de ser vinte e cinco anos mais velho do que ela, lhe afirmava com a maior convicção:

*«Eu tenho um coração maior que o mundo!  
Tu, formosa Marília, bem o sabes:  
Um coração... e basta  
Onde tu mesma cabes.»*

Marília não se comovia, apesar de toda a vastidão torácica do seu cantor, talvez o primeiro que, nas deliciosas paragens sul-americanas, tivera a visão dos arranhacéus através do rei das vísceras. Quando o poeta lhe propôs casamento, teve uma certa pena em lhe esmagar uma ilusão que, no fim de contas, a lisongeava. Evocava talvez a alegria de Beatriz ao ser cantada pelo divino Dante, e consentiu que o seu desventurado poeta andasse pelo Inferno à sua procura, embora ocultando o seu propósito de não lhe consentir nunca que a fôsse encontrar no Paraíso.

Limitou-se a acalantar-lhe uma esperança que nunca havia de ter realização.

Tomaz António Gonzaga, nascido na cidade do Pôrto, na rua dos Cobertos em Miragaia, e formado em direito, na Universidade de Coimbra, tinha seguido para o Brasil, pátria de seus pais, onde

conseguiu destacar-se como Desembargador da Relação da Baía. A paixão do poeta não a amesquinhou, portanto... E, assim, aqueles amores iam seguindo, traduzidos apenas em sonoros versos.



Tomaz António Gonzaga

Um dia — em 23 de Maio de 1789 — Gonzaga foi preso como implicado numa conspiração contra o governo. Marília — temos a certeza — sentiu um grande alívio. Ficava livre do seu adorador que estava melhor para ocupar a dignidade de pai do que a de esposo. Condenado a degredo perpétuo para Angola, o pobre poeta para ali partiu, sendo-lhe pouco depois comutada a pena em dez anos de desterro para Moçambique.

A sua adorada Marília ficaria esperando em Vila Rica o regresso do apaixonado vate — pelo menos, êle assim o calculava, confiado numa permuta de constância que o seu coração ingénuo acalentara.

O poema que a celebrisara divulgava-se em sucessivas edições, tornando-a alvo de adoradores mais juvenis. Os anos foram passando. Expiada a pena, porque não regressou Gonzaga ao Rio de Janeiro? Constará-lhe talvez que a sua idolatrada Marília levava a sua ingratitude a esquecê-lo, casando com um rapaz cheio de vida e mocidade, embora despido de talento. Passara a chamar-se D. Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão.

Triste desmoronar dum lindo sonho! Gonzaga para ali ficou, curtindo as suas máguas, conversando com ingleses que já frequentavam Lourenço Marques e nos quais julgava vêr parentesco, atendendo à naturalidade de seu avô materno, John Clark, cidadão de Londres.

Adoeceu. Junto da sua cabeceira encontrou sempre a sr.<sup>a</sup> D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha dum comerciante português. Após a convalescença, decidiu manifestar a sua gratidão, casando com a desvelada enfermeira a cujos cuidados devia a vida. O seu coração sexagenário já não palpitava como outrora. Os seus longos cabelos loiros estavam brancos de neve. Daí o seu lamento:

*«Já não cinjo de louro a minha testa,  
Nem sonoras canções o deus me inspira...»*

Definhou-se e morreu roído de desgostos.

Entretanto, Marília de Dirceu continuava a viver completamente alheia a tais desventuras. Se lhe falassem do lindo poema de que fôra a inspiradora musa, teria respondido com o maior desdém:

— Ah! isso foi um livro que um velho apaixonado me dedicou há tempos. Os versos são muito lindos...

— Dignos da formosa dama a quem eram consagrados — ter-lhe-iam respondido.

E ela sorria, calando por calculada modestia o que a sua inconcebível vaidade lhe aconselhava que gritasse bem alto.

Era formosa, pois era.

Duro castigo lhe estava reservado. Os anos foram passando, passando, e, um dia, a encantadora Marília, mirando-se a um espelho, não se reconheceu. Estava velha, trôpega, coberta de rugas e achaques.

Na rua passavam frequentemente músicos ambulantes pedindo esmola e cantando os mais belos versos de Tomaz António Gonzaga:

*«Ai! Amor, em vão socorres  
ao mais grato empenho meu;  
para pintar-lhe o retrato  
nao bastam tintas do céu!»*

Ai, não bastavam, não. Gastara toneladas de «cold-cream» e do branco de baleia muito usado nesse tempo, e tudo fôra em vão. Tinha 84 anos, bonita idade para se meditar um pouco nas coisas sérias da vida.

Lá, longe, muito longe, o único homem que a tinha amado sinceramente morrera sem os seus carinhos, murmurando talvez os versos que lhe fizera à despedida:

*«Mas quer, Marília, o meu destino ingrato  
que lograr-te não possa, estando vendo  
nest'alma o teu retrato...»*

Tinha decorrido sôbre tudo isto mais de meio século. A encanecida ingrata queimou todos os retratos acusadores da sua velhice, receosa talvez de que algum indiscreto lhe estampasse o mais decrépito numa futura edição da "Marília de Dirceu".

Dois castigos sofrera. O poeta sonhador estava bem vingado.



# A BELEZA

## E A SUA VARIADA CONCEPÇÃO

A beleza é uma coisa sugestiva. O que uns acham bonito outros acham feio. O que uns acham bom outros acham mau. Nunca se pode impôr uma opinião pessoal sôbre o que é belo.

Em Roma aconselhei a uma família brasileira recém-chegada, a visita aos vários museus do Vaticano, às galerias e salas de Rafael, à capela Sixtina, à galeria de escultura, à dos arrazes, aos apartamentos Borgia. De todas essas visitas regressavam frios e indiferentes. Nada os deslumbrava. Essas salas de Rafael que me tinham emocionado, onde eu estivera estática duas horas em frente da maravilha, que é a libertação de S. Pedro pelo anjo, em que três luzes distintas iluminam a parede sem se confundir, a luz que vem da janela, a da lanterna dos guardas e a luz sobrenatural que circunda o anjo, nada lhes dissera à sua sensibilidade demasiadamente modernista. Uma tarde chegaram ao "hall" do hotel entusiasmados. "Hoje sim, hoje vimos um quadro soberbo, um encanto; S. Paulo convertendo a mulher de Nero." Que profunda desilusão tive. Êste quadro que está numa galeria organizada por S. Santidade Pio IX é um quadro banalíssimo em que um apóstolo sem grandiosidade pré-ga a um manequim louro e rosado, que poderia vestir um qualquer modelo numa montra de loja de modas.

Foi uma lição que me levou a nunca mais discutir o que é belo, nem querer que qualquer pessoa tenha a mesma impressão de arte ou de beleza. É muito pessoal a maneira de ver as coisas e pode haver uma certa coincidência de gostos, mas o que uns acham bom gosto, outros podem achar péssimo. Tudo depende do ponto de vista, da educação artística, da sensibilidade, da maneira de ver e da intuição do que é verdadeiramente belo, indiscutível, e que nem todos podem ter, por muito artistas que se suponham. Com a beleza feminina dá-se o mesmo do que com as obras de arte. As opiniões variam de povo para povo, de indivíduo para indivíduo. Nos países nórdicos o tipo de beleza é sempre a mulher alta delgada, branca rosada e loura. Se os seus movimentos são graciosos se a sua linha é elástica a isso não se atende nem interessa. É fresca é alta, é bonita. Na Andaluzia a beleza é representada pela mulher de meia estatura, de formas arredondadas de mãos e pés pequenos, de movimentos graciosos e vivos. No Japão uma mulher loura é considerada feiíssima por mais belas que as suas feições sejam. "O demónio de cabelos vermelhos", é como lhe chamam ainda que sejam do mais belo cendrado, da côr do oiro ou o louro platinado, que actualmente encanta, americanas e europeias. A mulher bonita para o japonês é a pequena boneca de olhos em amendoa e cabelos negros luzidios, pintada como uma figurinha de leque. Em

França apreciava-se mais a "beauté du diable", feita de graça de "Chic", do que as clássicas formas, que fazem delirar os italianos habitua-dos desde crianças a ver a beleza através das estátuas maravilhosas que cobrem o seu país, o que lhes incute o respeito pela forma, pela harmonia por tudo o que é a base da beleza clássica e os faz admirar a mulher alta, perfeita de formas, de belos olhos, feições correctas que personificam bem a matrona romana e é um modelo de classicismo.

Os turcos têm como modelo a mulher bela e gorda. A gordura que horroriza tôda a gente hoje, que tem sido guereada à fôrça de dietas, de fome, dum verdadeiro martírio, que às vezes finaliza trágicamente numa tuberculose, tem os mais fervorosos admiradores na Turquia.

Uma mulher bonita e gorda personifica o seu ideal de beleza. Mas não são êles os únicos a pensar assim. Os americanos do sul, os argentinos sobretudo têm o maior apreço pela mulher forte e gorda e conta-se até a anedota do "ranchero dos pampas", que numa viagem a bordo dum navio encarecia aos que com êle conversavam os encantos da esposa e terminou por dizer como apoteose final e "pesa cem quilos". Imediatamente do lado, outro diz: "A minha mulher pesa cento e vinte", e logo a admiração dos seus patrícios se voltou para êsse homem que tinha uma mulher tão perfeita, que atingia um pêso que na Europa só se admira nos animais de matadouro, e em carne de vender a quilo.

No entanto há mulheres elegantíssimas e lindas nesse país. No Oriente na Índia por exemplo é ainda outra a concepção da beleza. A mulher de pele bronzeada, bonitas feições, olhos deslumbrantes, cabelos negros lisos, luzidios é o verdadeiro tipo de beleza. Damos hoje uma gravura duma das mais lindas mulheres da Índia. "A pérola da Índia", a linda Marajah Kumarani Karanjitting de Kapurthala a nora do "Marajah" de Kapurthala. Duma inegável beleza não é só na Índia que faz sensação. Há belezas que se impõem em tôda a parte e que como sempre a todas as excepções impõe a regra. Fez uma viagem à Europa e a sua beleza

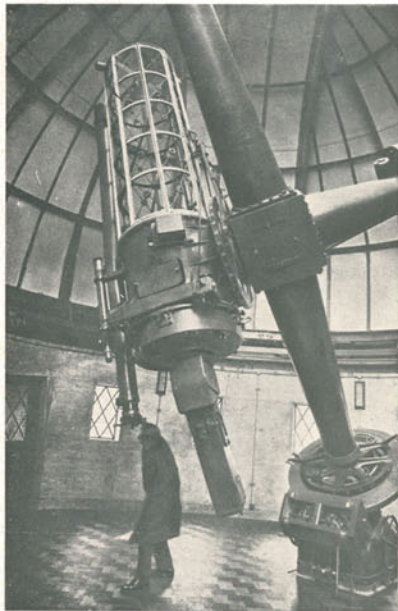


causou uma profunda impressão na cidade da luz, que tem sempre a tendência para tudo o que é original e exótico e que apresente uma novidade para o espírito "blasé", dos seus ultra civilizados habitantes. Mas aqui não houve exagero, a beleza desta jóvem indiana é perfeita. Os seus extraordinários olhos orientais não fascinaram unicamente os parisienses. Em Londres onde esteve, tendo sido apresentada na Côrte por Lady Maud Hoare teve um igual sucesso, deslumbrando todos que a viam e impondo como incontestável todo o seu encanto e beleza, num país onde impera o gosto pelas mulheres brancas e loiras, frias estatuas que nenhum ponto de contacto têm com a bela oriental de beleza ardente que é a jóvem "Marajadine". Mas não foi só a sua beleza que se impôs aos londrinos.

Foi também o seu luxo asiático a magnificência das suas jóias que por mais belas que fôssem não conseguiam ofuscar o brilho do seu encanto. Na côrte inglesa onde as jóias são soberbas, as pérolas da jóvem princesa indiana causaram sensação pela sua pureza tamanho e valor. Para se saber se uma pérola é bela a valer pergunta-se, se tem oriente. Estas pérolas orientais tinham o mais belo oriente, assim como o tinha a sua oriental possuidora. E assim mais uma vez como nos contos de fadas a princesa oriental coberta de pérolas, brilhando pela sua riqueza e pelo seu encanto natural, deslumbrou as crianças grandes das mais civilizadas capitais da Europa, pois também Berlim se encantou com a visita da linda "Marajadine", como nós em crianças nos deslumbrámos com as descrições fantásticas das orientais princesas dos contos das "Mil e Uma Noites", êsses contos que há séculos encantam gerações após gerações.

Maria de Eça.





O telescópio antes mesmo de que se dispôs até hoje para sonhar o misterio dos astros

planeta para escalar a catástrofe em que se subverte a sua adiantada civilização.

Idêntica ambição vamos encontrar, mais tarde, reflectida na literatura.

Ariosto, no seu «Orlando furioso», descreve uma viagem do protagonista à Lua. Mas o primeiro a descrever uma antecipação científica de comunicações interplanetárias parece ter sido Wilkins, quem em 1638 publicou uma obra curiosa com o título «Conversaçãõ sobre um novo Mundo e um novo planeta».

O próprio Voltaire não desdenhou o assunto e no seu «Micromez» descreve uma viagem cósmica em que um cometa faz de veículo.

É no século XIX que a literatura começa a ocupar-se com mais frequência das viagens pelo espaço. Entre os escritores que se dedicaram a esse género de anticipações podem citar-se Allan Poe, Achille Ayraud, Le Faure e Graffigny. Mas o mais popular foi sem dúvida Júlio Verne, cujas obras «Da Terra à Lua», «A volta da Lua» e «Os Habitantes do Cometa» ficaram célebres em todo o Mundo e contam ainda hoje com um público de leitores apaixonados.

Actualmente o número de escritores que se consagra ao assunto é muito elevado, sobretudo nos Estados Unidos, onde o público manifesta uma grande preferência pelas obras do género.

H. G. Wells, um dos maiores escritores da língua inglesa no nosso século, produziu diversas obras que lhe grangearam celebridade universal e em que se ocupa dos grandes enigmas



Aspecto da vida no planeta Marte imaginado por William R. Leigh para ilustrar uma obra de H. G. Wells

Vez de remotas eras a ambição humana de viajar no espaço e conhecer os mundos que nele gravitam.

No decurso de recentes pesquisas arqueológicas realizadas em Nínive descobriram-se, na biblioteca do rei Assurbanipal, inscrições gravadas em cilindros de barro que relatam uma viagem celeste. Dizem essas inscrições que o rei Etan, que viveu 3.500 anos antes de Cristo, subiu ao céu tão alto que a terra, rodeada de mares, lhe pareceu a princípio «um pão numa canastra» e acabou por se lhe tornar invisível.

Os «Vedas», livros sagrados indianos, afirmam que as almas dos mortos, ao abandonar a Terra, se dirigem para os astros. Idêntica crença se encontra entre os Esquimós que vêm na Lua o lugar de residência dos espíritos.

Quinze séculos antes de Jesus Cristo já o «Bhagavata» dava indicações precisas para se alcançar a Lua em viagem relativamente cómoda. A epopeia indú do «Ramayana» descreve uma viagem interplanetária de Rama. Os chineses explicam o aparecimento da sua raça sobre o Mundo dizendo que os seus antepassados caíram da Lua. Por sua vez os mongóis dizem ter em remotas idades voado no espaço cósmico e uma das suas lendas vai ao ponto de lhes atribuir a construção da Úrsa Maior.

Também na Bíblia se encontram referências a maravilhosas viagens no espaço extra-terrestre, das quais a mais célebre é a do profeta Elias.

Os gregos julgaram possível atingir os astros montados numa água. Diz a lenda que Alexandre Magno tentou essa aventura, servindo-se dum carro puchado por duas águias atraídas por um pedaço de carne colocado ante os seus olhos e que elas nunca alcançavam por mais que voassem.

Uma das lendas da Atlântida pretende que os habitantes desse fabuloso país fugiram para outro

GRANDES ENIGMAS

Os habitantes dos outros planetas receberão um dia a visita dos astronautas humanos?

cósmicos. Citemos, como mais conhecidas entre nós, «A guerra dos Mundos» e «Os Exploradores da Lua».

Gail, na Alemanha, e Rosny, em França, dedicam-se ao mesmo assunto e são seguidos de perto por um número crescente de novos escritores.

Como era natural, o cinema também explorou o tema. Existe um número relativamente elevado de filmes que se inspiraram em novelas planetárias mas não se contam entre eles obras de valor, com excepção de «Uma mulher na Lua» de Fritz Lang.

Nesta obra o realizador alemão faz-nos assistir a uma viagem ao nosso satélite acidentada pelas mais imprevistas aventuras. Apesar de todas as inverosimilhanças inerentes ao argumento, o aspecto técnico da questão foi tratado com notável rigor científico. O meio de locomoção empregado é o foguetão e em muitos pontos a solução ideada pelo cineasta ajusta-se às possibilidades actuais da ciência.

A este lendário anseio da Humanidade em conhecer os outros astros, juntou-se mais tarde a perturbante hipótese de eles serem habitados.

Sendo a terra um minúsculo fragmento do sistema solar que, por sua vez, é um átomo quasi imperceptível no conjunto dos sóis, nada mais natural do que conceber que a vida não pode ser fenómeno privativo no nosso globo.

Que se opõe a que um planeta tão semelhante à Terra como Marte seja povoado de seres vivos? Não lhe falta ar nem água, factores que consideramos indispensáveis para tal. Mas ainda que, faltasse, a razão leva-nos a admitir que não conhecemos todas as soluções que o problema da vida comporta. Num ambiente diferente a Natureza pode ter-se manifestado sob formas que não podemos conceber. Nem o frio dos Mundos distantes como Saturno, nem a atmosfera densa de outros, como Venus, pode constituir argumento definitivo contra a habitabilidade dos planetas.

Alguns filósofos da Antiguidade entreviram esse grandioso enigma. Mas só no século XVI o italiano Giordano Bruno formulou em termos precisos a sua «Teoria da pluralidade dos mundos habitados». Essa genial concepção custou-lhe a vida. Preso em Roma pela Inquisição e condenado como hereje, foram-lhe dados dois dias para se retratar. Como recusasse, foi queimado vivo numa praça pública da Cidade Eterna no ano de 1600.

A morte deste precursor não impediu, porém, que a sua teoria tomasse consistência e seja hoje geralmente admitida.

Mais se excitou com isto o desejo de conhecer novos mundos. E surgiram os primeiros inventores a sugerir processos para o conseguir.

A primeira solução proposta foi a de um canhão gigantesco capaz de disparar um projectil no espaço interplanetário. Júlio Verne imaginou esse modo de locomoção no seu livro «Da Terra à Lua». A deflagração de milhares de toneladas de explosivos arremessaria contra o nosso saté-

lite um obuz de colossais dimensões, no interior do qual seguiriam os viajantes. Mas a solução era, evidentemente, impraticável. Para que o projectil se libertasse da atracção terrestre era preciso que tivesse uma velocidade inicial de 12.000 metros por segundo. Compreende-se bem que para os passageiros do obuz, a passagem do estado de repouso a tão grande velocidade equivaleria a serem atingidos pelo próprio projectil. É certo que o autor imaginou um freio hidráulico que atenuaria a violência do choque, mas um cálculo elementar prova que ele nunca poderia oferecer a resistência necessária para poupar os heróis da aventura a uma morte certa.

O progresso da ciência trouxe soluções mais viáveis. No estado actual dos conhecimentos humanos, o sistema de propulsão que se afigura mais viável é o das explosões sucessivas. A deflagração dum mistura explosiva produz uma força de reacção que pode ser exemplificada pelo recuo dum arma de fogo. E' nesse princípio que se baseia o foguete e o aparelho a enviar à Lua não passaria, neste caso, dum foguete de enormes dimensões.

Como se sabe, são os gases desenvolvidos pela explosão que, repelindo o ar, fazem avançar o foguete. Pode parecer, à primeira vista, que esse modo de propulsão seria ineficaz no vácuo. Na realidade, sucede exactamente o contrário. Não havendo resistência do ar a vencer, tanto na expulsão dos gases como no avanço do projectil a marcha deste acelera-se de modo considerável. O ar constitue, pois, um obstáculo à marcha do foguete e não é, de modo algum, necessário ao desenvolvimento da força impulsadora.

Em 1919, o norte-americano Goddard, professor no Cook College de Worcester, publicou os planos dum foguetão destinado a atingir a Lua. O engenho seria accionado por um sistema de explosões sucessivas e transportaria uma carga de magnésio que devia incendiar ao chocar com a superfície do nosso satélite. O claro produzido permitiria verificar ao telescópio a sua chegada ao alvo.

Embora Goddard não tivesse pensado em fazer transportar seres humanos dentro do seu foguetão, cinquenta e duas pessoas se lhe ofereceram para emprender a viagem. Infelizmente, esses candidatos a mártires da ciência estavam prontos a sacrificar as suas vidas, mas não a oferecer o dinheiro necessário para a execução do projecto. E esse motivo impediu que a experiência fosse tentada.

Financiado pela empresa cinematográfica «Ufa», o sábio alemão Herrmann Oberth pôs em prática em 1928 uma tentativa mais modesta, que devia servir à preparação a outras em que procuraria atingir a Lua. Para começar, limitava-se a lançar um foguetão que, accionado por explosões de ar líquido, deveria subir a 60 ou 70 quilómetros. Contudo, a experiência não correu bem. O atraso dum explosão fez com que o engenho tombasse depois de ter subido a

pequena altura. Esse malogro levou a pôr de parte a ideia.

A viagem à Lua tal como a imaginou Júlio Verne no seu famoso romance

Por ocasião da sua última ascensão à estratosfera, Max Cosyns, discípulo de Piccard, estudou o lançamento dum foguetão à Lua que devia efectuar-se quando o balão atingisse uma altura de 18.000 metros. A menor pressão atmosférica a essa altitude contribuiria muito para o êxito da tentativa. Dificuldades de vária ordem obstavam, porém, a que a experiência se realizasse.

Alguns profetas da ciência moderna vão, porém, mais longe e vêem no rádio a solução ideal do problema. Como se sabe, este elemento existe em estado de constante desintegração, no decurso da qual liberta grandes quantidades de energia. Seria, portanto, o motor ideal para viajar no espaço, dado que se conseguisse regular a vontade a sua desintegração e isolar os seres vivos das suas terríveis radiações. Mas, ainda nesse caso, a solução do problema apresentaria-se remota. Seriam precisos quilos, toneladas mesmo, do precioso elemento e os sábios só puderam reunir até hoje umas escassas grammas. Apesar disso a utilização do rádio como força motriz foi já objecto de profundos estudos. O engenheiro de aviação Esnault Pelterie calculou a maior parte dos dados que o problema comporta no seu estado actual.

Chegou assim à conclusão de que seria possível ir da Terra à Lua em 48 horas e 58 minutos. Venus e Marte levariam, respectivamente, 46 e 90 dias de viagem. Mas para atingir este último planeta seria necessário dispor de nada menos de 500 quilogramas de rádio.



Outro aspecto imaginário dos habitantes de Marte que ilustra uma das fantasias científicas de Wells

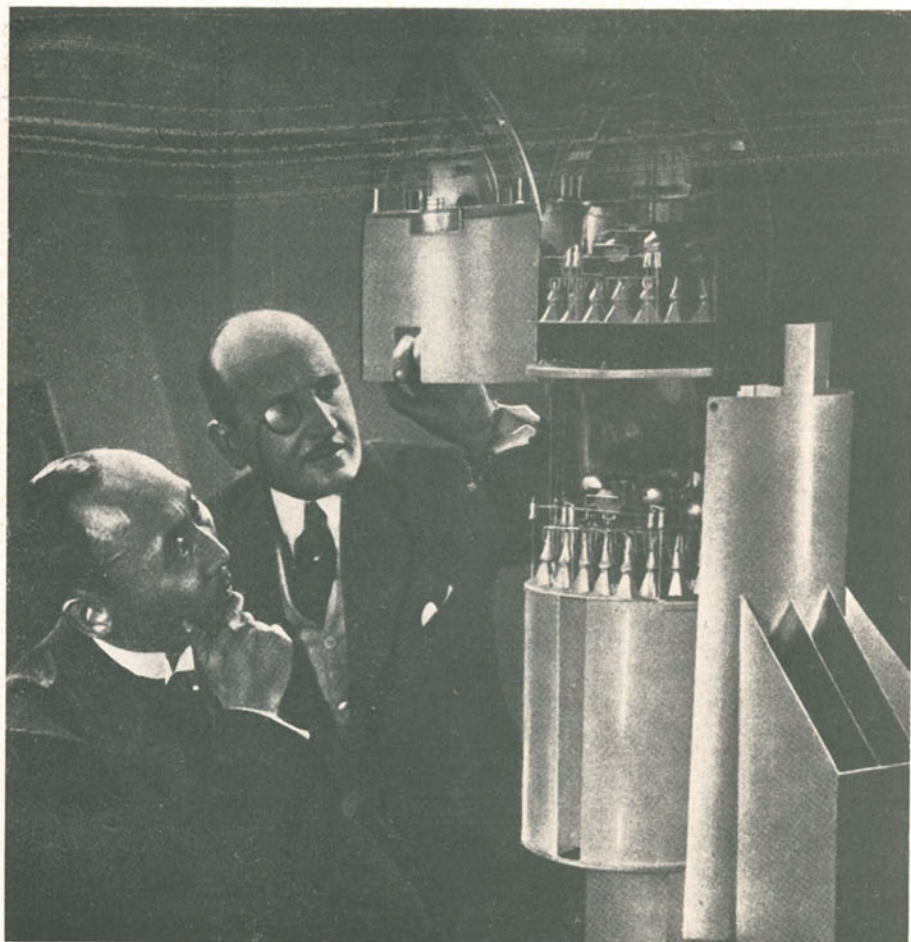
Piccard, o conhecido sábio belga que pela primeira vez penetrou na estratosfera, imaginou outra solução do problema, que expôs com grande brilho numa conferência em Nancy. Baseou-se para isso na discutida teoria da relatividade, de Einstein. Para executar a sua ideia seria preciso obter a transformação da matéria em luz, por meio da desintegração atómica. A ciência já encara seriamente essa hipótese. Ora a emissão de luz é acompanhada dum força de recuo, semelhante à produzida por uma explosão. Desintegrar um quilograma de chumbo equivaleria, portanto, a criar um foco luminoso capaz de impelir um corpo no espaço à fantástica velocidade de 300.000 quilómetros por segundo.

Mas onde as profecias do sábio tomam um aspecto mais transcendente é quando ele afirma — baseado no princípio relativista de que o tempo é função da velocidade — que o astronauta depois de viajar dois anos no espaço viria encontrar o Mundo envelhecido dez séculos.

Embora pondo de parte tudo o que há de antástico nestas previsões, pode afirmar-se que o problema da navegação no espaço inter-sideral caminha para uma próxima solução. O professor Oberth, a que já acima nos referimos, diz no seu livro «Wege zur Raumschiffahrt»:

«Nas condições actuais da ciência, é-nos possível construir máquinas capazes de se elevarem a altitudes extra-atmosféricas. Mediante aperfeiçoamentos complementares poder-se-ia imprimir a essas máquinas uma tal velocidade que, abandonadas a si próprias no espaço, não ultrapassassem a cair sobre a Terra, pois teriam ultrapassado a esfera onde se exerce a atracção terrestre. Estas máquinas poderiam ser construídas de modo a permitir a um homem instalar-se no seu interior e fazer-se conduzir por elas. Contudo, dadas as actuais condições económicas do Mundo, esse género de viagens seria dispen-





*Duas imagens do filme «Uma mulher na Lua». Em cima, os comandatários do empreendimento examinam o modelo do torpedo que vai partir para a Lua. Em baixo, os preparativos para a largada*

dioso e a exploração dessas máquinas não oferece lucros que atraiam os capitais necessários».

Uma objecção se levanta naturalmente ante estas previsões: É a vida humana compatível com um trajecto no espaço sideral! Pode a aventura ser tentada sem que se rompa o equilíbrio físico do astronauta?

As condições fisiológicas duma viagem deste género são mal conhecidas. Não se sabe qual a maior velocidade que o organismo humano pode suportar sem risco de morte. Outros aspectos do problema teriam, porém, fácil solução dentro dos meios de que a ciência dispõe. A respiração dos viajantes dentro dum recipiente hermeticamente fechado poderia ser assegurada por processos químicos identicos aos que se empregam a bordo dos submarinos e nas barquinhas dos balões estratosféricos. O frio dos espaços siderais, que se avalia em 273 graus negativos, também poderia ser vencido.

Resta o problema do regresso à Terra cujo interesse, no caso de participarem seres humanos na aventura, facilmente se calcula.

Várias soluções se imaginaram para resolver esse importante aspecto do problema, mas as probabilidades de êxito de qualquer delas são precárias. Em primeiro lugar, o veículo interplanetário teria de pousar na superfície do planeta a que se destinasse sem sofrer choques violentos que o destruíssem ou avariassem. Facilmente se compreende que esta condição é essencial para que o regresso se possa efectuar.

A velocidade do foguetão, aumentada pela atracção do planeta a que se destinasse, tornariam muito difícil a manobra da descida. De Júlio Verne para cá os inventores têm pensado vencer a dificuldade por uma série de explosões

contrárias que, actuando à maneira dum freio, impediriam que a queda na superfície do planeta se fizesse em condições catastróficas.

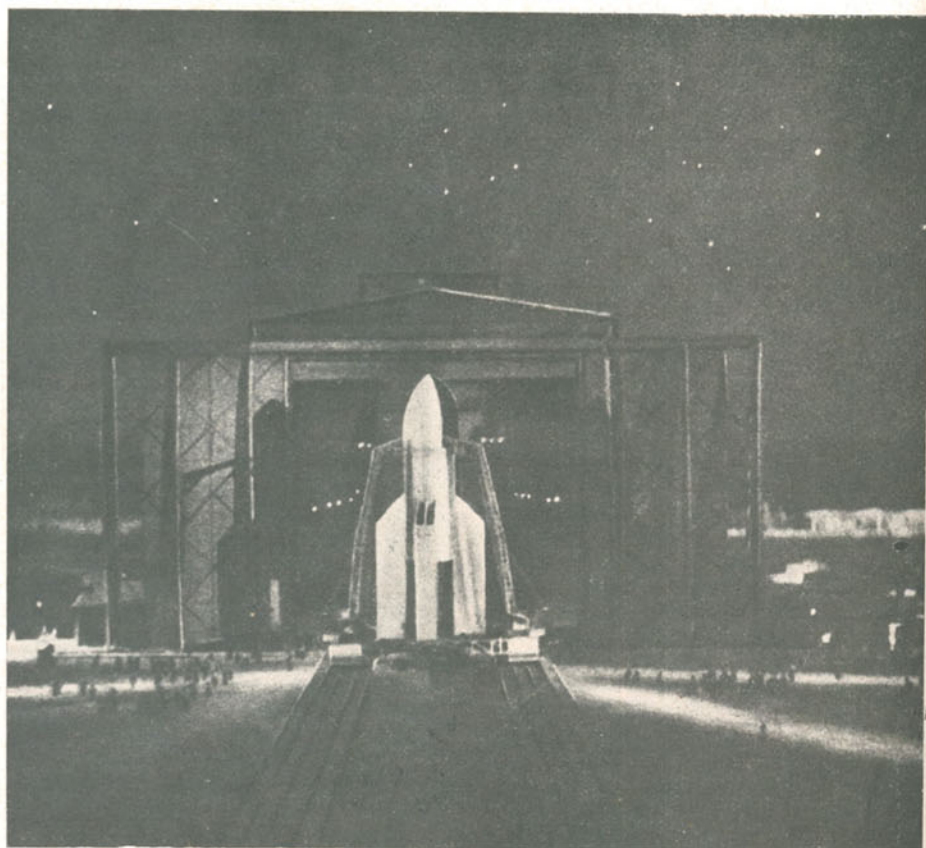
Dado que esse aspecto da questão ficava assim resolvido, restava dotar o veículo dos meios de propulsão necessários ao regresso, o que constitue problema difícil mas não insolúvel.

Em todo o caso, o ponto mais complicado da questão consistiria em fazer «pontaria» à Terra. A vida dos astronautas dependeria de acertarem nesse alvo que se move no espaço a grande velocidade. E os meios de o conseguirem num planeta estranho seriam, talvez, muito limitados.

Como se vê, a ideia das viagens no espaço sideral deu já motivo a grande número de locubrações. Inventores fantasistas têm elaborado com profusão os mais utópicos projectos. Um dos mais curiosos é o de certo engenheiro russo que imaginou lançar no espaço uma enorme construção que ficaria a girar em volta da Terra como um satélite. Esse novo corpo planetário serviria de *gare* nas expedições à Lua e aos outros planetas. O viajante partiria da Terra numa espécie de foguetão *tramway* e faria transbordo nessa *gare* sideral para outro veículo mais potente que o conduziria aos confins do espaço. O objectivo dessa estação intermediária era facilitar a partida para longos percursos, que poderia fazer-se no vacuo com maior facilidade.

Entretanto o problema continua a preocupar numerosos inventores e, afim de os estimular, a Sociedade Francesa de Astronomia criou em princípio de 1928 um importante prémio pecuniário para a primeira pessoa que estabelecer comunicações com outro planeta do sistema solar. Escusado será dizer que até hoje ninguém se apresentou para o receber.

Mas acabará por chegar um dia em que o Homem, libertando-se dos limites que a Criação lhe assinalou, se erguerá nos espaços infindos para conquistar novos mundos.





## CINEMA

O amor de Douglas e Mary  
ou uma bela ilusão que se perdeu

**N**ão morreu ainda no espírito do público a doce recordação do casal Douglas-Pickford, que durante alguns anos encheu os *écrans* e simbolizou uma época completa da história do cinema.

E contudo, o tempo, que não poupa ilusões, deu-se à ingrata tarefa de dissipar com o seu sopro implacável a fragil bola de sabão da sua felicidade matrimonial.

Douglas e Mary foram durante muito tempo os noivos ideais de todo o mundo. Viveram horas de triunfo e acumularam uma brilhante fortuna. A discórdia parecia não encontrar lugar entre eles.

Foi o tempo do «Zorro», das «Pernas Altas do Papá» e do «Pequeno Lord Fountleroy». Pickfair, a suntuosa residência do casal, nas imediações de Hollywood, era então considerada o templo da felicidade conjugal.

Um dia sobre este viver sereno soprou o vento da desavença. Douglas começou a fazer ausências cada vez mais prolongadas. A princípio, os cronistas dos jornais americanos, sempre ávidos de novidades sentimentais, não ligaram importância ao facto. Mas tempo depois começaram a notá-lo e a dar as explicações que o caso sugeria.

Alguma coisa de anormal se passava, a despeito de tudo quanto os dois esposos afirmavam em contrário. Aproximava-se um Natal e Douglas seguia em viagem. Caçara tigres no Nepal

e percorrera a China como bom turista americano. Mary enviou-lhe um telegrama a recordar a Festa da Família. E cavalheiresco como sempre, o Zorro interrompeu a viagem, utilizou os mais rápidos meios de transporte e conseguiu chegar a tempo de comemorar a data festiva na doce intimidade do lar.

Os optimistas rejubilaram. Afinal, o simpático marido da «Noiva do Mundo» permanecia fiel ao seu amor. E essa convicção trouxe alegria a muitos espíritos. Infelizmente, a atitude elegante de Douglas não passava do último clarão dum amor que se extinguiu. Passados poucos meses a separação anunciava-se com caracter irrevogável. Douglas e Mary, os esposos que o mundo inteiro supunha ligados pelo mais terno afecto, tinham reconhecido em comum acôrdo que não lhes era possível continuarem a viver juntos.

Douglas partiu para a Europa. Os que o viram de perto julgaram adivinhar-lhe no rosto expressivo o sulcozinho duma máguia muito íntima e dum desalento muito profundo.

Quando em fins de Agosto deste ano, Douglas regressou a Hollywood, a esperança voltou a animar os que acompanhavam a marcha do seu romance. Os dois esposos iriam reconciliar-se?

Soubese depois que não. Jam apenas tratar de negócios. Segundo parece a situação financeira de Douglas está bastante comprometida e a de Mary, embora superior, está longe da passada prosperidade. Desejoso de não levantar entraves à marcha do processo do divórcio, Douglas fizera esta viagem a fim de regular certas questões para cuja solução a sua presença era indispensável.

Douglas e Mary foram, como se sabe, os principais fundadores da «United Artists», a empresa que realizou quasi todos os seus filmes de grande êxito. Afirma-se que resolveram ambos vender as suas quotas nesses es-



*Douglas Fairbanks preparando-se para a filmagem de D. João*

túdios à nova firma «Século XX».

Seja como fôr, o que ficou demonstrado é que nem um nem outro pensam numa reconciliação.

Douglas tem hoje 51 anos e Mary confessa ter feito 41. Os seus retratos carecem já de um sério retoque, e os instantâneos dos reporteres fotográficos são-lhes inteiramente desfavoráveis.

Envelheceram. Mas o tempo que não se compadece dos mortais, é benevolente para os artistas de cinema. As películas que nos encantaram na nossa mocidade continuam a projectar no *écran* a imagem duma Mary de longos canudos loiros e dum Douglas atlético e optimista. Nenhum dos dois existe já na realidade. Mas que importa, se os filmes ainda podem contar as suas emocionantes aventuras?

Entretanto, os dois artistas, embora seguindo caminhos divergentes, não abandonam os seus projectos. Após o êxito alcançado em «D. João», Douglas planeia já um novo filme sobre a vida do explorador genovês Marco Polo e as suas arrojadas expedições no interior da China. Mary Pickford, por seu lado, mantem-se indecisa. Mas pode supôr-se que não se atreverá a afrontar novamente a máquina de filmar.

E' tão difícil saber envelhecer com dignidade...

Como não podia deixar de ser, a Exposição que vai realizar-se em Paris em 1937 terá uma larga secção consagrada ao cinema. Foi agora nomeada uma comissão que está encarregada de elaborar um projecto sobre a colaboração do cinema no certame. Fazem parte dela algumas figuras de grande destaque na indústria e no jornalismo cinematográfico, como Louis Lumière, Aubert, Delac, Natan e Vuillermoz.

Diz-se que em Paris, com certos visos de verosimilhança, que nos primeiros meses do próximo ano Lilian Harvey se apresentará ao público no teatro da Porta Saint-Martin daquela cidade. Como é de prever, a linda artista interpretará uma opereta de grande espectáculo. E para não perder tempo trabalhará, durante o dia, num estúdio dos arredores da capital francesa.



*Mary Pickford que faz correr uma acção de divórcio contra seu marido*





Fialho de Almeida

FIALHO DE ALMEIDA, o terrível Fialho d'Os Gatos, que tanto se empenhou em dar lições de bravura ao monarca português, aconselhando-o a preparar por suas mãos um regicídio aparatoso com muito sangue e muitos tiros que lhe deixasse um nome na História; salientando-lhe que "os reis que não gramavam chumbadas do povo eram como as cigarreiras que não apanhavam cascudos dos amantes, umas lésmas, a cuja existência se perdia o interesse", e fazendo-lhe vêr, por fim, que seria vantajoso "dignar-se a verter o seu sangue, antes que a História, julgando-o, solicitasse a posteridade a verter águas"; Fialho, o temível Fialho teve sempre um verdadeiro horror pelas cenas violentas.

Os duelos apavoravam-no.

Embora as suas mais belas páginas constituíssem o pelourinho dos arranجاتas e videirinhos do seu tempo, os defeitos que apontava e castigava aos outros deixavam de ser defeitos, quando praticados por êle.

Travando conhecimento com o conselheiro Joaquim António Gonçalves, grande industrial de chapelaria no Pôrto e redactor-chefe do jornal "A Província", de Oliveira Martins, serviu-se destas relações para conseguir um emprego chorudo, e, nessa intenção, escreveu a seguinte carta:

Meu caro amigo:

Tem-se fallado aqui ha dias n'uma recomposição ministerial, com o Oliveira Martins em não sei que pasta, obras públicas, marinha, fazenda, não sei qual...

Como este boato, cedo ou tarde pode vir a ter realidade, vou pedir-lhe um favor (um grande favor até) e não o peço ao Martins, e interponho n'elle a aliás valiosissima mediania, porque o nosso antigo redactor em chefe não faria absolutamente caso nenhum do que eu lhe dissesse.

O caso é o seguinte:

Lembrei-me de que sendo o Martins ministro, não faria a minha pobre carcaça muito má figura na ante-câmara, como secretario. Está vendo que o secretariado é quasi o meu forte. Escusa de rir-se da minha ambição. Tenho lançado os meus olhos á roda, a vêr quem poderia o Martins escolher para tal cargo.

O Jayme de Magalhães Lima está longe.

O Luiz de Magalhães da mesma forma.

Que diabo! E se o meu caro Gonçalves, em occasião opportuna (não quer ser meu concorrente, não?) lembrasse ao nosso philosopho o que acabo de lhe dizer?!

Diga-me que se não ri do meu pedido, e prometta-me interceder calorosamente n'esta minha pretensão. Sabe que nos fomos todos embora do "Reporter"? — excepto o Carrelhas, que engorda, o picaro, com o esmaltar, dia por dia, com pedras preciosas e adjectivos medonhos, a parte da policia. Mando-lhe um abraço, e a certeza da minha estima.

Fialho d'Almeida.

Gonçalves respondeu, prometendo interessar-se pelo assunto, embora não agou-rasse grande êxito á pretensão do Fialho,



Oliveira Martins

## CHOQUE DE COLOSSOS

### O bravo cidadão Gonçalves chapeleiro, contra o panfletário de "Os Gatos", fundibulário e moralista portuense pretendente de emprêgo chorudo

visto o Oliveira Martins ser um indivíduo inabordável. Ainda assim, iria tentar o que pudesse...

Fialho enviou logo nova missiva:

Meu caro amigo:

Muito agradecido pela resposta á minha carta. Não mande ao Martins a que eu lhe escrevi, quanto ao secretariado. Elle é uma especie de railleur doux, que ás vezes é terrível. Já agora quando vocês subirem ao poder, procurei bocado apetecível. Renovo, meu caro Gonçalves, os meus agradecimentos pela sua carta, e peço-lhe que mande o seu devotado.

3 de Novembro, 88.

Fialho d'Almeida.

O cidadão Gonçalves, que arrecadara estas cartas como documentos curiosos, não resistiu á tentação de as mostrar a alguns amigos que, por sua vez, as alardearam nas mesas dos botequins por entre ditos mordazes e piadas sangrentas.

O terrível panfletário ficava numa situação pouco airosa.

Como abaçar o escândalo?

Fialho, dando-se ares de pimpão, encarregou os seus amigos Abel Botelho e Pinto da Mota de solicitarem a cópia integral das malparadas missivas ao seu indiscreto destinatário.

Calculava êle — pobre ingênuo! — que o cidadão Gonçalves teria a delicadeza cavalheiresca, como se duma dama se tratasse, de lhe enviar com as suas mais sinceras desculpas, as malditas cartas que tanto o faziam sofrer, provando-lhe assim que não mais voltaria a mostrá-las, fôsse a quem fôsse.

No entanto, Gonçalves, tomando o gesto de Fialho como um desafio, nomeou também as suas testemunhas, e preparou-se para um provável duelo.

Eis a acta da pendência:

Aos trinta dias do mês de janeiro de 1891, reuniram-se nas salas da redacção do "Dia", os abaixo assinados — Antonio d'Almeida Pinto da Motta, Abel Botelho, José Barbosa Colen e José Maria de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, — os dois primeiros como representantes do ex.<sup>mo</sup> sr. José Valentim Fialho d'Almeida, e os dois ultimos, do ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Antonio Gonçalves.

Tendo sido dito pelos dois primeiros que vinham aqui por indicação do ex.<sup>mo</sup> sr. Gonçalves, para obter deste cavalheiro copia integral das duas cartas que ao ex.<sup>mo</sup> sr. Fialho d'Almeida constava terem sido mostradas a algumas pessoas das relações d'aquelle senhor, cartas escriptas em tempo pelo mesmo ex.<sup>mo</sup> sr. Fialho d'Almeida ao ex.<sup>mo</sup> sr. Gonçalves, parecendo-lhe vêr uma intenção aggressiva na forma por que essa cópia lhe era requerida, em carta dirigida aos dois primeiros pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Fialho d'Almeida, lhes confiara a missão de resolverem convenientemente o assumpto, dum modo consentâneo á sua dignidade, dando-lhes para isso plenos poderes.

Pelos primeiros foi então dito que da parte do ex.<sup>mo</sup> sr. Fialho d'Almeida, não tinha havido senão o proposito de obter copia integral d'essas cartas e nenhum intento de provocações ou offensa o movera a escrever a carta alludida. Em vista do que os dois ultimos replicaram que, ressalvada por esta aclaração a dignidade do seu constituinte, estavam promptos a entregar as copias pedidas, as quaes para completa authenticidade, se resolverem que fossem rubricados pelos quatro signatarios d'esta acta.

Lisboa, 30 de janeiro de 1891.

(ca) Antonio d'Almeida Pinto da Motta; Abel Botelho; José Barbosa Colen; José Maria Alpoim de Cerqueira Borges Cabral.

Fialho, eterno insatisfeito, não se conformou com os termos desta acta, e jurou vingarse. No dia seguinte atirava-se no jornal "A Pátria", ao cidadão Gonçalves, numa linguagem despejada de colareja, que, longe de lhe criar alguma razão apenas levantava um fedor nauseabundo.

Gonçalves, hirt e impávido, não se dignou baixar à esterqueira e agredir o seu detractor com punhados de sujidade. Limitou-se a mandar estampar a acta da pendência e as cartas comprometedoras na primeira página d'"A Província", sem o mais leve comentário, para que o público avaliasse como melhor entendesse.

Como os insultos continuassem, Gonçalves entregou o caso aos tribunais competentes, visto o furibundo Fialho ter tanta coragem para ofender e tão pouca para tirar um desfôrço na devida altura. Poderia travar polémica com um adversário de tal envergadura, que não lhe escasseavam qualidades para o fazer. Guerra Junqueiro não levava a melhor com êle, quando do incidente da *Finis Patria*.

Fialho declarou então:

"Em 31 de Janeiro último, produzindo no jornal "A Pátria", uma série de documentos, de carácter exclusivamente pessoal, tive de os explicar em algumas linhas de prosa justiceira, das quais tombaram sôbre o Gonçalves da "Província", estas duas acusações de tórto e m...

— a primeira, fundamentada quasi tôda no seu proceder desleal para com Junqueiro, visando-lhe o carácter — a segunda, mais particularmente inferida da sua singular e fétida maneira de tirar desagravo nas polémicas jornalísticas, visando-lhe a figura. O homem, pesando-lhe a afronta, não hesitou em desviá-la do terreno em que outros haveriam preferido deslindá-la, e encarregou, disse-ram-me, os tribunais de terem coragem em seu lugar...

Era assim o Fialho!

Quando, anos depois, no Café Martinho, encarregava Brito Camacho e Azevedo e Silva de lhe servirem de padrinhos num duelo que deveria ter com o conde de Arnoso, recomendou sempre até o último momento:

— "Olhem que eu não me bato! Os plenos poderes que dou às minhas testemunhas são para elas evitarem o duelo."

Gomes Monteiro.



Joaquim António Gonçalves



A O comemorar mais uma vez a gloriosa Restauração de Portugal, não devemos esquecer que o partido usurpador teve, a princípio, numerosos adesivos, entre os quais grande parte dos fidalgos que mais tarde tramaram a conjura. A coleção de papeis colhidos nos arquivos da casa do Marquês de Pombal contém-nos muitas coisas curiosas, senão vergonhosas. Muitos dos conspiradores apoiaram o 8.º duque de Bragança... porque Sua Majestade Filipe IV não se tinha chegado ao preço.

Era poderoso, portanto, o partido filipino e mais poderoso continuaria a ser, se o secretário de Estado, D. Miguel de Vasconcelos, soubesse cativar os ambiciosos, na intenção natural de "levar a água ao seu moinho".

Mas, como assim não sucedeu, com o decorrer do tempo foi crescendo o número de descontentes. Miguel de Vasconcelos deliberou entrar no caminho das violências, ferindo sem distinção todas as classes, sem exceptuar o clero que havia de ser o mais perigoso inimigo pela extraordinária influência que exercia no ânimo do povo.

Graças a esta propaganda, alastrada por meio do púlpito e do confessionário, começou então a intensificar-se o culto sebastianista.

O truculento padre José Agostinho de Macedo asseverou categoricamente que na revolução restauradora de 1640 "não tinha entrado nem um só jesuíta, mas que os religiosos da Companhia de Jesus, sempre dissimulados e verdadeiros gatos na melancolia e na caça, exploraram em proveito próprio o movimento revolucionário que pôs no trono D. João IV, fazendo acreditar que ele era o prometido das profecias populares.."

Rebello da Silva, discordando do terrível panfletário dos *Burros*, assinala na sua "História de Portugal", que os jesuítas tiveram uma intervenção poderosa na conspiração restauradora e na consolidação da dinastia bragantina. A propósito, este ilustre historiador recorda a propaganda que o padre Luís Álvares, num sermão pregado perante o cardeal Alberto, se afoitara a expandir: "Sereníssimo príncipe! — gritou-lhe ele — levantai-vos, tomai o fato e a cabana e ide-vos para a vossa terra... é o que significam as palavras de Cristo.."

D. Francisco Manuel de Melo diz nas "Epanaphoras" que os padres da Companhia de Jesus "tácitamente contribuíam às esperanças de alguma novidade.."

Em boa verdade, o profetismo havia sido uma arma poderosa nas mãos dos descontentes. Foram recordadas as supostas palavras de Cristo a Afonso Henriques nas côrtes de Lamego, em que o Rabbi nazareno prometera ao primeiro rei português a sua miraculosa interferência até o momento em que florescesse a décima sexta geração. Contando de rei a rei, desde D. Sancho I ao cardeal D. Henrique, sucederam-se dezasseis gerações.

Dizia-se também que S. Bernardo, encontrando-se em Claraval, escrevera uma carta a Afonso Henriques, afirmando-lhe que "ao reino de Portugal nunca falta-

riam reis portugueses, salvo se, pela graça de culpas, por algum tempo Deus o castigasse; não seria, porém, tão comprido o prazo deste castigo que chegasse a termo de sessenta anos.."

Além disso, as profecias do sapateiro Bandarra eram interpretadas num sentido inteiramente aplicável à restauração da independência nacional pela aclamação do 8.º duque de Bragança.

O sapateiro de Trancoso tinha escrito:

*Saia, saia, este infante  
Bem andante,  
O seu nome é D. João...*

Estava mesmo a vêr-se quem deveria ser o novo rei. No entanto, apareciam cépticos garantindo que a profecia dizia *D. Fôão* e não *D. João*. Desde o momento, porém, em que fosse encontrada uma explicação plausível para a troca numa letra, a profecia teria de cumprir-se. Surgiu então a explicação desejada: os sebastianistas tinham mudado o J em F para despistar o usurpador, visto que Fuão poderia ser qualquer Fulano e não seria apontada uma cabeça à sanha do castelhano. Houve até quem recordasse o testemunho de pessoas contemporâneas do Bandarra, garantindo que este escrevera:

*O seu nome é D. João.*

Em virtude dum tal propaganda, o sebastianismo adquiriu proporções colossais, arreigando-se cada vez mais no ânimo das multidões a ideia dum próxima libertação.

Quando o duque de Bragança veio a Almada, como governador das armas de Portugal, foi ali procurado por alguns fidalgos, entre os quais D. António de Mascarenhas, D. António de Almada, D. Miguel de Almeida, D. Francisco de Melo, Monteiro-mór e Pedro de Mendonça, alcaide-mór de Monsão que o instaram para aceitar a coroa portuguesa. O duque vacilava. Gostava de ser rei, mas podia falhar o golpe, e, nesse caso, arriscaria a cabeça. Que era muito cedo para pensar nessas coisas, que deixassem correr mais algum tempo, porque o tempo era, ainda assim, o melhor conselheiro.

D. António de Mascarenhas, enfadado com tanta cobardia, disse-lhe:

— Pois amanhã, quer Vossa Alteza queira, quer não, será aclamado mesmo em presença da regente.

— Não consinto — replicou D. João apavorado com o que ouvia — é ainda muito cedo, e podemos perder a vida...

Ante uma tal pusilanimidade, alguns dos conjurados tiveram a ideia de proclamar o regime republicano, cortando assim o impicílio dos direitos dinásticos.

Por fim, o fraco D. João, impellido pela esposa, deci-

*Gravura da Foma publicada em «O Eco Político» de D. Francisco Manuel de Melo, ed. de 1645*

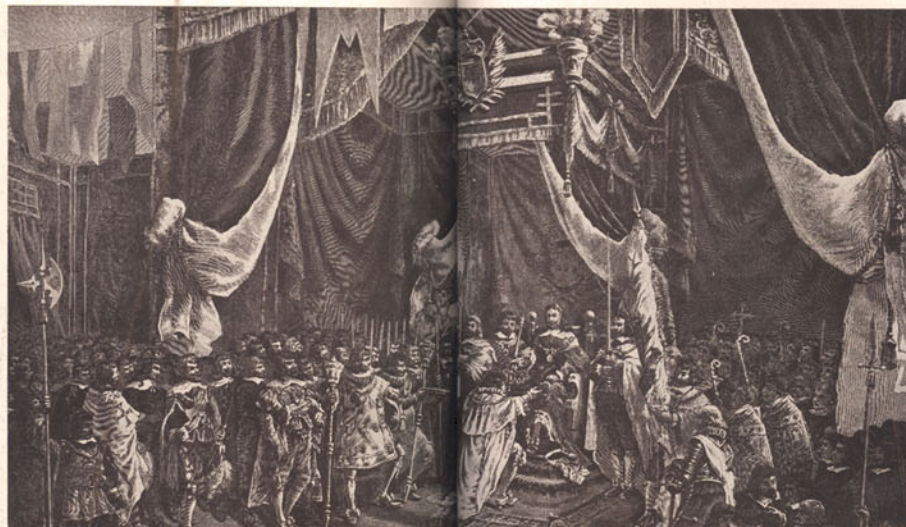
diu-se a aceitar, embora tivesse preparado uma fuga segura, no caso de falhar o golpe.

Na reunião dos conjurados, efectuada em 25 de Novembro, foi marcado o dia 1.º de Dezembro para a eclosão da revolta. O padre Nicolau da Maia incumbiu-se de avisar o juiz do povo e a casa dos vinte e quatro. Decidiu-se também que fosse dada participação ao arcebispo, e discutiu-se depois se o rei escolhido deveria vir a Almada, sendo dêsse parecer a maioria. João Pinto Ribeiro, valendo-se da sua maior elo-



## O MOVIMENTO DA RESTAURAÇÃO DE 1640

### A influência dos jesuítas e arte de Miguel de Vasconcelos



*A cerimónia da coroação de D. João IV*

qüência, conseguiu voltar as opiniões. D. João esperaria em Vila Viçosa. Questionou-se, por fim, o plano da revolução, sendo aprovada a ideia dum ataque de surpresa ao paço da Ribeira.

No entanto, a conjura não era já um segredo, pois toda a gente se lhe referia, citando-se até os nomes dos principais conspiradores.

Que a duquesa de Mântua vacilasse, no seu natural fraquejar feminino, compreendia-se. Mas onde estava o conselho do reino, constituído pelas energias do arcebispo de Évora, D. Sebastião de Matos Noronha, do marquês de Vila Real, dos condes de Li-

nhares, Castanheira, Santa Cruz e Miranda, de D. Francisco de Mascarenhas e do renegado secretário de Estado, D. Miguel de Vasconcelos?

É certo que os usurpadores não acreditavam na ressurreição de Lázaro, mumificado nos areais de Alcaecer Kibir. Portugal morrera de inanição nessa desastrosa batalha e ainda não decorrera tempo suficiente para criar novo sangue que derramasse em pró da sua independência.

Os conspiradores, confiados no êxito da sua empresa, não atendiam aos conselhos da prudência, levando o seu ósio a divulgar os seus planos e a tratar com desprezo a gente do governo, como sucedeu com D. António de Mascarenhas que, ao cruzar-se na véspera com Miguel de Vasconcelos, no claustro do convento de S. Francisco de Xabregas, nem sequer lhe tirara o chapéu, consoante as regras da boa corteza.

Apesar de avisado sobre o dia e hora da revolta, o conselho do reino não reagiu, atribuindo talvez tais boatos a desabaços e basófias inofensivas.

Pois no dia 1.º de Dezembro de 1640, às 9 horas da manhã, um grupo de fidalgos, ladeados pelos seus criados e homens do povo, invadiram o paço da Ribeira e desarmaram a guarda que mal opôs resistência.

Um golpe de audácia simplesmente. Rocha Martins, o historiador magnífico das multidões, descreve-nos assim este angustioso lance:

"Um grupo de soldados mais valentes pretendeu ainda defender a porta dos aposentos da vice-rainha; aglomerou-se, quis resistir; porém, Pedro de Mendonça e Faria de Sousa, investindo-o fortemente, levaram-no de tropel. A voz vigorosa do octogenário D. Miguel de Almeida soava, num comovido brado: "— Liberdade! Liberdade! Viva D. João IV!"

"Aclamou-se em grita o nome do rei português que a revolução alçava, num triunfo ainda duvidoso.

"Para o velho fidalgo é que não oferecia hesitação a vitória. Estavam ali; Deus estaria com eles,

"As lágrimas dos cativos eram o bálsamo que ungia tão poucos guerreiros contra tanto poder.

"O nobre ancião assomou à varanda e o seu viva ressoou até ao Tejo, entre os clamores loucos de júbilo da criadagem e do povo, que começava a descer dos seus bairros.

"A guarda castelhana quis deter a onda que se aproximava; Jorge de Melo, saindo do côche, seguido pelos seus companheiros, abafou a resistência. Os padres Maia e Baltazar da Costa batiam-se energeticamente e, lá em cima, os conjurados, avançando pelos salões, buscavam o secretário de Estado.

"D. António

Telo, numa fúria, querendo cumprir um dever que se impuzera, perguntava:

"Onde está Miguel de Vasconcelos?"

"Já um dos apunhaçados do ministro correrá a dar-lhe aviso. Chmava-se Manuel Mairzos da Fonseca e passava como um turbilhão em busca do chefe. Ninguém o pôde deter porque se estava ainda a escorrer as guardas diante doutra porta.

"Rasgada a passagem, destroçados os arceiros, um homem surgiu, interrogando os fidalgos. Era o secretário do mau português. Seu nome de Adriano de Salazar Sarazá ferreteara-o menos que o do amo. Nascera em Espanha este funcionário da secretaria de Estado. Salvara-se da traição.

"— Que quereis? — interrogou lívido, mas buscando conservar a altivez. Sentiu contra o peito os canos das pistolas. Disseram-lhe valer-lhe não ser português como o seu chefe, reputado traidor. Não lhe fariam mal. Calasse-se.

"O oficial da escrivania submeteu-se e os conspiradores foram até o gabinete do seu compatriota.

"Não o viram. No entanto, adivinhava-se que não devia andar longe. Estivera ali gente; mostravam-no os papeis remexidos, as cadeiras arredadas de rompante da mesa do despacho. Os empregados deviam ter fugido. Ele seguira-os. Fortes machadadas foram rompendo a porta que separava o escritório dos aposentos particulares do estadista.

"Percorreram todos os quartos; não o encontraram, e imaginando que tivesse conseguido passar para a casa da Índia, para lá se dirigiam, quando apareceu uma sérv. Diante dos senhores, em ira, armados, e perguntando-lhe pelo amo, ela ia dizendo:

"— Não sei! Não sei, meus fidalgos! Não sei! ...

"Ao mesmo tempo, o seu dedo indicava um vasto armário no qual o perseguido se refugiara.

"Era um móvel enorme, metido numa parede e, que podia albergar mais de um homem. Arrombaram as portas; escondido, sob um monte de papeis e agarrado a uma carabina, o secretário de Estado, nem teve tempo de implorar. Dois tiros o prostraram. D. Gastão Coutinho fez um gesto aos seus lacaios que, tomando o corpo do qual jorrava sangue, o fizeram cambalhotear para o terreiro.

"Imediatamente, se lançaram pelas janelas os móveis, os trajes, as alfaias do condenado; até os tapetes foram parar à praça onde os marinheiros e a gentilha da Ribeira acorreram para o régabofe. Arroçando-se sobre o morto, cortavam-lhe os dedos para se apossarem dos anéis, arancavam-lhe o bigode e as barbas, calcavam-no em fúrias canibalescas. De repente, luziu uma navalha de cortar cadame, fiseou, e logo, entre um ensurdecedor berreiro, se viu decapada, bem cerce, uma das orelhas do ministro. Pingava um líquido negro e grosso, que era o sangue coagulado; e as vozes subiam escarinhadas e ameaçadoras. A outra orelha do imolado apareceu na ponta dum chhuço enquanto a turba o cuspiu, e maltratava, sacrilegamente.."





adicional entre o norte e o sul. Dessa diferença surgiu há oito séculos e surge ainda hoje, o melhor atestado de que o país, com os seus quase noventa mil quilómetros quadrados, tinha inevitavelmente de constituir um corpo uno, diferenciado apenas por uma obediência de latitude. Todas as outras diferenças de vária ordem desde a arquitectónica à artística, desde a folclórica à etnográfica, mais não são do que o fundamento seguinte dessa obediência de latitude, dessa diferenciação corográfica.

Adentro da ordem artística e histórica, o templo de Diana, em Évora, em pleno coração da lande alentejana e a estátua de Neptuno, encontrada há séculos, nas escavações da fortaleza do Outão, em Setúbal, rimam com a estátua bizantina, raríssima, da igreja de S. Gonçalo de Amarante e o mosteiro de Leça de Bailio, puro exemplar românico, situado nos arredores do Pôrto.

Acentuadamente a diferença de séculos que existe entre o helenismo das ruínas do sul e o bizantino e o românico dessas obras de arte típicas, do norte, que acabamos de citar, é já o fundamento, a diversidade histórica entre as duas divisões cardiais do país. O Sul arabizado, de alta influência romana com a macrocefalia gloriosa de Lisboa, já cosmopolita nas cruzadas, em bons tempos do fundador

da dinastia de Borgonha, em cujo túmulo e de seu filho D. Sancho I, há poucos dias ainda, prestámos uma sincera e solitária visita de alma, e o norte dum purismo celta, nítido e manifesto ainda hoje, e com o sentido de feitoria comercial do Pôrto, adicionados e fundidos, dão a realidade, a presença histórica duma nação única na Europa, desde os começos da Renascença, pela sua plena unidade territorial e moral. Assim ser português é uma realidade, um sentido sintético, que dizem respeito a uma civilização e a um



TRAVÉS duma paisagem que se desdobra em mutações bruscas, desde as pradarias ribatejanas, perdidas na cisma dos longes iguais, até aos castelos de Obidos e de Leiria, como duas sentinelas espectrais em vigilância secular da grei, o norte e o sul do país separam-se definitivamente no mosteiro da Batalha e na região envolvente de Alcobaca. A arquitectura, a "mise-en-scène", das coisas e dos próprios panoramas, tomam novos aspectos, definindo duma maneira insofismável a diferença de caracteres étnicos e etnográficos, entre a parte sul e a parte norte do corpo indivisível da nação. Se hoje Portugal se pode orgulhar de ser o país, que há oito séculos mais tem mantido a sua unidade estrutural e a sua fisionomia territorial, é porque a história mais não fez do que manter a fixação, o sentido autónomo dum território absolutamente destinado à independência adentro do amálgama das pequenas nações ibéricas da idade-média. A simples presença do Atlântico e o atavismo fenício das navegações, deram-nos uma imutabilidade independente e uma consciência histórica. A paisagem circunda, acompanha pois o itinerário dos acontecimentos históricos, dando-lhes um ambiente, uma expressão, locais, inconfundíveis. Se o norte e o sul do país se separam na região de Alcobaca e se distanciam adentro da mesma unidade étnica é porque razões de ordem geográfica e motivos de ordem histórica, criaram essa diferença, êsse glorioso motivo de emulação e de desenvolvimento, entre os dois caracteres corográficos mais definidos no corpo da nação. A totalidade do país, é pois, a soma das possibilidades, da capacidade

## DIFERENÇAS

# A cidade do Pôrto, síntese do norte

caracter histórico, inconfundíveis. Por isso em oito séculos de história, a nação portuguesa criou a sua personalidade e o seu instinto intacto de independência.

Através, pois, duma paisagem de lenda em que todas as "nuances", se perspectivizam e se debruçam sobre os rios e os montes da terra lusitana, a viagem coloca-nos em sete horas, nos dois pólos opostos da nação e é desta forma que os olhos e a inteligência, antes a reflexão, sentem absoluta e rapidamente o carácter diferencial das duas metades do país. A partir de Coimbra a paisagem cristianiza-se, torna-se duma doçura moral, que só os sentidos elevados compreendem embriagadoramente. Assim se reflete na paisagem o carácter celta e religioso da gente nortenha, cuja obediência e cuja fé nas crenças dos avós é actualmente, ainda, uma consequência histórica.

O Pôrto é, pois, uma síntese gloriosíssima de grei, um dos mais típicos espécúlos urbanos da Europa continental. A cidade "mise-en-scène", em anfiteatro, com os renques verdes dos pinheiros das margens do Douro e a patine tão sóbria e eterna do granito, é das mais raras cidades da raça latina e uma das que mantém mais vivo e mais latente o sentido do passado. Os bairros do Barrêdo, da Ribeira, da Misericórdia, de Miragaia, dum puro estilo século xv e xvi, de que é um inalterável exemplo êsse museu vivo da rua de Santana, só tem rival em certos recantos de Anvers e de Amsterdão.

Como nessa época tivemos um intercâmbio de comércio e de navegação entre a Flandres e Portugal, a influência arquitectónica entre nós da construção flandrina ficou manifestamente marcada. Estes bairros que citei confirmam em absoluto a têsé, que há muito pus, duma insofismável e nítida influência dos construtores e dos arquitectos flandrios e flamengos, nas nossas casas de quinhentos e de seiscentos.

A mesma obediência inteligente com que o Portugal do norte contrariou o abastardamento árabe e andaluz do sul e a simultânea influência comercial do judeu — seguindo a construção flamenga e adoptando-a e casando-a às nossas possibilidades, — séculos depois, manifestou-se com um sentido igual quando o realizador genial que foi Eiffel êsse architecto épico do ferro, nos deu o exemplar duma das duas pontes admiráveis que ligam as serenas margens do Douro.

Confirma-se assim que o norte sempre esteve à altura da civilização do estrangeiro e sempre manteve com as suas feitorias da Renascença e o seu prestígio comercial moderno, actual, o carácter de feitoria e de burgo comercial e industrial que o sul nunca pôde manter, numa mesma igualdade hegemónica. Na última exposição industrial do Parque

## DE LATITUDE

Eduardo VII o norte do país teve industrialmente sobre o sul uma superioridade bem marcada.

Com o brilho da Exposição Colonial, o Pôrto reviveu as mais belas horas do seu esplendor e confirmou em absoluto as suas altas qualidades realizadoras.

Isto só confirma a eternidade, a igualdade histórica que dão a esta nobre e invicta cidade do Pôrto, como lhe deram há longos anos, o principado comercial do país. E estando o norte todo em atitude de solidariedade e ramificação com a sua capital, debaixo de todos os pontos de vista, a região nortenha é, pois, um alto e insofismável atestado do pleno desenvolvimento da grei, e pelas suas virtudes e pela sua grandeza e simplicidade de costumes, de trabalho e de acção pessoal, constitui um nobre título de orgulho para toda a nação portuguesa, que está hoje, sente-se amplamente, em estrênuo, em contínuo revigoramento e reconstrução de costumes e possibilidades de toda a ordem.

O norte tem de realizar como o centro e Lisboa têm realizado inteligentemente, o seu turismo, fazendo-o rivalizar com o centro e o sul do país. A exposição última do Parque Eduardo VII revelou a milhares de visitantes a alta e completa capacidade produtora desta região, que não será exagero dizer que economicamente se pode satisfazer a si própria sem auxílios alheios. O sentido da máquina, o sentido da produção, o sentido do artefacto, são mais completos no norte. O sul tem a sua vantagem na lavoura, na pesca e em outros produtos riquíssimos como as



conservas, as cortiças, etc. A recente Exposição Colonial foi um somatório formidável das possibilidades realizadoras da região nortenha e do seu inquebrantável espírito construtivo.

Ora se o norte tem organizado como um plano inteligente a sua hegemonia económica deve também criar o seu turismo, que é hoje uma indústria em pleno florescimento.

As belezas do norte e sobretudo do Pôrto, conjuntamente com os seus arredores pulquerrimos e as regiões que os circundam, com essa admirável paisagem de Amarante, da Povoia de Varzim, de Espinho, de Famalicão, do justo ambiente camiliano de Landim e de S. Miguel de Seide, de S. Tirso, que lembra uma Sintra menos elevada e mais doce, onde a própria paisagem tem um enlêvo, um sortilégio, musicais, são tudo o que ha ou pode haver de mais belo e de infelizmente mais irrevelado em Portugal.

Desde que o Pôrto lance o seu turismo



e internacionalize as suas praias da Foz e de Carreiros, dando-lhes um casino moderno no genero do Estoril e um hotel com todas as possibilidades de moderna construção, terá resolvido um dos seus problemas de fomento e de expansão.

Mais do que em Lisboa e do que nenhuma outra região do país continental, o Pôrto tem um sentido de etnografia e de "mise-en-scène", histórica, raríssima. Revelar êsses bairros da beira-rio, onde assistimos com os nossos olhos de hoje, a um puro espécúlo arquitectónico de seiscentos e setecentos, dar a beleza rara e deslumbrante d'essas margens do Douro, duma pulcritude de paisagem que não tem rival na fisionomia e na flora do país, será para todos os turistas que vierem ao norte, um contentamento sem par e uma perturbadora lição de paisagem.

Um dos maiores e mais notáveis pintores do mundo, Pascin, que ha quatro anos se suicidou em Paris, esteve incógnito e sózinho no Pôrto durante meses,



deixando uns cartões e uns apontamentos sobre costumes durienses, hoje creio que dispersos nas galerias de pintura da capital francesa, notabilíssimos. Raras vezes o génio dum artista, nos dá tão raramente, como Pascin nos deu, a síntese decorativa e etnográfica do norte. Pena é que o Museu Soares dos Reis, não tivesse sabido a tempo da existência d'essas obras e da estada de Pascin, no Pôrto. A mim, me disse êsse génio de pintura contemporânea, gêmeo de Picasso e de Modigliani, que conhecendo quasi todo o mundo, nada o tinha impressionado tanto, como o sentido local dos costumes da Beira-Douro, duma sobrevivência certamente fenícia e levantina e duma eternidade de "décor", quinhentista e seiscentista, único. O pintor pôz nestes apontamentos a griffe do seu génio de *apuntista* moderno, e lástima é, que ainda não possam ser comprados e nacionalizados, portanto, êsses cartões maravilhosos, já que o seu sentido artístico e o seu ambiente são caracteristicamente nossos.

A raça e a grei têm no norte e no Pôrto o seu mais glorioso esplendor. O Pôrto é, pois, uma cidade-resumo, uma cidade-síntese e na sístole e na diástole da sua pulsação urbana, sente-se, auscultada-se amplamente, a imortalidade, a consciência inalterável do povo e da grei. A par dessa perscrutação e dêsse símbolo vivo, o Pôrto e o norte tem uma tradição arrejada e consciente da liberdade, não da liberdade aparente mito social, mas sim duma liberdade expressão cívica do povo, tal como êle a tinha no esplendor da Renascença e na voz ousada das Côrtes Gerais. Pelas suas qualidades, pelo dinamismo da sua acção de trabalho, pelo seu instinto de regalias cívicas, o norte do país de que o Pôrto é uma síntese, completa a visão e o horizonte mais amplo e liberto do sul.

Por isso, em emulação de capacidades entre o norte e o sul do país, Portugal tem o seu maior e mais sincero título de glória.



**Festas de caridade**

No AVIZ HOTEL

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, está em preparação para a tarde de domingo 9 do corrente, uma interessante festa de caridade, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência, nos vastos salões do Aviz Hotel, o nosso primeiro hotel de luxo da capital. A festa será abrihantada pela esplêndida orquestra «jazz-band» privativa, sob a direcção do distinto violinista Almeida Cruz, que se fará ouvir em um magnífico programa de músicas modernas.

Os bilhetes de admissão requisitam-se pelo telefone 40752, para onde também se faz a marcação de mesas.

**Banquetes**

Num dos salões do Aviz Hotel, realizou-se, por iniciativa de um grupo de amigos íntimos, um banquete de homenagem ao antigo ministro do Interior sr. Raul Gomes Pereira. A festa revestiu o carácter da maior intimidade, tendo no final sido trocados afectuosos brindes.

Fôram convivas, além do homenageado, os srs. tenente coronel João Luís de Moura, dr. Mário Esteves, Luís Machado Pinto, capitão Agostinho Lourenço, dr. Leite Cruz, dr. Fonseca, dr. Supico Pinto, dr. Nuno Sacadura Bôto Côrte Real, engenheiro José Luís Supico, Armindo Gonçalves Forte, tenente Ribeiro e José Manuel Gomes Pereira.

— O coronel Clifford Harmon, chefe da Liga Internacional dos Aviadores, que se encontra hospedado no Aviz Hotel, ofereceu no salão de mesa do mesmo hotel, um banquete ao ilustre professor sr. Robert Granville Caldwell, ministro dos Estados Unidos da América em Portugal e a sua esposa, e um outro em honra da nossa aviação, tendo assistido os srs. coronel Cifka Duarte, comandante José Cabral e Carlos Eduardo Bleck e esposa.

— A sr.<sup>a</sup> D. Hortense Braz Fernandes Reis e o sr. José de Abru Reis, ofereceram no Palácio Hotel do Estoril, o nosso hotel de luxo dos arredores da capital, um banquete, em honra dos aviadores franceses, que vieram tomar parte nas duas festas de aviação que se realizaram ultimamente em Portugal, em homenagem ao saudoso aviador capitão Plácido de Abru. Fôram convivas a sr.<sup>a</sup> de Detroyat, D. Helena Boucher, Detroyat, Deglisse, Raoul Duval, Taret e Zagury.

**Casamentos**

Foi pedida em casamento para seu filho Wenceslau, pela sr.<sup>a</sup> D. Carmen Alvarez Sarmiento, esposa do sr. Artur Sarmiento, a sr.<sup>a</sup> D. Francisca de Benito Garcia, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Francisca de Benito Garcia e do sr. D. Mateo de Benito Garcia.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o próximo ano.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Noémia Baldaque Guimarães, com o tenente de cavalaria sr. Fernando Jorge de Aguiar, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, sua mãe a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Baldaque Guimarães e seu irmão o sr. Manuel Maximiano dos Santos, por procuração de sua irmã e cunhada e por parte do noivo, seus pais, a sr.<sup>a</sup> D. Idalina Oliveira Aguiar e o brigadeiro sr. Júlio de Aguiar.

O acto religioso, foi celebrado por monsenhor Gonçalo Nogueira, prior de Santa Maria de Belem, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos um finíssimo lanche da pastelaria Marques, seguindo os noivos depois para o estrangeiro, onde fôram passar a lua de mel.

Na assistencia notavam-se:

General José Vicente de Freitas e D. Beatriz de Freitas, José Guedes Machado e esposa, major Maura e esposa, capitão Sampaio Nobre e esposa, dr. Augusto Garcia e esposa, dr. Raul Emilio de Carvalho e esposa, Manuel Proença e esposa, D. Alexandrina Nunes e filha, D. Mariana Matos, tenente Mario Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Amelia Sena Pereira e irmã, Emilio de Aguiar, Senhora de Camara Falção e filhas, tenente Madeira e esposa, D. Laura Garção Ta-

# VIDA ELEGANTE

vares e filha, Carlos Patacão e esposa, D. Lucilia Moreira Baldaque e D. Gabriela Baldaque, tenente André Reis e esposa, Mario Correia, D. Maria Benard Guedes Salgado, D. Maria Baldaque Guimarães, etc.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de los Angeles Garrigos, com o distinto advogado sr. dr. Luís Bastos Gonçalves, tendo servido de madrinhas a mãe e a cunhada do noivo sr.<sup>a</sup> D. Helena de Bastos Gonçalves e de padrinhos os Ministros do México e o irmão do noivo, o ilustre cirurgião militar, sr. dr. Guilherme Bastos Gonçalves.

— Na paróquia do Socorro, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Simões Santa Marta, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Jesuina Diniz Santa Marta e do sr. Miguel Evaristo de Carvalho Santa Marta, com o sr. Manuel Pinhão Júnior, filho da sr.<sup>a</sup> D. Felizmina Nunes Pinhão e do sr. Manuel Nunes Pinhão.

Fôram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Adelina Santa Marta e D. Piedade do Carmo Nunes Pinhão e padrinhos os srs. Manuel Augusto Horta Severino e dr. Francisco Patrício.

Celebrou o acto religioso o reverendo Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Versailles, partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Judite da Silva, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Luz Silva e do sr. Jacob da Silva, com o sr. Júlio Ferreira Estudante Vidal, filho da sr.<sup>a</sup> D. Stael Ferreira Estudante Vidal e do sr. José Vidal, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Conceição Silva Lacerda e D. Adelaide da Silva Borges e de padrinhos os srs. Jaques de Lacerda e José Pereira Estudante, avô materno da noiva.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Celeste de Moraes, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Antónia de Moraes e do sr. Adelinho de Moraes, já falecidos, com o sr. Eduardo Henriques, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Rodrigues e do sr. Bernardo Henriques

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Correia da Cunha e D. Maria Augusta Rodrigues, e de padrinhos os srs. Jaime Rodrigues e António José da Cunha.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de Santa Justa e Rufina, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Martins de Freitas, com o sr. Francisco Oliveira Paio, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Sára Salazar de Eça e D. Maria Hermínia de Oliveira Pais, e de padrinhos os srs. Luís Salazar de Eça e Lucindo de Freitas.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Olga Freire de Almeida, gentil filha do sr. Raul Freire de Almeida, com o sr. Alberto Osório Henriques da Silva, filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana Rosa de Carvalho e do sr. José Osório da Silva.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Olga Freire de Almeida Pinto e D. Laura Osório Henriques da Silva Melo e de padrinhos os srs. António Augusto Pires e Francisco Barros Melo de Carvalho.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, seguindo os noivos depois para o Buçaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de Santo António do Estoril,

realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Soares de Oliveira, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Soares de Oliveira e do ilustre general sr. Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira, Governador Militar de Lisboa, com o sr. Eugene Joseph Risso Gill, filho da sr.<sup>a</sup> D. Mary Risso Gill e do sr. Charles Risso Gill, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior de S. Pedro, em Alcântara, Monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante vivenda em S. João do Estoril, dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia da Ajuda, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Conceição Alves Gomes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia do Rosário Alves Gomes e do sr. Francisco Mendes Gomes, com o sr. dr. Leonel Mendes Rodrigues, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria José Mendes Rodrigues e do sr. Francisco Rodrigues.

Foram madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Isabel de Brito Rodrigues e a mãe do noivo e padrinhos o sr. Joaquim José Rodrigues e o pai do noivo.

O acto religioso, foi celebrado pelo Monsenhor Fino Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Versailles, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

**Nascimentos**

— Teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Sousa Coutinho de Mendia, esposa do distinto engenheiro agrónomo sr. dr. D. José Mateus de Almeida de Mendia, ilustre director geral dos serviços florestais. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.<sup>a</sup> D. Arminda Cabral de Ataíde e Melo, esposa do sr. Cândido Faria de Ataíde e Melo, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena de Matos Ferreira de Castro de Andrade, esposa do sr. Ernani Vaz Ferreira de Andrade. Mãe e filha estão felizmente de saúde.

**Baptizados**

Realizou-se em Almada, na paróquia de S. Tiago, o baptizado do menino Augusto Henrique, gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luisa Manuel Nunes Coelho da Costa Cabral Metzner e do segundo tenente de marinha sr. Eduardo Augusto da Costa Cabral Metzner, tendo servido de padrinhos a sr.<sup>a</sup> D. Izolina Roque Santos e o capitão de mar e guerra sr. Carlos Alberto dos Santos.

— Na capela do Paço de Campo Belo, em Vila Nova de Gaia, realizou-se o baptizado do menino D. Diogo, interessante filhinho dos srs. Condes de Campo Belo (D. Filipa e D. Henrique), tendo servido de padrinhos a sr.<sup>a</sup> Condessa de Alcaçovas, avó materna e o sr. Conde de Campo Belo, avô paterno, sendo o seu acto celebrado pelo reverendo prior de Santa Marinha, em Gaia.

— Realizou-se na igreja do Patrocínio, o baptizado da menina Maria da Conceição, gentil filhinha da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Trigueiros da Silveira e Lorena e do sr. D. Vasco da Silveira e Lorena (Sarzedas), servindo de padrinhos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Barbosa Couceiro e comandante sr. Jaime Couceiro, sendo o acto celebrado pelo reverendo Francisco Maria da Silva.

— Na paróquia de S. Jorge em Arroios, realizou-se o baptizado do menino Marcelino Manuel, interessante filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Serzedelo Fernandes de Oliveira e Silva e do sr. Sabino da Silva, tendo servido de padrinhos a sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta Mendonça e Silva e o sr. Octávio Torres Pereira da Silva Porto.

D. Nuno.



# A fidelidade masculina



**A**INDA há homens fieis aos seus juramentos de amor. Poucos, mas ainda os há.

Não quiere dizer que êsses poucos não aproveitem qualquer boa ocasião, colhendo um beijo que se lhes oferece em novas bocas, como quem colhe uma flor.

Mas mesmo assim, com estas restrições, já é para admirar a fidelidade no homem que passa e colhe um beijo e não pára em mais demorada colheita.

A fidelidade absoluta, no homem, é impossível e seria até ridícula.

Nem a mulher preferida devia gostar que o seu ideal fôsse dêsse que fugissem diante duma provocação feminina, contentando-se em ser a preferida.

Mas, isso, sim. As mulheres têm a faceta pretensão de querer ser únicas inspiradoras de um único amor.

Não há maneira de se convencerem de que essa aspiração pertence ao número dos impossíveis.

Quando o homem se conduz, como se diz no princípio desta crónica, já é uma grande vitória para a mulher que êle, elegeu como sua dilecta parceira na lição do amor.

E assim era o Alvaro X, que gostando da mulher a valer, não perdia nenhum extraordinário que viesse ter ao alcance da sua gula amorosa.

A esposa tinha espírito, compreendia o feitio do marido e, como não lhe faltava o que era preciso em casa para si e o seu bebé, um garotete de três anos adorado por ambos, não lhe fazia cenas, quando êle regressava a casa a horas mortas, fatigado e indiferente.

Êle admirava-se daquela atitude e, a

cada passo, esperava uma recriminação que nunca chegava.

Duma vez, foi atacado mais fortemente por uma paixoneta despertada pela "Lóló", uma actriz de teatro e de cinema.

Andava pelo estúdio, onde entrava porque era amigo do realizador, e costumou-se áquele "flirt", diário com a "vamp", loira, "flirt", que a breve trecho desandou em mais positivas relações.

Durou aquilo uns três meses.

Como tinha umas propriedades em terra distante, ausentava-se a-miúdo de casa, sob o pretexto de vigiar os seus bens, e lá ficava fora do lar conjugal algumas noites.

Apesar do amor pelo filho, é possível que o homem descarrilasse mais desastrosamente abando-

nando o seu lar para seguir a vagabunda "estrela", que deambulava pelo mundo espalhando desditas. Mas a esposa continuava calma, embora, como pode supôr-se, sofresse intimamente.

O que a sustinha, para não rebentar em explosões de cólera e raivosas palavras, era o amor que dedicava ao marido. Preferia reparti-lo, eventualmente, a perdê-lo para sempre. E bem lhe foi. Tudo passa, e mais depressa passam ainda os caprichos sensuais.

Alvaro, saciado, enfim, voltou de vez para junto da mãe do seu filho.

Um dia, mais aguilhoado pelo remorso, em face da bondade da companheira, disse-lhe:

— "Olha, gostavas que nos retirássemos para a velha herdade do Monte? Francamente estou cansado desta vida da cidade.

"E talvez fôsse bom

para o petiz. Sempre são outros ares... Que dizes?"

— Sabes que tudo quanto tu queres, quero eu também — respondeu-lhe a companheira, radiante de ventura.

Desde então, naquela ridente aldeia da Beira Baixa, ninguém conhece casal mais sossegado e feliz.

Êle raras vezes vem a Lisboa e nunca vem só. Traz sempre consigo a esposa.

Para fugir às tentações, porque a-pesar-de tudo êle continua sendo aquêle homem másculo e adorador do feminino, contenta-se em ver as sereias do palco na tela branca dos cinemas.

A's mulheres de celuloide resiste-se fâcilmente.

E fez isto tudo, porquê?

Porque a esposa soube conduzi-lo com doçura e prudência.

Se o recebesse com doestos e maus modos, à volta de qualquer aventura, êle tinha posto o chapéu na cabeça e "por aqui me sirvo".

Sim, êle há homens, ainda, fieis ao seu amor dilecto, mas não devem contrariar-se, nas suas naturais expansões de masculinidade.

Querer violentar-lhes a tendência inata para a pluralidade amorosa e querer fechá-los no limite estreito do amor único, é loucura que as mulheres que amam têm que pagar bem caro com a perda da sua parte no coração e no desejo do ente amado, o que já não é para desprezar.

Mercedes Blasco.







Para a mulher a questão de honra resume-se em ser honesta se é solteira, fiel ao marido se é casada. Tudo o que se faça para que a mulher assim seja é pouco, mas ainda não é tudo. É necessário que a par dessa honestidade sexual, a mulher tenha a honradez absoluta nos seus negócios, a lealdade em contratos e o escrúpulo de consciência que a faça manter íntegra a sua palavra em contratos de negócio. A minha observação dá-me que nem sempre é assim. Senhoras de irrepreensível e correctíssimo porte não hesitam em cometer pequenos actos de indelicadeza moral. Usar um chapéu e depois trocá-lo dizendo

**H**A muito que eu tenho a impressão que na educação moral da mulher há uma lacuna, sobretudo na da mulher portuguesa que ainda hoje recebe uma educação caseira, apesar da grande corrente, que nos faz seguir o exemplo dos outros países, em que a mulher é preparada com cursos, de forma a ganhar a sua vida. Essa lacuna vem de que se não insiste o bastante em formar caracteres femininos numa probabilidade absoluta em questões de honradez em negócios e questões de dinheiro. O caso das irmãs Primavera que tanto tem dado que falar aos jornais é um exemplo flagrante. Dir-me-ão e com razão que tem havido muitos banqueiros, muitos cambistas que sendo homens se têm alcançado, burlando os seus clientes e levando à miséria muitas famílias e que entre nós pode dizer-se que o caso das duas irmãs, que burlaram tantos incólutos é quasi nulo. Mas temos de atender ao número dos que se ocupam de negócios. Homens, há centenas, há milhares que vivem de negócios, há mesmo no mundo milhões. E a percentagem dos que prevaricam e que lesam os que neles confiam não é enorme, ainda que seja para desejar, que fosse menor. E mulheres que se ocupem desse ramo de negócio, há pouquíssimas pelo menos entre nós. As duas irmãs que se ocuparam em transaccionar fundos eram entre nós uma excepção, que veio provar que a mulher não tem a preparação necessária para ser negociante. Não sabe negociar com honradez e lisura. Há excepções felizmente mas a excepção não é uma prova. Em geral incute-se à mulher um grande escrúpulo em questões de honra no seu comportamento com o outro sexo.

Não é uma grande coisa mas é um acto de burla para o negociante que o aceita fiado na palavra duma senhora que crê de boa fé. Faltar à palavra dada em qualquer combinação também é frequente, sem que isso nada afecte a senhora que o faz que se supõe muito inteligente por ter servido as suas conveniências, sem ver que faltando ao que prometera cometeu um acto censurável. Há ainda senhoras que não hesitam em mexer nas carteiras de seus maridos em tirar dinheiro rindo-se depois da ingenuidade deles que não dão por falta do que lhes tiraram. E evidente que não é um roubo visto que o que é dum é do outro, mas é um acto indecível, que acusa uma falta de escrúpulos e uma tendência marcada para enganar. Podem dizer que a culpa é dos maridos que não dão à mulher o dinheiro que precisa, mas ela que o peça desasombradamente e nunca cometa uma acção, que apesar de ser entre marido e mulher tratando-se de bens comuns, é sempre indigna.

Continuamente vemos a inconsciência com que algumas senhoras contraem dívidas na modista, na casa de chapéus, no sapateiro, para que os maridos paguem, sem os consultarem. São coisas que se não devem fazer e que provêm da falta de educação que a mulher recebe na infância. Hoje mais do que nunca é necessário dar à mulher umas noções de honradez, de homem de bem. A vida moderna lançou a mulher na vida de trabalho, nos negócios é preciso que ela tenha para essa vida uma preparação moral completa que aliada à preparação intelectual faça com que a mulher seja olhada com o máximo respeito. A mulher tem de ser séria em tudo, no seu comportamento moral que a

## PÁGINAS FEMININAS

obriga a ter uma honradez completa em negócios, em assuntos, sejam de ordem sentimental ou material e que o caso das irmãs Primavera seja excepcional e que se não possa dizer com um sorriso trónico "Mulheres em negócios, intrujice certa...". E esta apreciação masculina está absolutamente justificada pela maneira porque muitas mulheres tratam de negócios. É este um assunto que deve merecer a todos os educadores a maior atenção para formar caracteres femininos que sejam perfectos e completos porque a mulher tem a mesma obrigação do que o homem de ser escrupuloso em negócios.

M. de E.

### A moda

A moda leva-nos a pensar que as nossas avós e, as nossas mãis se devem sentir nos seus vinte anos e que devem ver resurgida a sua mocidade em toda a sua elegância. As últimas novidades aquelas que verdadeiramente são, parecem recordadas dos figurinos de há trinta anos, de há sessenta anos. A invenção das costureiras das que lançam e impõe a moda gastou-se, está exausta e elas recorreram aos figurinos antigos onde encontraram a inspiração para a nova moda deste inverno. Depois do vestido camisa, tínhamos de cair nos complicados vestidos, que só mãos competentes podem executar, para não serem ridículos. Damos hoje dois modelos de Maggy Rouff, que faziam um figurão nos salões de 1860 e 1890. O que encantaria as nossas avós é em «taffetas» preto. Ampla saia arrastando toda em volta no chão, corpinho justo sobre o qual se veste um casaco em veludo preto apertado na cintura por duas tiras, que nas pontas são guarnecidas a pele de «putois» assim como a gola. O pentado na sua simplicidade ajusta-se à «toilette» e só lhe falta a



cuja de rede caída sobre o pescoço, para nós termos à vista um retrato de avó. O outro também em «taffetas» — a seda em voga — dum fundo azulado com bolas azues escuras é positivamente um desses vestidos que em 1890 as senhoras usavam com entusiasmo. Maggy Rouff não se cingiu à nossa época, inspirou-se em vários modelos de diferentes anos. O cabelo para trás e a longa franja na testa acentuam a recordação da mocidade das nossas mãis. Estes modelos fazem uma revolução na moda que até aqui nos encantava. Para a noite, para baile vestido em crêpe Bagheesa em vários tons de rosa degradado guarnecido a penas de vários tons de rosa. Duma linha elegantíssima este vestido, tem o corpo subido nas costas preso por uma tira em «strass» que vem segurar a frente do vestido em alças. É dum grande «chic» para as senhoras delgadas e de estatura elevada. Nos chapéus também a revolução se acentua; depois das copas baixas, as copas altas. Os barretes russos e o cossaco estão tendo nos centros de elegância um sucesso enorme. Damos hoje um modelo de boné russo em veludo preto guarnecido com uma tira de pele de «opossu» É gracioso e é novo, favorecendo muito as raparigas novas e frescas. Quando aparecem as modas novas é muito para aconselhar às senhoras que não entusiasmem demasiadamente e estudem primeiro, o que lhes fica bem. Isto é importantíssimo para se vestir bem. É preferível vestir uma «toilette» que não seja ultra moderna, do que usar qualquer coisa que não nos favoreça, que nos envelheça ou que seja novo de mais para nós. As raparigas novas devem escolher o que faz realçar a sua mocidade e as senhoras o que lhes conserve a sua.

### Conselhos úteis

São numerosas hoje as senhoras que fumam, no entanto o cheiro do tabaco não é muito feminino. É preciso experimentar corrigi-lo, perfumando os cigarros com a essência que se usa habitualmente. Para isso há duas maneiras de proceder: deixar alguns dias os cigarros fechados numa caixa de madeira, com um «sachet» perfumado, ou então humedecer os cigarros com uma gota de perfume. Os cigarros perfumados denotam um requinte de elegância.

Se querem fazer lindos bordados, que terminados podem servir de pano de mesa, capa de piano ou almofadas, não se preocupem com o desenho e que mandado executar sai caro. Basta comprar «cretonne» e rebordar todas as pétalas das flores e todas as folhas. Consegue-se trabalho lindo e muito fácil de fazer.

Quem tiver sapatos velhos amarelos, que o uso manchasse de sombras feias, pode tingi-los de preto. Como? Muito simplesmente: passa-se sobre o sapato tinta preta, lixam-se os sapatos e limpam-se com benzina; em seguida passam-se todos com tinta da China. Não ignoram que essa tinta nunca mais sai e o coiro assim pintado não teme a chuva. Para imitar polimento há uma tinta alemã esplêndida.

### Higiene e beleza

As sardas são o tormento de muitos rostos femininos, que sem elas seriam perfectos. Há várias aplicações para as disfarçar, havendo quem consiga tirá-las de todo. Mas mesmo nesse caso é aconselhável não se expor ao sol, porque

voltam logo. É bom o uso do bórico, misturado com essência de hortelã-pimenta, ou com água de rosas e de flor de laranja. O leite de Iris é também esplêndido. Faz-se com raízes frescas de Iris, extrato de benjoim, água de rosas e álcool. Deixa-se em maceração durante oito dias, depois filtra-se e usa-se em loções demoradas à noite e de manhã. Em seguida a banhar bem a cara e demoradamente, passa-se um pouco dum bom creme na cara, polvilha-se bem com pó de talco estendendo-o muito bem, em seguida põe-se o «rouge» e o pó de arroz habitual que não deve ser branco. Disfarça por completo as sardas que pouco a pouco se vão desvanecendo. E acabam assim os tormentos das senhoras a quem a praia e o sol fazem sardas.

### De Mulher para Mulher

**Mias:** Creia que isso é uma doença da época. Todas as raparigas bonitas da sua idade se julgam maravilhosas estrelas do cinema e, com a excessiva independência de carácter das meninas de hoje, se rebelam contra os pais que não concordam com o seu desejo. Até hoje os nossos filmes ainda não revelaram uma única estrela, quando muito uma chamasinha de vela. Obedeça aos seus pais e deixe-se de fantasias. Nada sei da vida dos estudos. Suponho-a correctíssima, mas isso não é o bastante e não deve contrariar aqueles que lhe querem mais do que ninguém.

**Joaninha:** Há muito que não tinha notícias suas. Gostei muito da sua carta. Acho que assentou muito bem a sua vida. Nada mais interessante do que ver uma senhora nova dedicar-se pela vida a sério e orientá-la com tão bom senso. Num país que se anuncia sempre essencialmente agrícola, a



mulher tem na agricultura um lugar marcado. Os meus parabéns pelo êxito obtido e que o seu exemplo seja seguido é o meu mais ardente desejo.

**Violeta:** Os casacos «traes-fuarts», em pele, usam-se muito. O veludo preto é sempre «chic». Não modifique os seus cabelos, deixe a ondulação natural. Asseguro-lhe que é sempre a mais bonita.

### Escola matrimonial

Sob os auspícios da «Federação dos Clubs Femininos» fundou-se em Nova York a «Escola das esposas», onde são admitidas as jovens esposas e também as noivas. Nesta «Escola das esposas» aprende-se a arte de dirigir a casa com economia, de regular as despesas sobre a base dos rendimentos de cada casal, de fazer uma hábil divisão entre as despesas necessárias e as que entram no domínio do luxo. Mas o amor conjugal, que faz do lar doméstico um pequeno Eden, ou que, pelo menos, devia fazê-lo, quem o ensina? O que a mocidade não tem necessidade de aprender é a ser feliz, e, todos sabem que a felicidade está onde cada um a encontra e, sobretudo, em cada pessoa se contentar com o que tem. Certamente que nem sempre se casa para se ser feliz, muitas vezes o homem casa para descansar, a mulher para obedecer à lei divina ou humana e para dar filhos à pátria. Mas na América não se contentam com pouco. Querem dar receitas para tudo... até para a felicidade.

### O burro

Escreve o «Imparcial», de Madrid: Tristes dias se preparam para aquele dócil animal, dócil, ainda que teimoso, que é o burro, se se propaga o movimento que foi lançado em Espanha para popularizar a carne do asno como alimento. Em Bilbao constituiu-se uma associação com o fim de espalhar o uso da carne de burro entre os seus associados, que são entusiastas do sabor e das qualidades alimentícias do novo alimento, e profetizando que se tornará o principal alimento humano, substituindo a carne de vaca. Recentemente foi organizado um banquete, no qual foi servido burro assado; e os convidados, entre os quais estavam muitas senhoras, repetiram, comendo segunda dose do saboroso acépipe, confirmando assim a sua excelência. Um novo banquete foi organizado na cidade de Amurrio e nesse só foi servida carne de burro, cosinhada de várias maneiras. A vantagem que tem para as donas de casa económicas, é ser muito mais barata do que a carne de vaca.



DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno) do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRENSA

Publicações recebidas:  
O Charadista, órgão oficial da Tertúlia Edípica, de Lisboa; Revista Transtagana, de Évora, inserindo a sua habitual secção charadística, sob a direcção de Vidalegre; Gazeta, de Ponta Delgada, com a sua secção charadística Edípismo, dirigida pelo confrade Visilpe (...).  
Os nossos agradecimentos.

APURAMENTOS

N.º 14

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DR. SINAL  
N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

JOBEMA (...)  
N.º 6

OUTRAS DISTINÇÕES

Reinadio, n.º 6 — Valério, n.º 12 — Efonsa, n.º 16

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 17 pontos:  
Deniz Lima, Frá-Diávo, Cantente C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso.

QUADRO DE MÉRITO

Chy-No-San, 14 — Sonhador, 14 — Ti-Beado, 14 — Lisbon Syl, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Lomelino Silva, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Coma-madre-comadre. 2 — Saca-cada-sa-cada. 3 — Chibo-bata-chibata. 4 — Debuxador. 5 — Pai-mané. 6 — Cavalheiroso. 7 — Serrana. 8 — Menura-mera. 9 — Falado-fado. 10 — Marrancho-marcho. 11 — Feiroto-feito. 12 — Motivo-movo. 13 — Piqueta-pita. 14 — Moda, roda, meda, mofa, modo. 15 — Tapa, capa, topa, tara, tapo. 16 — Ana. 17 — Manda o amo ao moço, o moço ao gato, o gato ao rabo.

MEFISTOFÉLICAS EM PROSA

1) Fizeram-me presente de uma espécie de córça da América muito fina. — (2-2) 3.

Lisboa Bismau (T. E. — S. C. L.)

2) No escaler, apenas por mania, bebi o vinho contido numa garrafa. — (2-2) 3.

Lisboa Lérias (T. E. — T. M.)

3) Com essa ousadia, qualquer dia das «cabos» da carocha. — (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado.

NOVISSIMAS EM PROSA

4) Fora! Não tenham compaixão. É um descarado! — 2-1.

Lisboa Anastácio (T. M.).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 23

5) Um motejo indirecto tornou difícil a minha paixão. — 1-1.

Lisboa Augustello (T. M.).

6) \*A' roda de\* ti acerto, quanto estou no pátió. — 2-2.

Lisboa Bad-Amhed (T. M.).

7) Em última e «rigorosa» análise, convenho que v., efectivamente, é feito da pele-do-diabo. — 2-2.

V. S. Pôrto — Bié Efonsa.

8) Disparatar onde quer que seja é próprio dum grosseiro. — 1-1.

Lisboa Fernambelo (T. M.).

(Ao confrade «Veiga»)

9) Por cair na lama sou «um» imundo? — 2-1.

Lisboa Ferjobatos (T. E. L.)

10) O lugar onde tu estás é de merecimento. — 1-1.

Lisboa Hary (T. M.)

11) O meu pai é um professor sabichão. — 2-2.

Lisboa Lengueluca (T. M.).

12) Atrás de essas «cadeiras» está o xairel. — 2-2.

Lisboa Leirbag (T. M.).

13) Lacera o queixo e faz uma abertura. — 2-2.

Lisboa Tino de Óbidos (T. E. L.).

(A meu irmão)

14) A falha, ou por outra, a tua mingua de cabelo é devida a seres palrador. — 2-2.

Lisboa V. Lilás (T. M.).

(Aos noveis confrades Somar e Albrito)

15) Fica \*aquê\* das possibilidades naturais o homem enriquecer \*com\* lixo — 1-1.

Lisboa Vidalegre (S. C. L.).

16) A principal qualidade é ser «um» homem fiel — 3-1.

Lisboa Vitorino.

SINCOPADAS EM PROSA

17) É insignificante o teu carinho. — 3-2.

Lisboa Africanista (T. E. L.)

18) Passas o dia a segredar de mim!... E com isso confessas ter ciúmes de aquele que nem para ti olha. — 3-2.

Paços de Brandão Justa (T. C. B.)

19) Em cada hora a luta pela vida se torna mais difícil. — 2-3.

Pôrto Amélia Magala (T. E.)

20) A «Companhia» procura obter fundos. — 3-2.

Lisboa Miquita (T. M.)

(Ao confrade Fernambelo, a propósito de certa mania)

21) Às vezes uma mania faz muito. — 3-2.

Lisboa Miriam (T. M.)

22) Ser doído é o mesmo que ser pateta. — 3-2.

Paços de Brandão Nélito (T. C. B.)

23) Entre a loira e a morena, a segunda me prende. — 3-2.

Lisboa Olho de Lince (T. E. — T. E. L.)

24) Este homem elegante tem a pele fina. — 3-2.

Lisboa Xicantunes (T. M.)

NOVISSIMAS EM VERSO

25) A vespertina luz morria no ocidente. — 2. Vinha tombando a noite obstinadamente...

Foi quando eu antojei a gracil silhueta, O seu pulcro perfil onduloso e fragante, Envolto num esfuminho alfenado bastante! — Persuasória visão que me tornou asceta...

E a qual, impunemente, a alma me estortega — 1. Pois o corpo já jaz inanido, depressivo... Hoje ao mentar tal sonho eu logo me entristeço, Entrando a apetercer — impetração lóbrega! —

O deletério amplexo, o ósculo ocisivo Da Parca exical, mas poderosa guia... Para então, ir dizer à noctilua cintia Que o seu perspicuo olhar foi algo imperativo

V. Silva Pôrto-Bié Efonsa

26) «Não há bonita sem senão» — 2. Como diz um velho rifão; Mas se «brama» um bodogão — 2. É que há negociação.

Luanda Ti-Beado

LOGOGRIFOS

(Ao «Lérias» agradecendo o «Bicho»)

27) Eu vi do alto dum banco — 6, 7, 8, 9, 5. 'ma bicha grande a nadar, — 11, 2, 4, 3, 2. Logo saltando um barranco Me pus dali a «cavar».

E no tempo suficiente — 10, 1, 5, 8, 2, 5. Examinei co' atenção, — 11, 5, 8, 9, 2, 10. Embora mui de repente, O animal em questão;

Era uma bicha comprida De pescoço alto e bem feito. Sem ter forma definida Produzia grande efeito;

Porém, segundo parece, O tal bichano safou-se... O monstro de Lock-Ness Já não existe... «acabou-se».

Lisboa Olho de Lince (T. E. — T. E. L.)

28) Quem examina com cuidado — [1, 4, 3, 2, 5, 7, 6, 7. Descobre um canal delgado — 3, 4, 6, 7. Próximo dum grande chafariz, Erecto como homenagem Ao fundador da vila Ambriz.

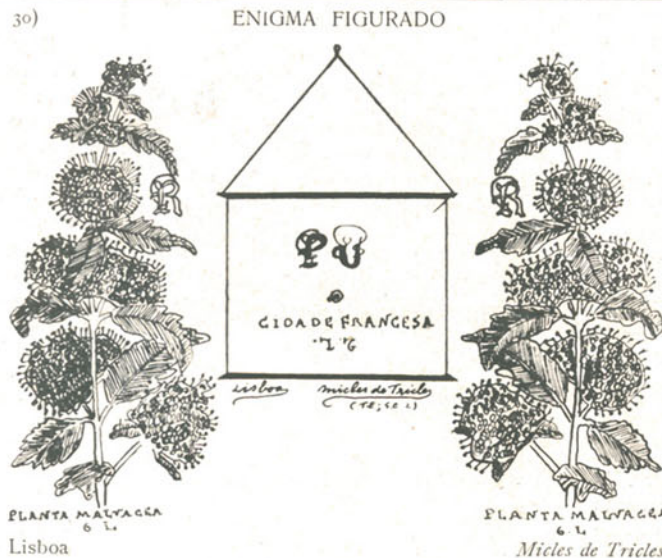
Luanda Ti-Beado

ENIGMA EM VERSO

29) Tinha que inverter mulher Para me induzir na liça Mas já não me vou meter Só por causa da «preguiça».

Veiga (T. E. L.)

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.





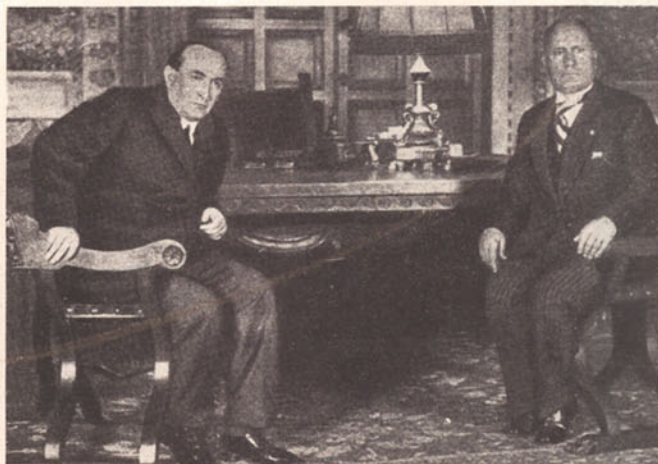
Horror à publicidade



Êste curioso instantâneo representa Greta Garbo fugindo a um repórter fotográfico que a surpreendeu na rua.

POR ÊSSE MUNDO

A Paz do Mundo



COMBOES realizou recentemente no Palácio de Veneza, em Roma, uma importante entrevista com Mussolini em que a posição da Hungria perante as acusações da Jugoslávia, acêrca das responsabilidades do atentado de Marselha, foi largamente debatida.

A cura da hemofilia



O terrível mal da hemofilia, que há muitos séculos vem atacando algumas famílias reinantes da Europa, parece ter encontrado finalmente a desejada cura. Pelo menos, o ilustre sábio austriaco professor Alfonso Sole acaba de comunicar às Ciências Médicas de Viena que, com aplicações de leite de mulher, conseguiu resultados muitos superiores aos obtidos com injeções de sôro fisiológico. A simplicidade desta descoberta, que só um acaso poderia provocar, está causando o maior assombro em todo o mundo científico e uma esperança ao príncipe das Astúrias.

A luta contra a peste



O Instituto Kock de Berlim trabalha activamente na descoberta duma vacina contra o terrível mal da peste que tantos estragos causa em todo o Mundo.

Casamento duma princesa



DEVE realizar-se em data próxima o casamento da segunda filha do ex-rei Afonso XIII com o duque Alexandre Torlonia. A gravura mostra os noivos durante uma viagem de recreio que recentemente fizeram juntos, aproximando mais os dois corações.

Morte do cardeal Gasparri



MORREU recentemente em Roma o cardeal Pietro Gasparri, figura eminente do Vaticano, onde ocupou o cargo de secretário de Estado. Era um hábil diplomata que obteve grandes êxitos no desempenho das suas funções junto do Papa.

Novo dirigível alemão



Nos estaleiros de Friedrichshafen reina uma actividade febril. Ultima-se a construção da armadura metálica dum novo dirigível do tipo Zeppelin que passa a ser designado simplesmente por L. Z. 129.

O casamento da princesa Marina da Grécia



O casamento da princesa Marina da Grécia com o príncipe Jorge de Inglaterra foi e continua a ser um dos mais palpitantes assuntos mundiais. Quantas energias se movimentaram para que tudo atingisse o grau de solenidade requerido! Na confecção do enxoval quantas mãos de fadas se empenharam em requintados labores! Uma das nossas gravuras representa quatro das mais distintas alunas da Escola Real Britânica de Costureiras, em Londres, bordando a colcha que figurou no leito nupcial. Uma verdadeira oferta de anjos! Uma gravura seguinte apresenta-nos mister F. Felton, o mais reputado florista londrino, confeccionando o ramo nupcial que a noiva conduziu durante a cerimónia. Finalmente, o bólo das bodas que foi, como se vê na gravura, além duma maravilha de doceiro, uma verdadeira filigrana de arte. De tão auspicioso noivado, o mais retumbante dos últimos tempos, é de crer que surjam felicidades. Ainda há fadas benfeijas que protegem as lindas princesinhas encantadas dos nossos dias. Um futuro bem breve nos dirá o que de belo e delicioso êste acontecimento trará para o mundo. Repare-se que casou esta princesa... E, no entanto, casam muitas princesas durante o ano... Não se esqueçam desta cerimónia. A alma grega está jubilosa com êste casamento que considera um bom prenúncio para a felicidade helênica. Uma pequena aldeã da Grécia, representando a população inteira, enviou à princesa Marina um ramo de rosas silvestres com o pedido de o usar no dia do seu enlace matrimonial, pois êsse punhado de florinhas havia sido orvalhado pelas lágrimas de contentamento de todos os gregos ante o seu festivo consórcio com o príncipe Jorge de Inglaterra. E a princesa, satisfazendo êste pedido, ostentou o ramo simbólico no dia do seu casamento







O grande vencedor ciclista Alfredo Trindade

assistir e perdura na nossa memória como o mais emocionante encontro de football que ainda presenciámos. enviou os seus jogadores à cidade do nevoeiro e de lá regressaram esmagados pelo peso da copiosa derrota.

Os ingleses exultaram, cantando lóas à superioridade de classe do seu jôgo, mas um ano mais tarde o célebre "team", maravilha da Austria, colocado em idénticas condições de exame, permitiu-se inquietar os catodráticos e saiu do terreno batido pela mínima diferença, quatro bolas a três, e merecendo a tóda a crítica a consagração de haver lutado de igual para igual.

Este ano cabia a vez à Itália vencedora do campeonato do mundo organizado pela Federação Internacional, onde os ingleses não haviam figurado, era necessário marcar posições e, para os britânicos, indispensável afirmar que os autênticos campeões eram êles: Questão fundamental, que decidiram com a autoridade de quem é senhor absoluto da lei. Os italianos foram convidados a visitar a Inglaterra,

mas quando e como muito bem aprovou aos donos da casa, os quais soberam — e ninguém lho pode levar a mal — colocar do seu lado todos os factores favoráveis.

A missão dos campeões do mundo de 1934 era particularmente difícil e justificava-se pela forma como a desempenharam, a ovação estrondosa pela qual os numerosos partidários da equipa latina saudaram, ao terminar do jôgo, a proeza dos seus compatriotas.

De facto, o "big-match", como lhe chamavam em Londres, não terminou pela ambicionada derrota esmagadora dos continentais. Depois de haverem inicialmente sido manobrados à vontade, sofrido três bolas em menos de um quarto de hora, os italianos, apesar de reduzidos a dez homens pela lesão do célebre médio centro Monti, reagiram com desespero e conseguiram uma viravolta sensacional, marcando duas vezes e chegando a ter o empate à vista. Após haverem esperado uma vitória confortável sobre os vencedores da Taça do Mundo, os ingleses tiveram de contentar-se com um resultado pela tangente, três a dois ao cabo de noventa minutos.

A alegria dos italianos compreende-se melhor colocando-a no ambiente especial do encontro.

Oito dias antes já ninguém falava outra coisa em Londres e a opinião pública exigia dos seus representantes um resultado conclusivo.

Nada de contempelações; parafraseando a invocação de Nelson em Trafalgar, a

# QUINZENADESPORTIVA

imprensa declarava: "A Inglaterra espera que cada um faça o seu dever."

"No jôgo desta tarde, afirmava outro jornalista, não devemos entrar em considerações com espirito de cavalheirismo nem generosidade para com o adversário. A Inglaterra precisa marcar pontos. Do primeiro ao último minuto, cada homem deve jogar como disputasse a final da Taça e estivesse perdendo por uma bola de diferença."

Estas frases bastam para demonstrar que na escassez do resultado não interveio qualquer parcela de contemporização inglesa, pois apenas deve ser atribuída a impossibilidade de conseguir melhor.

Começando a sua acção sob os melhores auspícios, os britânicos conseguiram, entre o 8.º e o 14.º minuto de jôgo, enfiar três vezes a bola nas rédes contrárias, exibindo um football transcendente, alcançando uma perfeição técnica quasi inigualável. A partir desse momento, porém, os adversários recompuseram-se, organizaram a defesa, e nada mais passou.

Ao invés da toada inicial, os italianos retribuíram, no quarto de hora médio da segunda parte por intermédio do seu avançado centro Meazza, duas das bolas recebidas.

O ardor da luta, a excessiva vontade dos italianos, levou por vezes os jogadores a exageros de dureza e os ingleses queixam-se amargamente da forma como os seus foram tratados, falando em interromper todo o contacto com as nações continentais, dispostos a não aceitar a deturpação do espirito de nobreza do jôgo.

Um cronista francês que presenciou o encontro, comenta-o com as seguintes palavras: "Nunca assisti a um jôgo internacional tão irregular. A unica unidade que verifiquei realmente foi, se me é dado exprimir assim os factos, a rudeza na qual decorreram as jogadas e a violência empregada nos choques de homem contra homem. Inglaterra-Itália foi uma batalha terrível, uma guerra de onze contra onze, onde o instinto primitivo, para não dizer o instinto selvagem de alguns elementos, suplantou com demasiada frequência as normas da educação de pessoas civilizadas."

As conclusões a tirar do notável acontecimento, não constituem surpresa; já sabíamos que a excessiva vontade de vencer conduz a atitudes repreensíveis e destrói a nobreza, do conceito desportivo, e não é também surpresa para os entendidos a aproximação do valor do football continental em relação ao britânico.

Por enquanto, em sua casa, os mestres criadores conservam ainda a supremacia e intacta a coroa real da invencibilidade; mas tudo faz prever que se aproximam tempos diferentes, e para o orgulho britânico esta previsão explica certos rumo-

res de isolamento, apresentados embora sob aspecto diverso.

Sabemos, finalmente, quem são os últimos campeões de Portugal de 1934 cujos títulos ainda faltava disputar: os de ciclismo.

Embora tarde e fóra dos limites regulamentares da época oficial, a União decidiu-se, após várias complicações, a organizar as duas provas, de velocidade e fundo, que ficaram longe de alcançar no público o interesse a que tinham como manifestações máximas dum dos desportos mais populares no país.

O campeonato de estrada, destruindo a rotina imposta pelos regulamentos em desuso, foi facultado a todos os especialistas reconhecidos de classe, abstraindo do regime da prova regional como seleccionadora única. Resulta daqui uma animação invulgar e a garantia de que o título foi realmente entregue ao melhor do momento.

A vantagem desportiva deste método de livre acesso á prova nacional fica suficientemente demonstrada pelos próprios resultados desta competição; entre os dez primeiros classificados, os 1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º e 10.º, não pertenciam aos apurados pelos campeonatos distritais.

O campeonato de velocidade resumiu-se uma vez mais ao duelo entre os especialistas do Sporting, a quem os poucos concorrentes que se apresentaram não puderam oferecer resistência. Devido á escassez de provas disputadas e á insuficiência das pistas existentes, o ciclismo de velocidade conserva-se embrionário em Portugal, muito longe do desenvolvimento adquirido pelas provas em estrada.

Os títulos ciclistas de 1934 foram conquistados pela primeira vez por dois homens de brilhante carreira na especialidade e em tudo dignos da consagração suprema, os sportinguistas Alfredo Trindade e Assunção Silva; e como os segundos classificados em qualquer dos campeonatos, Joaquim de Sousa e Rodrigo Garrido, pertencem também ao Sporting, verificamos que o triunfo alcançado pelo club do Campo Grande foi absoluto.

A corrida dos cem quilómetros demonstrou a nítida superioridade actual de Alfredo Trindade, que conduziu tóda a prova, batalhando com energia e vontade, desbaratando pouco a pouco o pelotão dos adversários e entrando isolado na meta, como compete a um campeão que se presa. Participaram na corrida quasi todos os ciclistas de reputação firmada, registando-se apenas as abstenções de Esequiel Lino, que não quiz correr, e de Aguiar da Cunha, que não pôde correr por doença.

O antigo campeão, José Maria Nicolau,

cujo reinado parece concluído, não terminou o percurso, inferiorizado por uma queda, mas sobretudo incapaz de acompanhar asabaladas sucessivas do seu grande rival.

O football é um desporto cuja existência nacional o cronista português não pode eliminar dos seus comentários. Sendo o mais divulgado e o mais popular de todos os jogos, a modalidade que no estrangeiro melhor tem exercido a propaganda desportiva do país, a sua vida e evolução interessam sempre aos orientadores da opinião pública.

A actividade do football enveredou esta época por caminhos novos, no desejo de alcançar um progresso que muitos anos de experiência dos antigos regulamentos não conseguiram produzir. Antes pelo contrário, a classe do nosso football seguia uma curva descendente, acusada nitidamente pelos recentes fracassos internacionais e pela baixa de valor técnico das competições nacionais.

Este ano foi criada uma nova organização, o Campeonato das Ligas, a interpor aos torneios regionais e ao campeonato de Portugal, e onde se defrontarão os mais fortes agrupamentos do país, divididos em grupos conforme sua categoria.

Trouxe-nos esta inovação uma primeira vantagem reduzindo o tempo de duração dos campeonatos das Associações, que obrigatoriamente devem estar concluídos até final de Dezembro.

Lisboa resolveu o problema reduzindo o número de clubes participantes em cada divisão, no que não houve o mínimo prejuizo pois estava de há muito demonstrado que a categoria dos restan-

tes participantes na chamada divisão de honra era muito inferior á dos actuais apurados, salvaguardando, é claro, o caso muito especial do Barreirense.

Equilibradas as forças, o interesse da competição recrudescer, com evidente proveito para a afluência de público e consequente aumento de receitas, indispensáveis á vida regular das colectividades desportivas.

No momento em que escrevemos estas linhas, a quatro jornadas do final, dos seis grupos apenas um está virtualmente eliminado da disputa do primeiro lugar; os restantes cinco, cuja pontuação cabe dentro duma diferença de duas unidades, podem ainda manter esperanças de posse sobre o título ambicionado.

Qual será o mais feliz? O Benfica leva ainda uma vantagem ligeira, mas tão ligeira que lhe não permite descuido, e a irregularidade de exibição dos grupos representativos dos clubes mais cotados é tão "regular", que bem poderemos esperar que seja, por fim, a sorte que decida em grande parte a luta travada.

Salazar Carreira



Uma sobria defesa de Ceresoli, guarda-rédes italiano, a um "penalty" marcado por Breock.



O público assistindo ao encontro entre Alfredo Trindade e Assunção Silva.





na actual direcção da Associação Comercial do Porto. Da esq. para a dir.: senhores Manuel Marques Guedes, Pedro Maria da Fonseca, 2.º secretário, José da Fonseca Meneres, vice-presidente, Antonio de Oliveira Calem, presidente, Carlos Alberto Guimarães Lelo, 1.º secretário, Francisco Borges, tesoureiro, Alberto Santos Costa; e em pé, Frank Yeatman, G. Maxwell A. Graham, dr. Vasco de Oliveira Mourão, João Henriques Moreira Ferreira, Manuel Caeetano de Oliveira, W. Stive, José Julio Cilaça e José Manuel Gabriel

# A Associação Comercial do Porto comemorou plenamente o seu primeiro centenário

Com o brilhantismo que costuma caracterizar todas as suas manifestações, comemorou a prestigiosa Associação Comercial do Porto o seu primeiro Centenário, a cujas solenidades veio expressamente assistir, o ilustre Ministro do Comércio e Indústria que em nome do Governo a agradeceu com o Grã-Cruz da Ordem de Cristo, dando assim os Poderes Públicos mais um eloquente testemunho da alta consideração e apreço em que têm a vasta obra desta prestantíssima Colectividade que honrando a cidade do Porto, seu berço, prestígio o País.

São cem anos de constante e árduo trabalho, de dedicação sem limites que a tornaram credora da gratidão das regiões nortenhas que a todas têm chegado os benefícios da sua acção. São inúmeros os serviços que se lhe devem em todos os aspectos da nossa actividade, por isso que, não se limitando ao amparo e defesa dos legítimos interesses da classe que tão briosamente representa, tem abordado com igual perseverança vários problemas de verdadeira interesse nacional.

Estão neste caso as obras do porto de Leixões que constituiram por largos anos a suprema aspiração dos povos do Norte e a cuja realização, hoje em pleno andamento, a Associação

Comercial, acompanhada dos demais organismos económicos da cidade, prestou o mais decidido concurso, insistindo continuamente junto dos sucessivos Governos pela solução deste caso, de tão largo alcance para todo o País, e ainda recentemente a Exposição Colonial cuja iniciativa partiu das suas salas e que veio a constituir o nosso mais assinalado triunfo dos últimos tempos.

A vida comercial portuense está de há muito intimamente ligada uma numerosa e escolhida colónia inglesa que se tem evidenciado nos vários ramos da actividade local, em que alguns dos seus membros têm conquistado posições de real destaque, e como tenham sido ingleses também vários dos fundadores da Associação, manteve esta sempre, nas suas sucessivas direcções, representantes dos comerciantes britânicos que lhes têm prestado a mais dedicada e leal colaboração.

A British Association associou-se espontaneamente à comemoração do centenário oferecendo à Direcção e ao representante do Governo um banquete a que assistiram, convidados, os hóspedes de honra que ao Porto foram homenagear a Associação Comercial desta cidade.

## Banco Aliança

No desenvolvimento e progresso de uma região tão importante como é a de que o Porto constitue o centro principal têm um primordial papel a desempenhar as instituições de



Os sr. engenheiro Sebastião Ramires, ministro do Comércio, Antonio de Oliveira Calem, e sua esposa D.ª Maria Eugénia Ramires Porto Calem, no baile do Palácio da Bolsa

cidade de filiais e agências de vários Bancos e Casas Bancárias. Possui o Porto, privativamente suas instituições desta natureza que exercem uma decisiva influência na vida económica local. Está nestes casos o Banco Aliança,



A sede do Banco Aliança na Rua Sá da Bandeira

de que esta cidade muito justamente se orgulha, com setenta anos de existência, que soube tornar-se um estabelecimento de reconhecida utilidade para a Economia Nacional, conservando sempre características de Banco regional e dos mais cotados do País.

Foi fundado o Banco Aliança em 1863, na Rua de Belomonte, passando depois para a Rua Mousinho da Silveira, e desde então, até agora, setenta anos decorridos, o seu constante progresso permitiu-lhe alcançar a prestigiosa situação que actualmente goza, ocupando um lugar de relevo entre os estabelecimentos de seus congeneres. Tendo-se mantido sempre na órbita estrita das transacções bancárias, o Banco Aliança conta hoje como um valor de excepcional alcance, confirmando

do pelo inabalável crédito dentro e fora do País. Para se avaliar, ainda que ligeiramente, do seu movimento coligimos do seu relatório, deversas elucidativas, do ano findo, algumas concludentes cifras. Efectuou-se em 1933 descontos na importância de cento e sessenta mil contos e os depó-

sitos realizados no mesmo ano subiram a mais de setecentos mil, dos quais seiscentos a prazo e os restantes à ordem.

No intuito de facultar maior comodidade aos seus clientes e alargar as suas instalações adquiriu o magnífico prédio da Avenida dos Aliados, 33-41, onde passou a efectuar também as transacções e onde se encontra actualmente a Direcção do Banco.

## A Casa Borges & Irmão

Em 7 de Fevereiro de 1884, vão portanto passados cinqüenta anos, abriu na rua hoje denominada Sampaio Bruno, tornejando para a de Sá da Bandeira, um pequeno estabelecimento de cambista em que se associaram dois irmãos, Francisco e António Borges.

Iniciaram assim as suas modestas transacções e certamente nem eles próprios visionaram, por melhor que fosse o seu optimismo, o desenvolvimento que ela tomaria constante e progressivamente até se ter tornado, como o é já de há muito, um dos estabelecimentos financeiros mais importantes do País, com decisiva influência na vida económica nacional.

Irradiando a sua acção foi estabelecendo filiais, em Lisboa, na rua de S. Julião e Praça do Comércio, em Braga, na Praça do Barão de S. Martinho, em Ovar, na rua Elias Garcia, em Matosinhos na rua Brito Capelo e ainda, como as suas relações com o Brasil atingissem sensíveis proporções, estabeleceram em 1903, no Rio de Janeiro, rua da Alfândega, uma outra filial a cuja solene inauguração foi expressamente assistir o sócio Francisco Borges.

A despeito, porém, de todas as propriedades da Casa Borges & Irmão, transformada assim num centro financeiro de justificado relevo, nunca ela perdeu as suas características primitivas. Os seus sócios, cujos gabinetes são extremamente acessíveis, recebem com o mesmo simpático acolhimento todos os seus clientes, tanto os que vão tratar de importantes negócios, como os simples aldeãos que ali vão fazer os seus pequenos depósitos.

Passa hoje de quinhentos o número de empregados da Casa Bancária e suas filiais e são bastantes, e algumas deveras importantes, as empresas industriais, comerciais e agrícolas que ela tem impulsionado e esta relevante obra de conjunto explica — e muito bem — o prestígio da firma Borges & Irmão, cuja sede actual se encontra instalada no esplêndido prédio da rua Sá da Bandeira, mantendo todavia a instalação inicial na esquina da de Sampaio Bruno.



Aspecto da e a serva no baile do Palácio da Bolsa

## A Associação Comercial do Porto 1834-1934

Em 1834 cinqüenta dos principais negociantes do Porto que até aí se reuniam, a tratar dos interesses do commercio local, numa casa da rua

Van Zeller, sócio da firma Van Zeller's & C.º, deputado às côrtes Constituintes de 1820 e membro do Senado Municipal portuense.

Para se avaliar, ainda que imperfeitamente, do que tem sido a acção da prestantíssima Colectividade basta passar em revista, ainda que breve e su-



Arnaldo Van Zeller presidente em 1834.

dos Ingleses, hoje a do Infante D. Henrique, fundaram a Associação Comercial do Porto de que foi iniciador e primeiro Presidente Arnaldo



Antonio de Oliveira Calem, presidente em 1934.

cinta, os relevantes serviços prestados não sómente à cidade, mas até ao País. Em 1835 instalou o telegrapho marítimo e dois anos depois tomou a iniciativa da criação de uma Cadeira de Economia Política, mantendo-a largo tempo, e da construção da rua Ferreira Borges, o que lhe valeu uma portaria de louvor do Ministro do Reino.

Em 1840 iniciou os trabalhos da construção do Edifício da Bolsa, nos terrenos do extinto convento de S. Francisco de que hoje apenas resta a Igreja do mesmo nome, a joia mais valiosa do rico tesouro artístico que o Porto possui. Para esse effeito foi autorizada a cobrança de um imposto adicional sobre algumas mercadorias despachadas na alfândega do Porto que permitiu que em 1842 se lançasse solenemente

a primeira pedra e após treze meses fôsse inaugurada uma parte da nova séde.

Em 1861 arbitrou um subsídio anual de dois contos de réis, então uma importante verba, em 1866 substituiu no telegrapho marítimo por um Morse o aparelho Breguet, em 1871 comprou ao Estado os terrenos da antiga cerca do convento de S. Domingos, fronteiro à Bolsa, afim de evitar que ali se fizessem quaisquer edificações, em 1873 construiu no terreno pertencente ao Banco Commercial uma casa para estação da Guarda Municipal afim desta vigiar os valores ali depositados, não só da Associação como dos seus empregados. Em 1862 distribuiu dez donativos de quatrocentos mil réis, em inscrições, cada um, a outras tantas viúvas de comerciantes em más circunstâncias, solenizando assim a visita do Rei D. Luís e Rainha D. Maria Pia.

Em 1883 iniciou a construção do monumento do Infante D. Henrique, em 1888 abre uma subscrição a favor das vítimas sobreviventes do incendio do Teatro Baquet encabeçando-se com um conto de réis e dando os seus directores setecentos mil réis, em 1889, 1892 e 1897 tomou o encargo de representar o Vinho do Porto nas Exposições de, respectivamente, Paris, Chicago e Filadélfia.

A expensas suas foi criada, em 1898, na Escola Elemental do Comercio, uma cadeira de inglês, em 1900 encarregou-se das obras de construção do Posto de Desinfectação de Leixões, cuja primeira pedra foi lançada com a assistência do Rei D. Carlos e Rainha D. Amélia e em 1927 solenizou o cinquentenário da inauguração da ponte D. Maria Pia.

Muito mais se alongaria a lista se nela quisessemos incluir todas as beneméritos iniciativas a que a prestantíssima Colectividade tem o seu nome ligado. Mas as que aqui ficam mencionadas bastam para a impor à consideração e respeito dos que, proventura, ainda ignoravam quanto lhe deve a capital do Norte e com ela todo o país.

Por isso, o centenário que se comemorou agora tem um alto significado como consagração dessa notável e meritória obra.



A filial do Banco Aliança na Avenida dos Aliados

crédito, quando norteadas por são critério e fortificadas pela confiança pública.

O comércio da praça portuense, movimentado avultadíssimos capitais, tem encontrado nelas um dos seus mais valiosos colaboradores, o que sobejamente explica a instalação nesta

Um aspecto do sumptuoso baile no Palácio da Bolsa



# O VINHO DO PORTO

## A maior riqueza do comércio exportador

para a defesa da exportação que atravessava os mares infestados de piratas e deve-se-lhe ainda um posto de socorros a naufrágios na margem direita, à entrada da barra e a construção das primeiras estradas do Porto à Foz e ao Pinhão.

Esta companhia que é também conhecida entre nós pela Companhia Velha e no estrangeiro pela Royal Oporto Wine Company desenvolveu, portanto, um papel preponderante no desenvolvimento da cultura das vinhas do Douro e no comércio dos seus produtos, contribuindo eficazmente para o prestígio do Vinho do Porto e assentando em sólidas bases o crédito que para si conquistou, graças ao metucioso cuidado com que trata as suas vinhas e o esmero com que prepara as suas marcas, tanto no que respeita aos vinhos generosos como aos de consumo, destacando-se de entre aqueles as mais famosas novidades a partir de 1815, de que possui o mais valioso e avultado stock.

### Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto

Uma poderosa organização agrícola e comercial representa esta Companhia, sucessora da Casa Ferreirinha, de quasi dois séculos de existência, pois data de 1751 a sua fundação pelos antepassados da veneranda Senhora Dona Antónia Adelaide Ferreira, cuja tradição se conserva indelevel em toda a região duricense onde marcou posição de excepcional relevo mercada das suas altas qualidades de inteligência e de bondade.

O seu invulgar prestígio transmitiu-o aos seus herdeiros que guindaram e mantêm a actual Companhia ainda conhecida pela Ferreirinha e que hoje constitui um grande e incontestável valor no importante negócio dos Vinhos do Porto.

Possue actualmente trinta e duas grandes quintas disseminadas pela região demarcada, das quais se destacam a do Vesuvio, ocupando uma área superior a oitocentos hectares e mais de doze quilómetros de perímetro, e a da Vala do Meio, com mais de setecentos hectares e dez quilómetros. A circunstancia de ser esta a sua própria fornecedora garante aos seus vinhos colhidos nos mesmos locais e preparados com idênticos cuidados, a conservação inalterável dos seus vários tipos.

A sua produção anual oscila entre um milhão e meio de litros o que lhe permite uma exportação considerável, por isso que vai a todos os Continentes, e um notável abastecimento dos mercados nacionais onde conquistou uma invejável posição.

Os seus vastos armazéns do Douro e de Gaia albergam mais de seis milhões de litros, dispondo ainda de uma massa importante de vinhos engarrafados e autênticos das melhores colheitas a partir de 1815 até 1927.

Justificada está assim, de sobra, a situação desta Companhia que conseguiu manter, fixando-os em sólidas bases, o prestígio e o crédito, hoje inabaláveis, da Casa Ferreirinha.

Adriano Ramos Pinto

Dos grandes organismos que conseguiram marcar posições de real destaque no importante comércio de Vinhos do Porto apresentam alguns deles características especiais dignas de particular registo.

Está nestes casos a firma que o antigo negociante da especialidade Adriano Ramos Pinto fundou em Gaia em 1880 e que se foi desenvolvendo progressiva e constantemente até atingir a importância que hoje tem, assente em sólidas bases o prestígio deste nome nos mercados do País e no estrangeiro.

Aliando ao seu instinto de homem de negócios uma esmerada educação artística, um dos seus primeiros cuidados foi tratar da apresentação dos vinhos, até então bastante rudimentar. Modificando completamente as embalagens do vinho engarrafado nada lhe escapou desde a cápsula e o rótulo até as próprias caixas que se apresentavam em madeira toscas e cheias de nós, pouco em harmonia, portanto, com as excelentes qualidades dos vinhos.

Simultaneamente, numa visão clara das necessidades do comércio moderno, dedicou-se à propagação dos seus vinhos, por todos os meios ao seu alcance, nessa época, chegando a ir procurar no estrangeiro as maiores novidades em brindes para oferecer aos seus clientes.

Coroados do melhor êxito foram os seus esforços porquanto passado pouco tempo a sua casa ocupava um lugar de destaque entre os principais exportadores, conquistando os mercados da América do Sul, com primazia do Brasil a quem ficou devendo, em grande parte, o grande impulso dado ao seu negócio que atingiu proporções tais que as medidas das suas exportações para as terras de Santa Cruz, que ainda mantêm, correspondem a mais de metade da nossa exportação total. Correspondendo ao apêço demonstrado nesta República, no ano de 1906 ofereceu à cidade do Rio de Janeiro, ficando colocada no Jardim da Glória, a Fonte Ramos Pinto, um artístico monumento em mármore de Carrara e algum tempo depois uma rica taça de prata a disputar no campeonato de football entre o Rio de Janeiro e S. Paulo.

O triunfo incontestado da Casa Ramos Pinto deve-se ao metucioso cuidado na preparação dos seus vinhos, nos processos comerciais que adopta baseados sempre nos mais modelares princípios de correcção e seriedade e finalmente ao crédito inabalável que conquistou.

### Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão

Em 1884 foi fundada a firma comercial Borges & Irmão, que se dedicou ao negócio de Vinhos do Porto. Foi seu principal animador Artur Lelo de quem, todos que o conheceram — e são muitos — conservam as mais saudáveis recordações, do homem pelas excepcionais qualidades do seu carácter e do comerciante pela inextinguível correcção com que dirigia os seus negócios, conseguindo alcançar para a sua casa comercial o prestígio que tanto influiu para a privilegiada situação que hoje desfruta na primeira fila das organizações congêneres.

Seus filhos que muito novos o auxiliavam na ardua tarefa que se tinha imposto, foram seus hábeis continuadores, tendo impulsionado de

tal forma essa obra que levaram a Casa Borges a representar um valor com que há que contar no comércio de vinhos, nos mercados nacionais de que são dos principais distribuidores e nos estrangeiros a cujos centros mais importantes fazem chegar os seus produtos, sempre acolhidos com a preferência que merecem.

Modelares são as suas instalações que constantemente se têm ampliado, representando hoje 25.000 metros quadrados a área ocupada pelos seus armazéns de Gaia, alguns destinados a

em 1774 que se fundou em Glasgow, Escócia, a firma William Graham & C.<sup>o</sup> (Guilherme Graham & C.<sup>o</sup>), proprietária de importantes fábricas textéis, junto do rio Clyde. Mais tarde, em 1809, por ocasião das guerras Napoleónicas, William Graham Júnior, com o objectivo de promover entre nós a colocação e venda dos seus produtos, estabeleceu-se em Lisboa, sob razão social «William Graham Júnior & C.<sup>o</sup>», e decorrido algum tempo seu sobrinho John Graham criou a casa do Porto que inicialmente se denominou John Graham & C.<sup>o</sup>, e mais tarde Willia n & John Graham & C.<sup>o</sup> que é ainda hoje a firma que no comércio de Vinhos do Porto tem uma situação de relevo, negócio este que começou em 1826 e que durante cem anos esteve conjugado com as demais actividades da mesma firma, mas de que actualmente está separado, embora continue intimas as mútuas relações.

Para se avaliar da sua importância regista-se que durante os cem anos exportou vinhos do Porto, das mais finas qualidades, em quantidade suficiente para encher cento e vinte milhões de garrafas, ou sejam setenta e cinco milhões de litros.

Os seus vastos armazéns da Quinta do Agro, em Gaia, foram expressamente construídos para aquela firma, tendo o seu corpo principal o espaço suficiente para comportar no mesmo pavimento, cerca de dez mil pipas, dispondo ainda de uma bem apetrechada tanoeira, possuindo na região duricense, perto do Tua, a Quinta dos Malvedos, adquirida em 1890 à família Pinto Basto, e na Régua uma completa organização para armazém de aguardente.

É também digna de especial referência a actividade industrial da mesma firma, entre nós, tendo adquirido em 1880 a Fábrica de Estamparia e Tinturaria de Braço de Prata e feito edificar em 1889 a fábrica de Fiação e Tecidos da Boa Vista, instalação verdadeiramente modelar, assim como adquirindo a Fábrica de Papel da Abelheira, no Tojal. Atingiram estes seus pro-



A fonte de Ramos Pinto, no Rio de Janeiro

vinho do Porto, com 3.000 cascos e 24 balseiros de 75 a 100 pipas de capacidade possuindo o maior balseiro do mundo para vinho do Porto, em madeira de carvalho cuja capacidade é de 144.000 litros e outra parte reservada a vinhos de consumo, com grande número de balseiros e 32 cubas de cimento armado, revestidas interiormente de vidro, comportando cerca de 4.000 pipas de vinho. Os armazéns da Régua, onde se recolhem, depois da vindima os vinhos feitos e beneficiados nas várias adegas do Douro, comportam perto de mil e quinhentas pipas de vinho do Porto e aguardente e nos do Pinhão têm a mesma Sociedade várias cubas de cimento, também vidradas, para a aguardente a distribuir pelas adegas, na devida oportunidade e ainda, em cascos e balseiros cerca de 1.000 pipas de vinho do Porto.

Também a firma Borges & Irmão, possui as esplêndidas Quintas do Junco, da Soalheira e da Casa Nova no coração da região duricense que produz os mais finos vinhos de toda esta zona e que ali são primorosamente tratados pelos mais modernos processos. Junte-se a tudo isto uma perfeita organização na secção de engarrafamento e da tanoeira em que é fabricado todo o vinho necessário à sua enorme produção, as centenas de operários empregados nos seus muitos trabalhos e explicado fica o triunfo no comércio de vinhos do Porto, da Sociedade de Vinhos Borges & Irmão, L.<sup>da</sup>.

### A Casa Graham

Entre as firmas inglesas que exercem a sua actividade no comércio portuense destaca-se pela sua antiguidade e volume dos seus negócios a Casa Graham que em Inglaterra se estabeleceu há século e meio e em Portugal há cento e vinte e cinco anos. Foi efectivamente



JOHN GRAHAM  
fundador da casa do Porto

dutos tal perfeição que nas exposições realizadas no país têm obtido as melhores classificações e ainda recentemente na Exposição Colonial, onde apresentou uma das melhores instalações, alcançou dois Grandes Prémios e dois diplomas de honra.

A grave questão duricense, arrasando-se havia já longos anos, ameaçava atingir uma acuidade tal que punha em serios riscos de ruína uma das maiores, se não a maior riqueza nacional.

Baldados tinham sido os múltiplos esforços empregados em a resolver, fracassados geralmente pela profunda desorganização tanto de produtores como de exportadores, agravada pelo acatamento de preços do Vinho do Porto nos mercados externos, provocada por desordenada e desleal concorrência que, grazeiramente prejudicial as antigas e acreditadas empresas, com avultados capitais investidos neste importante negócio.

O actual Ministro do Comércio, que aqui encontrou valiosas colaborações, resolveu-se a enfrentar o problema procurando resolverlo com a criação de vários organismos incumbi-

dos de acompanhar o Vinho do Porto desde a produção até sua distribuição pelos respectivos mercados. Foram assim, criados a Casa do Douro, o Grémio dos Exportadores e o Instituto do Vinho do Porto e ainda, com carácter transitório, a Comissão Abastecedora de Vinhos à cidade do Porto, e de curto espaço de tempo decorrido já começaram a sentir-se os efeitos desta nova organização.

Evidentemente não se poderia ter a pretensão de resolver de pronto todas as dificuldades desde longe amontoadas, mas não é acentuado vaticinar que num breve futuro o Vinho do Porto fortificará a sua posição dentro do País e fora dele. Vai nisso o interesse geral, dos produtores, negociantes e consumidores e ainda o bom nome e justo prestígio do melhor vinho do mundo inteiro.

Que só é Vinho do Porto o vinho produzido na região demarcada do Douro em Portugal. Que todo o Vinho do Porto autêntico tem, na sua origem, um certificado do Porto. Que todo o Vinho do Porto exportado tem de ser acompanhado de um certificado de origem. Que sómente o Instituto do Vinho do Porto, organismo oficial criado pelo Governo Português para garantir a pureza e genuinidade do Vinho do Porto, tem o direito de passar esses certificados de origem.

Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro

A história do Vinho do Porto está indissolubilmente ligada a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, a mais antiga organização, datando de 1756, no reinado de D. José, sendo seu primeiro Ministro o Marquês de Pombal que teve a clara visão do alto valor do Vinho do Porto e da importância de que era susceptível o seu comércio de exportação.

Foi criada por alvará daquele ano, tendo por objectivo principal intensificar e aperfeiçoar a cultura das vinhas e os resultados obtidos traduzem-se na diferença da exportação que, tendo sido naquela data de 12.211 pipas, atingiu em 1801, 66.629.

Já em 1773, conforme documentos existentes, se venderam para a Armada do Rei de Inglaterra 300 pipas, no valor de £ 3.216 11.7.

Com o fim de habilitar os nacionais nas regras do comércio e navegação fundou em 1779 a Academia do Comércio e Navegação, executou os trabalhos de navegação do Douro, abrindo o seu leito em S. João da Pesqueira, fez construir duas fragatas armadas de canhões

Armazéns e grancha privada da Casa Ferreirinha

### O Instituto do Vinho do Porto

CRIADA a Casa do Douro, organização sindical dos lavradores da região duricense, seguiu-se o Grémio de Exportadores que disciplinou a exportação e como remate o Instituto do Vinho do Porto que constitui a indispensável ligação coordenadora dos interesses da lavoura e do comércio.

Este organismo cabe a missão de acompanhar o Vinho do Porto desde que sai das mãos do lavrador até chegar ao seu destino e aqui, ainda, muito tem a fazer em obediência às atribuições que lhe estão cometidas. Tem que estudar conscienciosa e metódicamente os gostos e preferências dos importadores, tão diferentes entre si, realizar uma inteligente propaganda, principalmente nos mercados estrangeiros, utilizando os mais modernos e eficazes processos, hoje indispensável recurso sobretudo nos grandes centros cosmopolitas e que embora dispendiosa se torna, pelos seus efeitos largamente compensadora.

Está também na sua alçada a orientação do combate às fraudes que tantos prejuízos têm causado à nossa exportação e ainda a expansão do mesmo vinho, aproveitando para esse efeito os organismos já criados ou criando outros onde se torne necessário, colaborar na remodelação eficiente dos tratados e acordos comerciais, passar os certificados de origem e boletins de análises, condicionar a exportação conforme as exigências dos mercados e, enfim, defender por todos os meios ao seu alcance o prestígio do Vinho do Porto.

Tendo adquirido para sua sede o edifício outrora ocupado pelo Banco Comercial logo que estejam concluídas as obras de adaptação alargará a esfera da sua acção iniciando o estudo das castas de vides que mais convenham e os tratados de ampelografia, histologia e enologia. A criação destes organismos de assistência ao Vinho do Porto mereceu à revista técnica de especialidade, de Londres, «The Wine Trade Review», as mais lisonjeiras referências.

O Instituto tem insistentemente recomendado por esse mundo fora, através de artísticos folhetos, redigidos em vários idiomas, ilustrados com expressivas gravuras, que tenham sempre presente:



**Xadrez**

(Solução)

- |                  |                       |                        |
|------------------|-----------------------|------------------------|
| 1. C-5 R<br>R×C  | 2. D×P+<br>R×C        | 3. D-3 R+<br>Mate      |
| 1. ....<br>P×P   | 2. C×P B D<br>ad lib. | 3. D+ ....<br>Mate     |
| 1. ....<br>P-6 D | 2. D-8 D+<br>R×C      | 3. D×P R<br>Mate       |
| 1. ....          | 2. D×P B R<br>ad lib. | 3. D+... ou C+<br>Mate |
- Qualquer outro

**Bridge**

(Problema)

- Espadas — D, V, 8, 2.  
Copas — A, 10.  
Oiros — 3.  
Paus — — — —

- |                 |          |                    |
|-----------------|----------|--------------------|
| Espadas — 7, 6. | <b>N</b> | Espadas — 9, 5, 4, |
| Copas — D, 9.   | <b>O</b> | 3.                 |
| Oiros — — — —   | <b>E</b> | Copas — V,         |
| Paus — 9, 6, 5. | <b>S</b> | Oiros — 10, 7.     |

- Espadas — A.  
Copas — 8.  
Oiros — 6, 5, 4.  
Paus — V, 8.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o oito de oiros. O corta e joga trunfo que S cobre. Se E se baldar a paus, S joga a dama de espadas e depois dá a mão a E com a carta pequena de oiros. Se E se baldar a oiros, S joga o cinco de espadas e se O não cobrir, E será obrigado a pegar na vasa. Se O cobrir as espadas S enforquillá-lo-á em espadas. Se E se baldar às espadas, S joga a carta pequena de oiros, E cobre e deve deixar a mão para N que fará três vasas em paus.

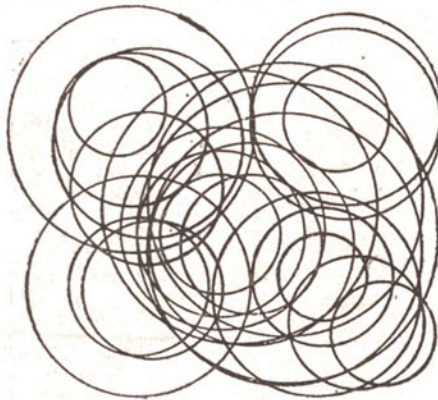
Se, na segunda vasa O jogar umas espadas pequenas S cobre e faz com que N corte uns oiros e jogue, em seguida paus para fazer com que O corte. S fará, a seguir, a sua dama de espadas e o seu dez de trunfo.

Se O jogar o valete de espadas na segunda vasa, N corta e obriga depois O a cortar uns paus. S fará, então, as suas duas espadas e o dez de copas.



**Uma embrulhada de círculos**

(Problema)

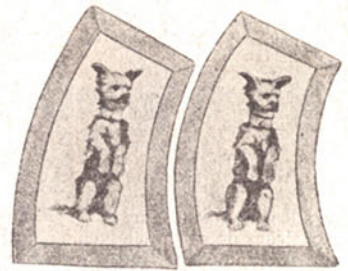


Esta figura, que faz lembrar um enredo inextricável de arames, não é, afinal de contas, outra coisa senão uma grande quantidade de círculos traçados, para aí, *ad libitum*, com o fim exclusivo de pôr à prova a paciência dos leitores que se quiserem dar ao trabalho de descobrir quantos círculos ali se encontram.

Representaremos por *n*, o número deles, entre grandes e pequenos, e acrescentaremos ainda que esse número *n* é superior a uma dúzia, mas que a doze dúzias não chega.

Calculem, portanto, o valor de *n*, com estes elementos.

**Ilusão óptica**



Qualquer pessoa que olhe para o desenho junto, dirá imediatamente que o cão que ocupa a moldura da esquerda é mais pequeno do que o outro, o que não é exacto. São ambos perfeitamente iguais, como se pode verificar medindo-os. O que dá, pois, está ilusão? É o facto das linhas superior e inferior do quadro que contém a figura, se inclinarem para a direita, o que faz parecer o desenho mais pequeno, quando, medindo-o com o compasso, se pode demonstrar que os dois são absolutamente do mesmo tamanho.

É frequente encontrar nos romances populares frases disparatadas ou absurdas que os autores deixam escapar da pena, levados pela urgência de realizar um trabalho extenuante de que dependem para viver.

Ponson du Terrail, o autor de «Rocambol» tem exemplares curiosos desse género na sua obra. Citaremos alguns dos mais conhecidos.

«Daniel não respondeu; era a primeira vez que falava assim a seu pai».

«O visconde usava jaqueta curta e calças da mesma cor».

«O seu chapéu, esfrangalhado e roto, carecia já de expressão humana».

«O coronel andava dum lado para outro do aposento, com as mãos atrás das costas, lendo o jornal da manhã».

O próprio Vitor Hugo não pôde evitar de fazer «gaffes», em particular quando o arrastava o ardor da eloquência. Certo dia em que discursava, disse em essência o seguinte:

«Cidadãos! Os tiranos hão-de desaparecer da face da Terra. Se o destino me collocasse amanhã em presença dum, a minha atitude estaria de antemão traçada. Como homem livre não me curvaria ante o despotismo. Lançaria mão duma espada, cortaria a minha própria cabeça e arrojando-a ao rosto do tirano, dir-lhe-ia: «Toma, miserável, aqui tens o que faz um homem livre».

Em muitos desertos da África e da Ásia crescem plantas cujas raízes mergulham na terra a profundidades extraordinárias em busca da água de que carecem. Algumas dessas raízes descem a 40 metros e só se ramificam ao atingir a zona líquida. Conhecem-se algumas espécies em que o péso das raízes é mil vezes superior ao do resto da planta.

Giovani Pascoli, poeta doce e melancólico, sabia em muitas ocasiões usar duma ironia cáustica. Certo dia, um rapaz que tinha a mania de escrever poesias tanto insistiu que obteve licença para lhe ler em voz alta um poema da sua autoria. Quando terminou quis saber a opinião do mestre.

- Que lhe parece? — perguntou ansioso.
- Acho que os seus versos — observou Pascoli — têm falta de fôgo...
- Aconselha-me então a que ponha neles mais ardor, mais...
- Nada disso. Aconselho-o a que os meta no lume.

**Humor britânico**



Ela (esperando um logio): — Mas, meu anjo, há no mundo uma infinidade de homens mais interessantes do que eu. Porque é que gostas assim tanto de mim?

Ela (com inocente franqueza): — Se queres que te diga, não sei, meu amor.

(De «London Opinion».)



A aparecer:

NOVIDADE LITERÁRIA

# MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 vol. de 320 págs. . . . . **12\$00**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## 3.000.000 DE SENHORAS EMPREGAM ÊSTE PÓ TODAS AS MANHÃS

E' um tónico para a pele — Suprime de vez os narizes luzidios

Há alguns anos um especialista do rosto descobriu que combinando à «mousse de crème», espuma de nata com o pó de arroz, este conservasse todo o dia a despeito do calor, do vento, do tempo chuvoso, banhos do mar e da transpiração provocada pela dança. A «mousse de crème» permitia igualmente ao pó exercer sobre a pele uma acção tonificante.

O seu uso constante suprimia rapidamente e para sempre o brilho do nariz. Os defeitos do rosto desapareciam e a pele tornava-se macia, lisa e aveludada como as pétalas da rosa. No Pó Tokalon a «mousse de crème» é misturada cientificamente e em proporções exactas com um pó micelar e dos mais finos. Ele não adere em pastas sobre a pele. 3 000 000 de senhoras



Uma tez brilhante de juventude e de beleza sómente por alguns escudos



empregam este pó todas as manhãs. Em Portugal, França, Espanha e em Itália as senhoras mais lindas e mais «chics» exigem o pó de arroz Tokalon.

*Venda em todas as perfumarias*

Não encontrando escreva à «Agência Tokalon», 88 Rua da Assunção — LISBOA, que atende sem demora.

# SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS  
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191  
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas  
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA  
— A GARANTIA NA VELHICE —

**CONSULTEM A SAGRES**

INCENDIO  
MARITIMOS

**AUTOMOVEIS E POSTAES**



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios



## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado .....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado .....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens —</i> A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Trevia! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado .....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

*Acaba de ser posto à venda o*

# NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola  
Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras,  
encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## BREVEMENTE

### *A nova edição*

DA

# ALTA RODA

POR

**JULIO DANTAS**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,  
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros  
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. .... Esc. 30\$00

PEDIDOS A

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bêbé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Ben-  
noliel e Dr. Edmundo Adler,  
com um prefácio do Dr. L. Cas-  
tro Freire e com a colaboração  
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



## Obras de BLASCO IBAÑEZ

<b>A adega</b> , tradução de E. Sousa Costa - 1 vol. de 342 págs., brochado	10\$00
<b>A cafedral</b> , tradução de Vasco Valdez - 1 vol. de 338 págs., brochado	10\$00
<b>Cortesã de Sagunto</b> , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 332 págs., brochado	10\$00
<b>Por entre laranjeiras</b> , romance, tradução de Morais Rosa - 1 vol. de 90 págs., brochado	10\$00
<b>Flor de Maíó</b> , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro - 1 vol. de 206 págs., brochado	10\$00
<b>Jesuítas</b> , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 340 págs., brochado	10\$00
<b>Os mortos mandam</b> , novela, tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 324 págs., brochado	10\$00
<b>Oriente</b> , tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 256 págs., brochado	10\$00
<b>No país da Arte</b> , tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 274 págs., brochado	10\$00
<b>Terras malditas</b> , tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 234 págs., brochado	10\$00
<b>Touros de morte</b> , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 384 págs., brochado	10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume . . . . . 15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## Obras de ALEXANDRE HERCULANO

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). - 1 vol. com 345 páginas, brochado	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> . (Romance). - 388 páginas, brochado	10\$00
<b>O monge de Cister</b> . (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> - 2 vols. com 667 páginas, brochado	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). 8 vols., brochado	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> - 284 páginas, brochado	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal</b> - 3 vols., 1.139 páginas, brochado	30\$00
<b>Composições várias</b> - 374 páginas, brochado	10\$00
<b>Poesias</b> - 224 páginas, brochado	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) - 2 vols. com 586 páginas, brochado	20\$00
<b>Opúsculos:</b>	
Vol. I <i>Questões públicas</i> - tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> - tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> - tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> - tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> - tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> - tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> - tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> - tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> - tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> - tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado	10\$00
<b>Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem</b> , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio - 1 vol. de 324 páginas, brochado	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## OBRAS DE JULIO DANTAS

### PROSA

ABELHAS DOIRADAS - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... - (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. - (5.ª edição) - O que eu lhe disse das mulheres - O que lhe disse da arte - O que eu lhe disse da guerra - O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM - (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM - (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
FÊLES E ELAS - (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS - (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO - (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA - (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES - (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR - (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA - (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO - (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA - (Conferência), 1 fol.	1\$50

### POESIA

NADA - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS - (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

### TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO - (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA - (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) - (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS - (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA - (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA - (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA - (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 - (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR - (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS - (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO - (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR - (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE - (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO - (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) - (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA - (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS - (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO - (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

### Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA



# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

**Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <p>1—<b>DA TERRA À LUA</b>, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—<b>A RODA DA LUA</b>, 1 vol.</p> <p>3—<b>A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</b></p> <p>4—1.ª parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.ª parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—<b>CINCO SEMANAS EM BALÃO</b>, 1 vol.</p> <p>7—<b>AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES</b>, 1 vol.</p> <p>8—<b>VIAGEM AO CENTRO DA TERRA</b>, 1 vol.</p> <p><b>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</b></p> <p>9—1.ª parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.ª parte—<i>Oceano Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p><b>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-<br/>NAS:</b></p> <p>12—1.ª parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.ª parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p><b>A ILHA MISTERIOSA:</b></p> <p>14—1.ª parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.ª parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.ª parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p><b>MIGUEL STROGOFF:</b></p> <p>7—1.ª parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>8—2.ª parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p><b>O PAÍS DAS PELES:</b></p> <p>9—1.ª parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>11—<b>UMA CIDADE FLUTUANTE</b>, 1 vol.</p> <p>2—<b>AS INDIAS NEGRAS</b>, 1 vol.</p> <p><b>HEITOR SERVADAC:</b></p> <p>3—1.ª parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>4—2.ª parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>15—<b>O DOUTOR OX</b>, 1 vol.</p> <p><b>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</b></p> <p>16—1.ª parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>17—2.ª parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—<b>A GALERA CHANCELLOR</b>, 1 vol.</p> <p>29—<b>OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN</b>, 1 vol.</p> <p>30—<b>ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA</b>, 1 vol.</p> <p><b>A CASA A VAPOR:</b></p> <p>31—1.ª parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.ª parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p><b>A JANGADA:</b></p> <p>33—1.ª parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.ª parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p><b>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</b></p> <p>35—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.º vol.</p> <p>36—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.º vol.</p> <p>37—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.º vol.</p> <p>38—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.º vol.</p> <p>39—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.º vol.</p> <p>40—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.º vol.</p> <p>41—<b>A ESCOLA DOS ROBINSONS</b>, 1 vol.</p> <p>42—<b>O RAIO VERDE</b>, 1 vol.</p> <p><b>KERABAN, O CABEÇUDO:</b></p> <p>43—1.ª parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.ª parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—<b>A ESTRELA DO SUL</b>, 1 vol.</p> <p>46—<b>OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO</b>, 1 vol.</p> <p><b>MATIAS SANDORFF:</b></p> <p>47—1.ª parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.ª parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.ª parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—<b>O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»</b>, 1 vol.</p> <p>51—<b>O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672</b>, 1 vol.</p> <p>52—<b>ROBUR, O CONQUISTADOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>NORTE CONTRA SUL:</b></p> <p>53—1.ª parte—<i>O ódio de Texar</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.ª parte—<i>Justical</i>. 1 vol.</p> | <p>55—<b>O CAMINHO DA FRANÇA</b>, 1 vol.</p> <p><b>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</b></p> <p>56—1.ª parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.ª parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p><b>FAMÍLIA SEM NOME:</b></p> <p>58—1.ª parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.ª parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—<b>FORA DOS EIXOS</b>, 1 vol.</p> <p><b>CÉSAR CASCABEL:</b></p> <p>61—1.ª parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.ª parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p><b>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</b></p> <p>63—1.ª parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.ª parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—<b>O CASTELO DOS CARPATHOS</b>. 1 vol.</p> <p>66—<b>EM FRENTE DA BANDEIRA</b></p> <p><b>A ILHA DE HÉLICE:</b></p> <p>67—1.ª parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.ª parte—<i>Distúrbios no Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>69—<b>CLOVIS DARDENTOR</b>, 1 vol.</p> <p><b>A ESFINGE DOS GELOS:</b></p> <p>70—1.ª parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.ª parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—<b>A CARTEIRA DO REPÓRTER</b>, 1 vol.</p> <p><b>O SOBERBO ORENOÇO:</b></p> <p>73—1.ª parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.ª parte—<i>O coronel de Kermor</i>. 1 vol.</p> <p>75—<b>UM DRAMA NA LIVÓNIA</b>, 1 vol.</p> <p>76—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>. 1.º vol.</p> <p>77—<b>OS NAUFRAGOS DO JONATHAN</b>. 2.º vol.</p> <p>78—<b>A INVASÃO DO MAR</b>, 1 vol.</p> <p>79—<b>O FAROL DO CABO DO MUNDO</b>, 1 vol.</p> |
|---|--|--|

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA**



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA  
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM  
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

## O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

**Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta**

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

## MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tóda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



# Para conservar uma boa saúde, tome Ovomaltine



**P**ARA dar e manter uma boa saúde nada há como a deliciosa Ovomaltine. Esta completa e perfeita bebida tônica alimentar, contém em proporções correctas, numa forma concentrada, todos os elementos nutritivos essenciais para a formação do organismo, cerebro e nervos.

Durante a estação quente a Ovomaltine tomada a frio é essencialmente necessaria, mas não o é menos durante os meses de inverno em que preparada a quente se torna a mais agradável e reconfortante bebida alimentar.

A Ovomaltine é cientificamente preparada com malte suíço da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contém assucar vulgar para lhe aumentar o volume reduzindo-lhe o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100% de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tônica alimentar mais barata que se pode comprar.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

À venda em todas as farmácias, drogarías e boas mercearias em embalagens de 1 lata,  $\frac{1}{2}$  lata e  $\frac{1}{4}$  de lata, respectivamente a 34\$00, 16\$00 e 9\$50

DR. A. WANDER S. A. Berne  
UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL  
ALVES & C.ª (IRMÃOS)  
RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA